NATAL DE 1940
Revista da Semana
ANNO XLI • Nº 51
21 de Dezembro de 1940
1$500
EM TODO O BRASIL
BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
DEPT. LEGAL
SECÇÃO

BAIXELAS-TALHERES

REGENCE
CROISE
CLASSICO MODERNO
FILET 90
CLASSICO ANTIGO

Fracalanza

PANELAS DE AÇO INOXIDAVEL

DISTRIBUIDOR: H.F RACALANZA_Rua OURIVES 36

O TRATAMENTO MAIS FÁCIL
DA SÍFILIS INFANTIL

100 CC.
CLASSE V
LACTARGYL
LABS. PAULLETTI
RL

USO ORAL · DISPENSA INJEÇÕES
FÓRMULA PREPARADA ESPE-
CIALMENTE PARA CRIANÇAS

ANNO XLI — N.º 51

Revista da Semana

21 de Dezembro de 1940

ASSIGNATURAS

Brasil e as 3 Americas
Um anno..... 63$000
6 mezes..... 32$000

Extrangeiro
Um anno..... 170$000
Avulso..... 1$500

Registrada
Um anno..... 80$000
6 mezes..... 40$000

Registrada
6 mezes..... 60$000
Atrazado..... 2$000

15 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE — 15
Telephones: Direcção 222622 Gerencia 222550 Secretaria 224447
Redacção e Publicidade 229570 Photog. 221013 Portaria 225602
Endereço Telegraphico: REVISTA — RIO DE JANEIRO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITTERATURA E MODAS
A DECANA DAS REVISTAS NACIONAES
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia em 1930 e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.
PROPRIEDADE DA
COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.
DIRECTOR: GRATULIANO BRITO

SUCURSAL EM SÃO PAULO:
Edificio Martinelli — 10º. andar — Sala G Teleph.: 3-3885
Endereço Telegraphico: REVISTA
REPRESENTANTES
BAHIA Joaquim M. Cunha
Praça Castro Alves, 79 — São Salvador
PARANA' — Gerson Gomes Lustosa (correspondente)
Rua Carlos de Carvalho n.º 237 — Curityba
RIO GRANDE DO SUL
Ademar Lobato — (Agencia Publix)
Rua Siqueira Campos nº. 1169 - sala 6 — (PORTO ALEGRE)

TODOS OS ORIGINAES ENVIADOS A' «REVISTA DA SEMANA» DEVEM VIR DACTYLOGRAPHADOS.
OS TRABALHOS ASSIGNADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES
ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

"NÃO VENHAES, SENHOR MENINO"...

POR BERILO NEVES

«Senhor!

Aqui estou, num abrigo anti-aereo, ouvindo o rugir implacavel da Guerra. Ha mais de um anno que vivemos (será isto viver?...) como feras, neste covil de cimento, tão frio como o coração dos homens e tão brumoso como a philosophia de Kant... Perdi tudo: a familia, os amigos, a esperança... Em torno de mim, ha faces extranhas, nomes que nunca ouvi, palavras que jamais escutei. O unico traço commum, entre nós, é o soffrimento. Todos somos filhos da mais velha mãe dos homens — a Dor. A lagrima é o plasma sanguineo desta immensa familia dos refugiados no abrigo anti-aereo...

Como se approxima o dia do vosso Natal, tentei recordar as orações que aprendi na infancia, mas não achei nenhuma na minha memoria... Os ouvidos ensurdeceram de detonações estupidas e de queixumes infinitos. A ultima cousa que os homens esquecem são as rezas que aprenderam dos labios de suas mães. E até isto esquecemos, porque o nosso cerebro está cheio das brancas fulgurações das bombas e dos obuzes... Já não ha igrejas, nem cathedraes. Os bispos commungam, comnosco, a grande hostia da Amargura. As ruinas dos templos confundem-se com as das casas de negocios e as das casas do peccado. Tudo é pó e treva, como em Jerusalem, depois da entrada de Tito... Tudo morre, neste anno desgraçado: os individuos, as familias, as patrias... A Terra parece tornar-se, gradualmente, um cemiterio collectivo. Um dia, talvez os proprios continentes haverão de agonizar...

O bimbalhar festivo dos sinos foi substituido pelo espoucar raivoso da artilheria. Ha fogos, no céo, mas não são de artificio; são de morte. Os carrilhões transmudaram-se em sirenas. Os proprios relogios pararam — com medo da metralha. A vida universal entra em collapso.

Não ha festas de familia, porque os lares foram destruidos. Os proprios santos foram apeados dos altares — a golpes de bombas e de projecteis.

O fogo da lareira é o incendio que abraza toda a Nação. A Patria arde, como uma fogueira cyclica. O mundo arde como um vulcão cosmico. De todos os elementos naturaes, o Fogo é o mais forte porque não ha agua que o apague, nem terra que não se combura... Ha 1.900 annos os christãos tinham que se recolher ás catacumbas, com medo á furia dos Nero e dos Deocleciano. Hoje, os despotas obrigam, não só os christãos mas até os incredulos, a refugiarem-se em tocas de cimento. As feras humanas aguçaram as garras no transcurso de 19 seculos. O mundo progrediu na arte de ser estupido...

Papá Noel não virá trazer ás creanças o seu ingenuo sacco de brinquedos e quinquilharias. As bombas de aviação não respeitam os santos, nos altares, quanto mais os velhos nos telhados! Nem o luar passeia, hoje, nos tectos da cidade: o luar é um alliado do inimigo e já se foi o tempo em que elle inspirava damas romanticas e cavalheiros lyricos. A Treva é a nossa alliada... Bem sabeis, Senhor, que ella é irmã gemea da Morte...

Senhor!

O dia do vosso Natal vae ser, este anno, o mais triste e doloroso de todos. O Natal é a festa do nascimento e, nesta hora, tudo está morrendo, tudo... Ninguem tolera a ronda da Morte, junto ao berço das creanças, porque ellas representam idéas antinomicas: a creança é o começo e a Morte é o fim... A creança é a alvorada, a Morte é a noite... E' impossivel misturar a luz e a treva.

Em vez do grato perfume do incenso, vamos sentir, no dia do vosso Natal, o cheiro acre da polvora. O enxofre é o incenso do Demonio. E' a materia prima da destruição...

Em verdade, nem a Morte escapa á furia da Guerra. Bombardear os cemiterios, que outra cousa é senão matar os mortos? As ossadas vôam pelos ares, em estilhas. Ainda hontem, toda uma dynastia de reis escossezes pulou, de seus tumulos, revolvida por algumas bombas de 1.000 kilos...

Si os mortos não estão seguros nas suas catacumbas, que dizer dos homens em suas casas? Attingidas pelas rajadas de metralhadoras até as fontes seccam e as arvores ficam estereis... A velha pata de cavallo de Attila tomou a forma cylindrica dos projecteis... E a unica luz que havereis de ver, na Terra, é a dos holophotes — olho cyclópico das cidades, sempre em busca do perfil agourento dos «bombardeiros»...

Nem vós, Senhor Menino, estaes livre do furor insano dos homens. O homicidio é a grande palavra de ordem, neste anno infeliz de 1940. Onde arranjar um presepio quieto com algumas palhas acolhedoras e amigas? Como permittir que vossa Mãe repouse a formosa cabeça (que tantos pintores tentaram reproduzir) sem o perigo de vir todo o estabulo abaixo, sob a furia de um bombardeio?...

E onde andarão os Reis Magos, com as suas montadas somnolentas? Será que poderão ver a estrella-guia por entre o fuzilar dos relampagos da guerra?

Não vos imagino senão no repouso biblico do presepio, por entre os doces descantes dos pastores e a reverencia ingenua dos animaes domesticos. Bois, cavallos, ovelhas... onde andarão esses bichos poeticos, que ajudaram a embalar o vosso primeiro somno?

Senhor Menino, Senhor Menino! Não venhaes, este anno, á terra dos homens...

Gloria a Deus nas alturas e paz, na terra, aos homens de boa vontade... Paz, boa vontade... que palavras são essas que os Estados Maiores desconhecem...

Senhor Menino! Não venhaes, este anno, não venhaes...»

Assim falou o homem do abrigo anti-aereo...

O QUE DIZEM OS GALLOS NO NATAL

— Christo nasceu!
— Onde?
— Em Bethlém.

Lembro-me bem das explicações que me dava uma tia velha a mim, garoto precoce. Ella fôra linda — nariz aquilino, bastos cabellos ondeados, a tez de rosa, "um perfil grego". Chamava-se Themocléa. Jovem e radiante, um ataque de cabeça fel-a para todo o sempre paralytica do lado direito. Assim foi impossivel pensar em casal-a. Com accessos terriveis de tempo em tempo, sempre meio aluada, vertiginosamente envelhecida, ora na casa de uma irmã, ora em outra, ella era, sem que ninguem o dissesse, a inferior, a que vive do favor alheio. Os verdadeiros horrores estão no coração dos burguezes dignos. Se os burguezes fizessem exames introspectivos como os padres antigos — o mundo seria menos povoado, tanta miseria e torpeza commettem elles, sem pensar que as commettem...

Themocléa era porém independente. De repente rebentava em improperios, dizia a verdade á irmã caridosa, e partia a aboletar-se noutra casa de outra irmã. Estou certo que era muito infeliz. Nunca mais a vi, não sei se a reconheceria hoje, e de certo não a procurarei. Mas devia ser infeliz. Muitissimo. Nos domicilios das irmãs, ella acalentava, cuidava e vivia com os sobrinhos. Machinalmente. Porque era o seu destino. Talvez sem os amar. Hoje, mais de trinta annos são passados e eu tenho a certeza de que não me amava. Um dia, não lhe dando eu motivo, atirou-me com uma tesoura.

Entretanto, foi ella a alimentadora primeira da minha infancia, a instigadora da minha imaginação, o meu vicio de creança, o meu oraculo. Della ouvi a primeira historia de fadas, com ella acreditei no que se não vê, para ter fé sempre no milagre do impossivel. Quando Themocléa levava tempo sem zangas nas outras casas, eu descia do meu orgulho e solicitava a sua volta. Quando ella chegava, eu vibrava. Lembro-me bem. Ella chegava no auge da indignação contra as infamias de uma das irmãs. Vinha sempre para sempre — com as malas. Primeiro contava os horrores de que fôra victima. Depois entrava na alcova e despia o traje de gala, porque, sahindo poucas vezes e amando a pompa como as creanças, os seus raros vestidos de rua eram quasi vestes de baile com sedas, rendas claras, vidrilhos. Eu esperava-a, rondando a porta da alcova. Ao vel-a sahir, agarrava-lhe a mão.

— Vem! vem contar historias...

Ella accedia. Mas, invariavelmente, a horas fixas, como nos cursos das faculdades: — á tarde, depois do almoço, e á noite, depois do jantar. Havia numa varanda um immenso sofá de jacarandá. Ella sentava-se ao canto; eu estirava-me a fio comprido, com a cabeça no seu magro regaço.

— Que historia quer?
— A da "Moira Torta". Mas conta toda, bem longa.

Ella sorria e começava.

— Era um dia uma princesa linda...

E eu ouvia, ouvia, ouvia, insaciavelmente. Tão insaciavelmente que jantava ás pressas, nervoso, para tornar a ouvir até adormecer. Eu tinha tres annos, quatro annos, cinco annos, seis annos. Depois nunca mais ouvi dessas historias e nunca mais vi Themocléa. Não sei se ella me fez bem ou mal. O que somos devemos ao nosso temperamento.

Eu nascera para as historias. Mas lembro-me que exigia della as legendas fantasticas como quem deseja saber todas as historias de uma viagem realizada de olhos vendados.

Certa vez, laboriosamente, sem rusgas, todas as irmãs casadas resolveram passar o dia de Natal na casa da progenitora, uma velha tonitroante, meio advogada, meio militar. Era a tocante reunião da familia. Hoje sei que abomino os prazeres de data fixa, os prazeres geraes do calendario. Em creança, eu tinha dessas festas um immenso pavor. O Natal, o Anno Bom, o Carnaval, o S. João, á sua approximação, deixavam-me febril, inquieto. Que iria acontecer? Não acontecia nada. Por isso mesmo, ao terminar, eu tinha um azedume.

Apenas, as creanças bem creadas fazem o que os paes querem. Eu tivera de dormir na casa de minha avó, bem contra a minha vontade. E pela madrugada, ainda escuro, cuvi os passos claudicantes da tia Themocléa. A pobre acordava ás matinas, onde estivesse. Ella mesma fazia o seu café. Depois encostava-se á janella e ficava a vêr nascer o dia.

Saltei do leito, pé ante pé, não podendo resistir. Lá estava ella á janella da sala de jantar que dava para um immenso estabelecimento de floricultura. No céo, todo branco, as estrellas apagavam-se. Na sala havia ainda sombras — outras sombras; o ar estava embalsamado de perfumes. Que mysterio! Que imprevisto! Tão cedo assim eu só acordara uma vez, quando partiramos para uma viagem. A manhã no seu rejuvenescimento virginal sempre me deu essa sensação da partida, de inicio de marcha, de certeza de não voltar ao acabado...

A janella era de peitoril. Junto de Themocléa havia uma cadeira. Trepei para a cadeira. Ella não disse nada e não me fez um carinho. Mas eu sentia que fazia com ella uma coisa extraordinariamente nova, que os outros não faziam. Fiquei assim vendo clarear o dia importante, em que devia haver um grande jantar. Descobria, aos poucos, os canteiros de flôres, os caminhos que separavam os canteiros e ouvia o duello vocal dos gallos. Oh! como havia gallos a cantar! Era por todos os lados em torno...

— Tantos gallos a cantar! disse eu.
— Estão cumprindo a obrigação. Deus quer assim.
— Por que?
— O menino não sabe que Christo nasceu num estabulo entre um burro e um boi?
— Sim, senhora...
— Nossa Senhora tinha ido até lá para fugir de Herodes, que decretara a morte de todos os meninos. Ninguem sabia onde estavam Maria Santissima e S. José. Deus mandou a uma das estrellas guiar os tres Reis Magos. Mas havia os pastores, os pobres, tambem interessados, e o resto do mundo. Deus então deu voz ao gallo que andava na estrebaria e tambem a todos os outros gallos. De modo que quando Jesus nasceu, o gallo gritou logo.
— E que disse o gallo?
— "Christo nasceu". O outro distante logo indagou: "Onde?" E elle: "Em Bethlém". Assim, de serra em serra, de terra em terra, os gallos foram transmittindo a noticia. Quando o sol nasceu, já o mundo sabia pelos gallos que Jesus viera salvar o mundo.
— Mas por que os gallos repetem a mesma coisa, agora?
— Para festejar o acontecimento. Tambem você já nasceu e seu pae (ella estava zangada com meu pae) festeja o seu anniversario com tanta alegria que parece que você nasceu de novo.

Compenetrado, eu ouvia os gallos. Ella atalhou-me:

— Depois, os gallos não sabem dizer outra coisa. Deus quiz que elles só dissessem o Bem.

Eu continuava a ouvir o comicio triumphal dos gallos. Já o horizonte pallidamente azul se barrava de carmezim; já da rua vinham rumores de vida; já entre as flôres do jardim andavam os jardineiros com grandes regadores vermelhos. E, perto, em redor, longe, mais longe, os gallos atiravam ao ar o dialogo de luz:

— Christo nasceu!
— Onde?
— Em Bethlém.

Por que essa madrugada nunca mais me sahiu da memoria? Eu, depois, vivi. Na adolescencia, na mocidade, a madrugada de Natal não teve mais a revelação esforçada dos gallos. Quantos annos, no Rio ou em outras cidades, eu não dormi na vespera do Natal, aborrecendo-me nas mesmas ceias, rindo do mesmo modo, bebendo champagne da mesma maneira? Por fim, o meu sentimento quanto ao Natal, procedendo por comparação, resumiu-se, fundiu-se neste principio: Natal é uma festa deliciosa em Paris.

Isso sem amargor consciente. Perde-se a virgindade da alma com menos sentimento que a do corpo.

Ao de mais, eu li, eu li muito. A figura de Christo no fundo do cerebro enchia-me de respeito. Mas eu era moderno, racionalista. E sabio. Todos os annos eu sou sabio. No anno seguinte sei que no anterior eu era um ignorante, mas no anno presente, eu é que sei tudo. Assim, mesmo em menino, syllogisticamente, num livro de primeiras lettras eu tive a certeza de que o **cocoricó** dos gallos é como o coaxar das rãs, o zurro dos burros, o urro dos leões, o trino dos passaros. Nada de especial. Antes de Jesus, já os gallos cantavam como cantam hoje. Depois, estudante, enveredando na sciencia, em pleno enthusiasmo do materialismo, eu li, talvez antes de tempo, varias historias de Jesus — "para dissecar o mytho". De modo que na edade da reflexão eu sei:

— Que não ha nada certo acerca de Jesus, senão lendas e fantasias da Igreja, inventando para defender-se. O Evangelho é uma burla como o Sermão da Montanha. Não foi Santo Agostinho que disse: "Se não fosse o respeito á autoridade da Igreja, deixaria de dar fé ao Evangelho?"

No ultimo livro que li, o do abbade Loisy, encontrei o resumo de todas as duvidas. O nascimento milagroso de Jesus é ignorado de Marco e João. Os evangelhos falam de irmãs e irmãos de Jesus. Se Christo foi chamado filho de Deus é porque isso significa "inspirado de Deus". Toda a vida de Jesus, como a contam os Evangelhos, é um tecido de mentiras que se contradizem. Elle nunca disse, partindo o pão, "esta é a minha carne". Justiçado não podia ter sepultura, teria ido para a valla commum. Não se sabe mesmo a data da sua vida. Flavio, o hebreu, que escreveu, em 70, a historia da Palestina, fala de São João, fala de Pilatos, mas não diz uma palavra de Jesus. O silencio de Flavio causou uma tal impressão que resolveram interpolar um periodo a respeito, na obra. Mas a ausencia de Jesus é de notar em Justo de Tiberiade, que escrevia na mesma época e em Philon de Alexandria, que devia ter sido contemporaneo sobrevivente do Messias. O unico cidadão que fala de Christo é Tacito, e Tacito escrevia cem annos depois, quando já circulavam os Evangelhos.

Quando nasceu Jesus? Matheus diz que no tempo de Herodes, isto é pelo menos quatro annos antes da data que imaginamos; Lucas assegura que foi no anno 6, e, analysando os Evangelhos, verifica-se que Jesus podia ter morrido no tempo de Tiberio, como de Claudio, como de Nero. A sua crucificação é um arranjo tomado a um velho costume persa e babylonico. Em Alexandria, nas festas de Sacéa, passeavam um condemnado vestido de rei, antes de espancal-o e crucifical-o. O condemnado chamava-se Karabas. Em arameo Karabas passa a Barabas, isto é "filho do pae". Está provado que Jesus ter nascido de uma virgem é pura deturpação de uma prophecia de Isaias, que

ACIDO URICO

Dôres nos Musculos e nas Juntas Provam a Acção Deficiente dos Rins.

A causa fundamental do rheumatismo encontra-se na falta de cumprimento de sua tarefa por parte dos rins. Estes, que devem eliminar todos os traços de substancias toxicas ou impurezas do organismo, estão permittindo que um excesso de acido urico se accumule e penetre em todo o organismo.

Este acido urico rapidamente forma crystaes agudos, á semelhança de agulhas, que se alojam nas articulações, causando a sua inflammação e rigidez e as cruciantes dôres do rheumatismo. O tratamento apropriado deve fazer voltar os rins ao seu estado normal, afim de poder ser filtrado o acido urico.

É por isso que as Pilulas De Witt conseguem dar allivio permanente nos mais rebeldes casos de rheumatismo. As Pilulas De Witt actuam directamente sobre os rins, devolvendo-lhes a sua acção natural de filtros das impurezas do organismo.

Terá V.S. provas visiveis dessa acção salutar dentro de 24 horas após o uso das Pilulas De Witt. As legitimas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga acham-se á venda em todas as pharmacias.

Pilulas De WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

indicadas para Rheumatismo, Sciatica, Dôres no Cintura, Disturbios Renaes, Molestias da Bexiga e, em geral, para as enfermidades produzidas por excesso de acido urico.

Jesus é nazareno pelo mesmo motivo e quanto a Bethlém, devemos tal invenção ao propheta Michéa que assegurava alli dever nascer o Messias.

Como estava longe da explicação da tia Themocléa! E com que dôr...

Mas, uma vez em Paris, ha cinco ou seis annos, depois de fazermos um delicioso **réveillon** por varios restaurantes, iamos terminar a madrugada no "Café de Paris", quando um dos mais temiveis **noceurs**, Celestino de Rivas — pseudonymo transparente de personagem muito conhecido no Brasil — mandou parar o automovel.

— Deixo-os aqui.

— Como? Tu! E' impossivel!

— Não posso continuar.

— Estás doente?

— Excellente saude, ao contrario.

— Então, não te deixamos sem que nos digas a rapariga que te espera.

— Vou a correr vêr se apanho a missa em S. Felipe de Roule. Não poderia continuar a viver feliz se não pedisse a Deus na missa do dia em que nasceu Jesus.

E partiu. Os outros riram, galhofando. Eu fiquei pensando. Descobri porque Celestino de Rivas era bom, apesar dos horrores que delle diziam. Celestino era bom porque a sua alma tinha a ingenuidade de acreditar. Ter fé é estar sempre perto do mundo que se ignora. Que me valera, como aos outros, discutir, amargurar-me para provar o absurdo da existencia divina de um homem? Que mal fizera eu a elle? Nenhum, senão a mim. Nenhum senão á consciencia da belleza que é uma perfeição. Nascido ou não em Bethlém, com familia ou sem ella, crucificado ou não, a aspiração infinita dos homens melhorou creando uma figura de esplendor incomparavel. Pode-se e é ás vezes necessario duvidar da existencia de um presidente de republica que estamos a olhar. Elle não existe de facto, **venuto al mondo so per fare tame.** O que existe realmente é o nosso desejo que faz o milagre em torno da excepção, daquelles que melhoram os corações. A verdadeira verdade está em veneral-os, sem a cicuta da analyse, ingenuamente, celestemente, como as creanças. Christo existiu tal qual nos contam. Ainda mais: Christo existe, nascido em Bethlém, annunciado pelos gallos.

Talvez trinta e quatro annos depois de lêr, andar, anciar, interrogar, ouvir e sempre soffrer, cheguei á realidade de que o meu maior professor e o mais sabio e o mais perfeito foi a tia Themocléa, contando-me as historias absolutamente verdadeiras do **Pequeno Pollegar**, do **Chapéozinho Vermelho**, da princesa que se transformava em pomba quando lhe enterravam na cabeça um alfinete. E que me explicou o que dizem os gallos ao romper d'alva.

Assim, nas matinas de Natal, eu ainda não vou á missa — e desgraçadamente talvez nunca vá — não paro a peregrinação pelos **établissements de nuit**, como o meu velho amigo Rivas, para rezar no sacrificio da missa. Mas já não estou bebendo champagne. Estou no inebriamento purificador e virginal da aurora, prompto para partir para um dia de surprezas, ancioso de mysterio, encostado a uma janella, como quando tinha quatro annos e sabia tantas coisas do céo, sem poder me lembrar dellas. No espaço pallido d'amor, as estrellas desmaiam. E eu ouço os gallos, perto, em redor, longe, mais longe, annunciando a vida da maior bondade.

— Christo nasceu!

— Onde?

— Em Bethlém.

Não! Decididamente os gallos dizem na madrugada do Natal a maior verdade. Acreditam nella todas as creanças como eu fui, e todos os homens que ainda não perderam de todo a grave expectativa do bem...

JOÃO DO RIO

NATAL!

O Natal!

O que esse nome exprime!...

A alegria clara, suavissima e a delicada emoção consoladora que esse lindo, que esse meigo disyllabo encerra!...

Mesmo naquelles que o inverno dos annos já nevou a cabeça, ha uma infantilidade encantadora que renasce, ha uma risonha e intima meninice que resurge ao repicar festivo das igrejas chamando á missa da meia-noite e deante do encanto rustico dos presepios e dessa fascinação eterna dos simples e das creanças ou, antes, dessa fascinação eterna de todos nós, porque nesse lindo, nesse suave dia tornamo-nos todos simples e creanças: a arvore do Natal.

Ha, pelo Natal, um uso, uma tradição que, infelizmente, entre nós nem todos mantêm e que, além de tocante, de delicadissima pelo que traduz como preito de veneração christã, é do mais fino e elevado symbolismo pelo que significa de solidariedade e felicidade domesticas: é a consoada, a tradicional consoada dos nossos venerandos avós...

Ai! do encanto de uma pequena janella illuminada que se percebe no fundo escuro da noite e através da qual, quando chegamos proximo, contemplamos, enternecidos, o emocionante, o risonho e sympathico quadro de uma pequena familia na ceia classica da meia-noite alegre do Natal, reunida á mesa coberta pela toalha alvadia onde, aos reflexos da luz que illumina o ambiente, o vinho através da faceta dos copos colore de topasio e ambar o tecido claro...

Sobre um movel, está acamado em pequena mangedoura, deitado em palhinhas que mãos femininas dispuzeram com amor e cuidados, a pequenina imagem de cêra do Menino-Deus, que com suas lindas e minusculas mãosinhas erguidas parece estar a abençoar aquella paz, aquella união, aquelle doce encanto...

Ah! O Natal!...

Ah! as lindas lendas e os singelos, os meigos enlevos do Natal!...

E as bellezas decorativas do Natal?!... Os bonbons e as suas lindas, cestas e vistosas caixinhas de todas as especies e de todos os coloridos? E os brinquedos postos á noite, pela solicitude dos paes, nos sapatinhos infantis, sob o nome desse meigo velho eterno de patriarchaes barbas brancas que vem pela quietude da noite, na quasi madrugada, cauteloso e risonho, sobraçando quinquilherias encantadoras para as depôr nos sapatos que a ingenuidade e a Fé deixaram discretamente a um canto e sob o peitoril de uma janella?...

E a esperança dos que se amam, pelo Natal?

E as supplicas ferventes das mães pelo futuro feliz dos filhos, feitas a Maria pelo seu lindo menino?...

E a confiança firme dos soffredores a quem esse dia sorri mesmo ainda nos seus soffrimentos que, então, por horas, se abrandam e se convertem em doce esperança e, muitas vezes, em espiritual, em elevada, em divina certeza?...

Ah! o Natal!... O Natal!...

E' como uma asa branca que se desdobra protectora sobre todos nós!...

Ave, Natal!

LIMA CAMPOS

Os Medicos Parteiros e as Mulheres

Os bons Medicos Parteiros sabem que os mais perigosos sofrimentos das mulheres são sempre causados pelas congestões e inflamações de importantes orgãos internos.

Os sofrimentos, ás vezes, são tão graves que muitas mulheres têm medo de enlouquecer!

A vida assim é um inferno!

Para evitar e tratar as congestões e as inflamações internas, e todos estes terriveis sofrimentos, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do utero, a asma nervosa, peso, dores e colicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocadas pelos sofrimentos do utero, fraqueza geral e desanimo, a fraqueza do utero, tristezas subitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, sufocação, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormencia nas pernas, enjôos, certas coceiras, certas tosses, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, cançaços e todas as perigosas alterações da saude causadas pelas congestões e inflamações do utero.

Regulador **Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

Regulador **Gesteira** evita e trata tambem as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

nossa vida sexual

POR FRITZ KAHN
TRADUZIDO PELO
Dr. L. MENDONÇA DE BARROS

Seja senhor de seu destino e conduza sua vida para um futuro alegre e feliz

Um livro atraente como um guia de viagem. Um conselheiro seguro onde os leigos, vitimas soffredoras, encontrarão lenitivo para seus males. — Nada há que mais nos satisfaça do que a solução de um problema capaz de arruinar-nos a saúde e a felicidade.

Neste livro há 1.000 respostas para 1.000 perguntas que desejariamos fazer a um médico no qual depositassemos a confiança de verdadeiro pai. Contém tudo que se deve saber a respeito dos múltiplos problemas da vida sexual, em linguagem clara e positiva, ao alcance de qualquer pessôa.

NOSSA VIDA SEXUAL é um livro para o povo.

BROCH. 20$
ENCAD. 30$

Peça o folheto explicativo

Atendemos pedidos pelo SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL.

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A — EDITORA
Rua do Ouvidor 94 — Rio de Janeiro — Rua 15 de Novembro 144 — S. Paulo.

AS MELHORES PAGINAS DA PROSA BRASILEIRA

O Natal de Voltaire

EDUARDO PRADO

Ha cento e vinte annos Paris inteiro, os poetas e os philosophos, os sabios e os financeiros, os duques e as princesas, faziam a Voltaire a mais estrondosa das ovações.

As memorias do tempo contam, com minucia, que, por uma clara quinta-feira de Abril, M. de Voltaire, pela primeira vez desde a sua chegada a Paris, deixando os vagos e amplos roupões favoraveis ás exigencias da doença e da estatuaria, vestiu-se e fez o que se chamava a toilette inteira: Grande casaca vermelha forrada de arminho, immensa cabelleira á Luiz XIV, negra, não empoada, e tão basta que o rosto magro, amarello, enrugado, ficava nella tão enterrado, que só se lhe viam os dois olhos brilhantes como carbunculos; á mão, uma leve bengala de recurvo castão de ouro, e, sobre a pyramide da cabelleira, no alto e coroando-a, um chapéo de velludo vermelho, quadrado, e franjado de plumas tambem vermelhas. E entrou na sua famosa carruagem pintada de azul celeste, ponteada de estrellas doiradas, que era chamada o Carro do Empyreo. Nella foi á Academia Franceza onde se cumpriram, em honra daquelle espectro, todos os ritos da adoração academica. Ouviu o elogio de Boileau por d'Alembert e o abbade Delille leu fragmentos do seu poema que ensinava "a arte de gozar, pintar e ornar a natureza".

Da Academia seguiu para a Comedia Franceza onde, ao saltar da sua carruagem estrellada, foi acclamado pelos fidalgos e pelas damas que o esperavam. E, durante a representação, os applausos dados á tragedia que era de Voltaire, retumbaram em explosões de adoração áquelle deus monstruoso, para quem sorriam, beatas, as mulheres mais formosas, como as Egypcias, resplendentes filhas de Pharaós, deante de um horrivel Anubis cynocephalo. E o deus foi para casa, levando, pousada sobre a crina encaracolada da negra cabelleira, a corôa de louros que lhe deitou o principe de Beauveau; e, de todo o deslumbramento, levou dentro da cabeça, dizem ainda as memorias do tempo, a resolução de comprar casa em Paris e de escrever tragedias, muitas tragedias! As tragedias não as escreveu e mesmo aquella ultima casa que a todos aguarda, elle não a teve logo em Paris, porque o levaram, dahi a dias, para ser enterrado nas vizinhanças de Troyes. E quanto ás tragedias, eram outras as que a fidalguia, dentro em breve, ia ella propria representar contra a sua vontade mas sempre com elegante arrogancia, no tablado da morte.

Todas aquellas cabeças, e muitas a guilhotina aguardava, julgavam-se bem seguras sobre os hombros elegantes ou não, bellos ou não, mas sempre orgulhosos, que, se se abaixavam deante do Rei do Espirito, se erguiam impacientes e desdenhosos, deante das superstições e das ignorancias do passado.

Os filhos daquelle seculo chamado sceptico eram, na realidade, profundamente crentes e devotos: tinham a crença firme de que estava acabado o christianismo e só reverenciavam aquelle que lhes tinha ensinado a nada mais venerar. E Voltaire tinha a certeza, que lhe dava o seu inaudito triumpho parisiense, de que a sua philosophia estava definitivamente victoriosa. E os seus velhos ossos gastos, torcidos do tempo, estremeciam de jubilo dentro do amarrotado pergaminho flacido que lhes servia de pelle, quando os seus adoradores, carregando-o, em procissão, largaram-n'o sobre o throno celebre da sua realeza, aquella lendaria poltrona que é, hoje, para o povo, além do boulevard e do cáes chamados Voltaire, tudo quanto recorda aquelle nome que encheu a França e a Europa.

Cento e vinte annos depois, os netos e os bisnetos do voltarianismo não sabiam onde estavam os ossos desse vencedor de Deus. E, não a reverencia, mas a simples curiosidade daquelles descendentes levou alguns delles a baixarem á crypta do Pantheon, precedidos de um carpinteiro para despregar e arrancar táboas, na busca do esquecido ou extraviado esqueleto que a Revolução para alli trouxera de Troyes, decerto para que aquelle autor e amador de tragedias pudesse ver as que se preparavam em Paris. Voltaire, cortezão de reis e amigo de principes, nunca amou os carpinteiros e, de todos elles, aquelle a quem mais odio votou foi um certo que teve, ha vinte seculos, a sua tenda em Nazareth. Um carpinteiro pregou e martellou o seu caixão no seculo passado e outro era agora trazido aos subterraneos de Santa Genoveva para despregar o que o seu collega, de ha cem annos, tão solidamente pregara. Um e outro não foram amaveis para com Voltaire.

No pó e na escuridão da crypta, Voltaire nada viu nem ouviu deste seculo que ora acaba e cuja aurora elle queria adivinhar como o começo do seu dominio incontestado e perpetuo. Por algumas horas, esteve aberto o caixão, e o craneo que o principe de Beauveau laureara e que sonhara immorredoura aquella corôa, passou, de mão em mão, entre os assistentes, que o manusearam e voltearam e examinaram com curiosidade e desconfiança, como fazem os frequentadores do Hotel Drouot quando os serventes do leiloeiro lhe mostram algum marfim supposto antigo, e todo encardido, sempre suspeito de falso, e de artificialmente amarellecido em fraudulento banho d'agua de tabaco. Se viram alguma cousa as orbitas sem olhos, se alguma cousa ouviram os ouvidos sem orelhas, por certo muito se admiraram do que viram e do que ouviram.

Em vez das elegantes casacas á Luiz XV, sobre longos colletes bordados a matiz, em vez de sorrisos cortezes nas faces impeccavelmente barbeadas que eram as dos homens que deixara sobre a terra, em vez de expressivas cabeças empoadas, em vez de finas espadas pendentes ao lado de calções de velludo, em vez de meias de seda e de altos sapatos afivellados douro, o que viu Voltaire, na sombra humida daquella adega nacional onde se guardam glorias?

Não havia entre aquelles inesperados visitantes uma só dama. Que era feito das Parisienses? Nenhuma face gentil, avivada de emoção e de carmim, e com a sua brancura realçada pelas **moscas** de seda preta; nenhuns olhos accesos pela curiosidade e pelo lapis negro buscavam, com ancia, enthusiasmo e devoção, vêr o antigo deus que se estava alli a desencaixotar, tão sem cerimonia, á luz de uma lanterna, numa fria e nevoenta tarde de Dezembro. E a caveira que, outrora, tanto sorriu, em resposta a outros sorrisos femininos, teve um certo despeito, vendo que não ia ser acariciada por nenhuns dedos rosados, nem commovidamente sopesada por finas mãos perfumadas.

— Já não me admiram, pois, as mulheres. Que estarão ellas fazendo a estas horas? Á força das luzes da instrucção se terão, todas, transformado em sabias, em mathematicas, como a minha querida e massadora amiga madame du Châtelet? Estarão todas nas bibliothecas, nos laboratorios, ás voltas com os livros, com os compassos e os alambiques?

— E estes senhores... Quaes senhores!! estes alarves de barba inculta, todos vestidos de preto, quadrados dentro destas largas tunicas tão fechadas, tão negras e grosseiras, e tendo todos, nas cabeças, esses tubos pretos... Quem são elles?... E onde vi eu esses desgraciosos cylindros luzidios? Ah! já me lembra! Vi-os em estampas que, da Russia, me mandou a minha amiga Catharina... Os padres (ó infames!), na Russia, usam desses tubos... creio, porém, que os trazem sem abas... Terá a Russia conquistado a França e estarei eu (ó massada!) enterrado num mosteiro orthodoxo? Mas... neste caso, o que aconteceria á monarchia que andou a consolidar o meu amigo Frederico? Os Russos não podiam ter chegado até cá sem passarem por cima della e dos seus pantanos pomeranios que elle chamava Reino... Estimaria, só para vêr a cara do tal Salomão sem mulheres!... Quem será este sujeito que me segura agora pela minha nuca desarticulada, e que está a dizer que me acha parecido com não sei que busto? Os meus bustos foram feitos para se parecerem commigo e não sou eu que tenho de me parecer com elles. Lá vou eu, ou antes, lá vae a minha cabeça, para as mãos calçadas de luvas sujas, daquelle velho todo de preto, que tem ar de chim... Traz, porém, o botão vermelho de mandarim ao peito, o ignorante! em vez de o trazer no chapéo, como eu expliquei que é, e deve ser no meu Diccionario Philosophico!... Ai! cá estou! muito mal educada é esta gente! E bem se vê que são estrangeiros!... muito mal falam! parecem todos de Marselha!... Quanta palavra que não entendo! Offerecem agora a minha cabeça ao exame deste outro!...

— Merci, monsieur!

— E este, todo velhinho e tremulo! até se parece commigo!... Quasi deita-me ao chão!... Tivesse eu a minha maxilla inferior, que aquelle dezasado deixou lá dentro do caixão, e mordia-lhe o dedo... com os dentes que não tenho!...

— Après vous, monsieur le directeur général des Beaux-Arts!...

— Por que será que esta gente, tão feia, vem agora falar em bellas artes? Tão mal vestidos!...

— Avez-vous vu tous le crâne, Messieurs?

As superstições de Natal

Ha sobre a arvore do Natal superstições curiosissimas.

Na França septentrional, considera-se desventura deixar murchar a arvore de Natal antes do dia de Anno Bom. Essa abusão está espalhada na Inglaterra, onde se procura plantar a arvore em terreno humido, banhando-se de quando em quando, afim de evitar o dissecamento das folhas.

As populações que habitam ao longo do Danubio consideram uma grande desgraça não haver a benção do rio, na noite de Natal.

Os padres gregos que officiam, depois de recitar a oração, rompem o gelo e atiram á agua uma pequenina cruz.

A multidão atira-se com perigo de vida n'agua, para salvar a cruz, pois será feliz o que conseguir.

Em São Petersburgo, observava-se o mesmo costume.

Em varios paizes da Inglaterra ha uma variedade de superstições ligadas ao pudding de Natal.

Presentear alguem com um pudding, não estando o doce envolto em papel prateado, em Yorkshire, é signal de má vontade para com a pessôa mimoseada.

No dia de Natal, em Devonshire, bendizem-se plantas numa complicada cerimonia para a qual se expedem convites. Aquelles que recebem taes convites teem fartas colheitas de fructas. Uma torta é collocada na primeira bifurcação de um ramo de macieira; atira-se um copo de cidra á raiz da arvore e passa-se á outra planta. Tal cerimonia é promissora de felicidade.

Na Irlanda, accendem-se velas a 24 de Dezembro, á meia noite, e dahi por diante, todas as noites até consumirem-se. No Canadá e nos Estados Unidos identico costume é observado.

Os turcos guardam no bolso, no dia de Natal, uma escama de peixe que serve como porte-bonheur durante um anno.

Na Allemanha, vêr roupa branca estendida numa janella em dia de Natal é mau augurio. Os negros da Africa meridional consideram presago encontrar uma lebre nesse dia, se tal encontro é feito quando colhem flores para ornamentação das casas onde se festeje o Natal.

Na Baviera, na noite de 24 de Dezembro, fazem-se pequenos monticulos de areia molhada, com o auxilio de um dedal, correspondendo cada um a algum membro da familia. Si um dos monticulos se desmancha quer dizer que a pessôa á qual elle corresponda morrerá antes do outro Natal.

NATAL

Havia, a um canto da bibliotheca, uma arca de ferro, antiga, á semelhança das que fazem a vaidade de certas igrejas pobres e onde se guardam reliquias de santos.

Dentro della o homem fechava, desde a adolescencia, as paginas do diario da vida que ia vivendo.

Ora, naquella vespera do Natal, o homem quiz recordar o Passado. Estava velho, perdera a memoria...

Foi á arca. Abriu-a. Poisou as mãos cansadas sobre os papeis; alguns, de mezes apenas; outros, côr de folha morta, palavras quasi desapparecidas, datas longinquas.

Poz-se a ler e a sorrir, mas a sorrir tristemente, numa doce melancolia, numa ternura que o tomava por todos os pensamentos, por todas as idéas, pelos desejos, pelos enthusiasmos, pelos desenganos... pela dor e pelo prazer que já não sentia...

Ah! a belleza das horas desperdiçadas!...

— "Como é longa a Vida!"

Cerrou a arca. Sentou-se junto da janella aberta para os canteiros do jardim.

A noite entrava envolta num luar de presepio e num aroma de lyrios.

O homem, então, evocou o seu tempo de creança.

Era, agora, o tempo que elle mais via...

— "Natal... Natal... Bem me lembro, Menino-Deus da minha infancia! bem me lembro da tua presença, á meia noite, no pequeno quarto onde eu dormia... Chegavas do céo, e trazias tudo o que eu te pedira... Creio em Ti ainda!... E hoje, o que Te supplico é um somno sem acordar... Adormece-me para sempre... Traze-me a morte..."

Batiam as doze badaladas da meia noite.

O homem adormeceu e sonhou.

Sonhou que recomeçava a Vida.

E teve assim o mais feliz dos seus Nataes...

ALVARO MOREYRA

"Numero de Natal", "Christmas Number", "Noel", "Navidad"...

Estas rubricas — no geral impressas a ouro ou em prata — nas **capas** dos **magazines** nacionaes ou estrangeiros são das melhores lembranças que todos guardamos dos nossos Nataes.

As **revistas** de todo o mundo, até recentemente, offereciam aos seus leitores edições especiaes, numeros extraordinarioss, repletos de collaboração literaria apropriada e toda ella profusamente illustrada a côres.

L'Illustration; The Graphic; La Lettura; Esfera; Je sais tout; Lecture pous tous; Blanco y Negro; Noe il Mondo; Illustração Portuguesa, as grandes publicações de letras e artes da Europa, em chegando o Natal interessavam até aquelles que apenas sabiam lêr no proprio idioma, ou ainda aquelles que nem ao menos sabiam lêr. Era a época de vêr **figuras**, principalmente.

Ah, a Guerra, até com os **numeros de Natal** na imprensa europeia ella acabou!

Como é que a gente ha de **fazer horas** por estas vesperas de Natal, dias nos quaes ninguem deseja saber senão de paginas coloridas, textos e gravuras agradaveis, motivos amaveis? Como é que nós havemos de passar o tempo emquanto não somos chamados para a **consoada** pela patrôa?...

Que falta fazem os **numeros de Natal!** Que saudade de **L'Illustration, The Graphic, Esfera!...**

para mim uma boneca e para mamãe um Frigidaire

Aceite esta sugestão oportuna, que qualquer dona de casa endossaria satisfeitamente: para sua filhinha, uma boneca; para sua esposa, um Frigidaire, o unico refrigerador dotado de Paredes Refrigeradas, a maior invenção de todos os tempos, da industria do genero.

Como Festas de Natal, dê a sua esposa um presente que ela festejará em muitos Natais: Frigidaire. Examine-o no Agente Frigidaire.

FRIGIDAIRE

FRIGIDAIRE

UM PRODUTO DA GENERAL MOTORS

AGORA MAIS DO QUE NUNCA NÃO CONFUNDA O FRIGIDAIRE COM OUTRO QUALQUER REFRIGERADOR

— Uff! Até que emfim largam-me da cabeça!... Muito havia ella de doer noutros tempos se lhe dessem taes tratos!... Deixam-na agora, sobre esta prateleira, emquanto estão a remexer naquelles ossos... Oh! Uma restea de luz!... Vejo por aquella pequena e estreita abertura, á altura desta prateleira, alguma cousa... é a calçada de uma rua! Passa um carro muito grande, muito pesado, que tudo abala... puxado por dos cavallos brancos, muito grandes, dos quaes vejo só as pernas... Que é aquillo? Passam rapidos, uns pares de rodas, uma adeante da outra e de que vejo só a metade inferior, e que apparecem, correm, desapparecem, sem que eu veja cavallo nem homem que as puxe... E' uma illusão da minha vista... Não ha mais milagres e não será Voltaire quem acreditará que rodas possam andar assim a rodar por Paris, sem o competente cavallo! Seria contra a razão e a experiencia.

Escutemos, porém, este grupo de homens que está aqui a cochichar, por baixo da minha prateleira:

— ...un chèque de 50,000 francs...

— Je suis pour les chrétiens contre ces sales juifs!

— Que singular opinião! Mas que tanto estão a falar de Judeus e de Christãos!... São decerto sujeitos que se occupam de Historia e que discutem a Edade Média!... Quem será este que pelo nome parece Hungaro e de quem tanto falam?

— Um francez que escreve cartas insultando o exercito da sua patria é um miseravel e um trahidor!

— Isto, agora, é commigo! Mais uma pequena canalhice daquelle pedante de Frederico que decerto publicou uma carta toda particular e de amizade que lhe escrevi, fazendo troça dos soldados francezes que elle se regalou de bater em Rosbach!... Mas que tem isso?...

Na rua:

— Achetez... achetez... le numéro de Noel...

Noel?... E sempre os taes rodazinhas a passarem... Lá vem uma carroça... Parece cheia de arvores!... ou de ramos como na Borgonha costuma vir enfeitado o carro que traz as ultimas cestas da vindima!... Mas não!... Parecem pinheiros!... e tão verdes!... Parece uma pequena floresta andando!... Lembra aquella historia, tão ridicula, daquelle inglez barbaro e inintelligivel, que chegou até a ser representado (é incrivel!) mas que eu reduzi a nada... Numa das suas chamadas tragedias; qual era o nome della? E como se chamava elle? Ah! já me lembro!... Macbeth!... E elle? Shakespeare? é isso! pois entre outras cousas comicas, fala elle duma floresta que caminhava do alto do cabeço de um outeiro da Escossia para o acampamento do rei... E pensar que cousas taes se representavam!...

— Achetez! achetez! des arbres, de beaux arbres de Noel!!!

O craneo de Voltaire estremeceu e ia rolar da prateleira, quando um jornalista amparou-o. Pelo respiradouro do subterraneo, por onde Voltaire via aquellas arvores que caminhavam, entrou o grande som profundo e largo dos sinos da vizinha e antiquissima igreja de Saint-Etienne-du-Mont!

— Vae-se encerrar o craneo de Voltaire!...

— Andemos depressa disse um membro da Academia Franceza. Não quero chegar tarde á igreja para ouvir a conferencia do Advento, pelo abbé Frémont...

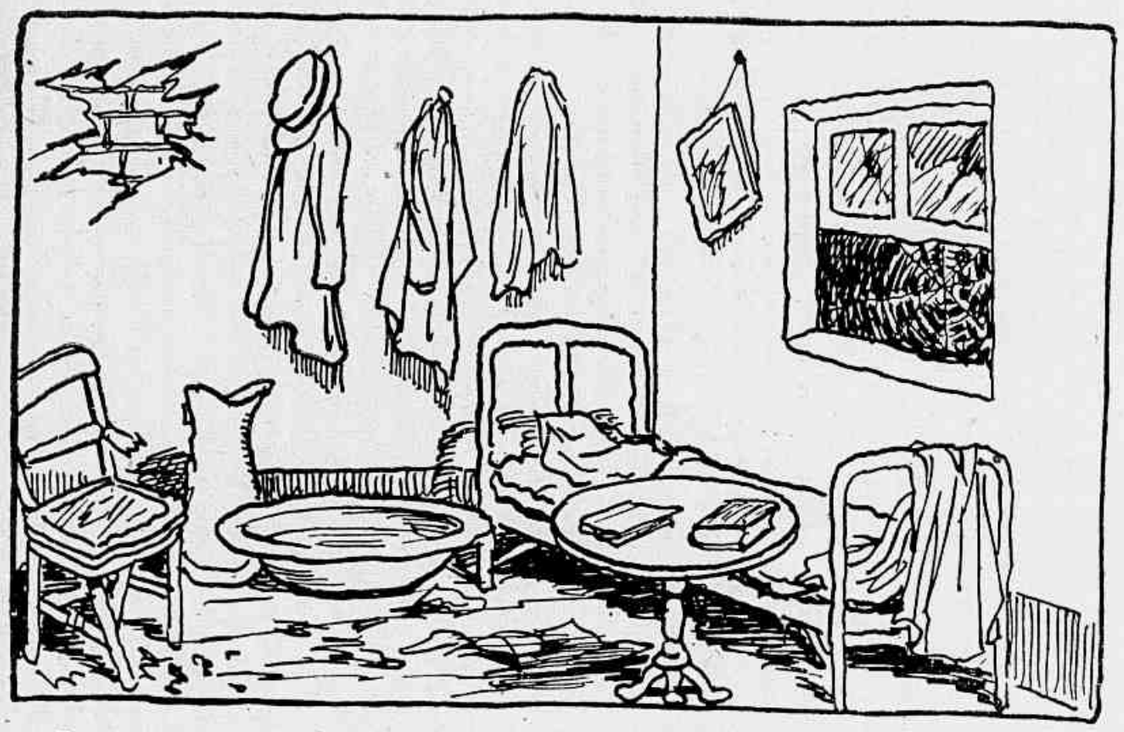
— Igreja!! Advento!! Abbé!!!

O que restava do craneo de Voltaire estalou e os pedaços formaram um punhado d'ossos esfarelados que voltaram para a poeira pardacenta e para o moio secular do caixão arrombado, que o carpinteiro (ainda o carpinteiro!) repregou a martelladas que resoaram na crypta.

Momentos depois, os exploradores de sepulcros desciam as escadarias do Pantheon e mergulhavam de novo dentro de Paris, através da bruma, ainda clara, da tarde de inverno. Calaram-se os sinos, e, dentro da igreja, o prégador começou a falar do eterno e proximo renascimento do outro Carpinteiro, daquelle proprio, a quem Voltaire tinha matado, para sempre, em meados do seculo XVIII.

O NATAL DA BREDERÓDES

RAUL



Sainete em muitos actos continuos, dos quaes salvámos somente um, para allivio do respeitavel publico.

A scena representa uma agua furtada, com linda vista para os telhados da visinhança. Paredes enrugadas pela acção inexoravel do tempo. Uma cama de ferro cambaia, onde mal se enxerga o enxergão. Uma cadeira de braços abertos de meio a meio. Uma mesinha de pé de gallo, com um diccionario de synonymos e um manual do funileiro. Um caco de espelho trisalto; tres ganchos bancando o cabide, com roupas avoengas. Uma bacia de lata e um jarro desazado ou sem aza, jornaes do anno passado, pontas de cigarros, uma caixa de phosphoros vazia, baratas em livre transito e teias de aranha na janellinha, de onde se avista, por muito favor, um pedaço do céu constellado. O sino da freguezia mais proxima badala as primeiras notas da meia noite.

Brederódes passeia, pensativo, a parafusar um meio de collaborar nas festas tradicionaes. O meio poderá surgir embora não tenha meios para satisfazer o seu desejo. Estáca. Está cada vez mais pensativo. Torna a passear, atrelado aos varaes das cogitações. Não gosta de idéas fixas, porque estas não sáem da cachóla. Subito sente-se inspirado e monológa:

—"Está dito! Irei á missa do gallo. E' possivel que lá encontre um amigo, um conhecido que faça a gostosa violencia de me convidar para uma consoada..."

Pausa. Reflecte maduramente e depois diz aos botões da camisola de meia:

—"E se não me apparecer um amigo, um conhecido? Terei de voltar em branca nuvem e a chuchar no dedo..."

Nova pausa. Bate na testa como quem dá sahida a uma idéa luminosa:

—"Ah! Achei! Euréka! Com licença de meu velho amigo Archimedes de Siracusa. Tenho aqui dez tostões, abencerragens de uma **dentada** de ante-hontem. Tomo o bondinho, chego, aos pinotes, aos penates do Esperidião com as nobres intenções de dar as bôas festas e apanho a hora H da consoada! O Espiridião é amigo certo e tenho a ceia garantida, o que não é pouco para quem jantou somente tras-ante-hontem e está concentrando um café com bucha até à hora presente..."

Rápido, como um só homem, desce as escadas carunchosas da pensão e cahe na rua. Por toda a parte sente a alacridade da grande noite; janellas illuminadas cantam nos olhos e põem agua na bocca. Atira-se, como pingente, no bonde de Catumby, caminho da casa do Esperidião. Chega afinal. Casa fechada! Bate á porta. Toma a bater. Bate ainda uma vez. Espera. Desespéra e bate em retirada. Consulta a algibeira e verifica que o recebedor se "esqueceu" do trôco! Volta a pé — que remedio! Palmilha ruas, becos, betesgas e chega á pensão. A dona, que é D. Beringela, logo á entrada, avisa:

—"Depois que o senhor sahiu, esteve aqui um moço á sua procura e deixou este bilhetinho..."

Brederódes lê o bilhetinho:

"Feliz natal! Esperidião."

Um calafrio corre pela espinha dorsal, a unica que o heróe possue, porque o resto está na espinha. Brederódes lança um olhar suplice á dona da pensão:

—"A senhora póde me ceder ahi uns cinco mil réis?"

D. Beringela, credora profissional e sovina amadora, esboça um sorriso de bocca torta:

—"Ora, **seu** Brederódes! Pede-me cinco mil reis, esquecido dos alugueis atrazados? Já é coragem!"

—Mas esses cinco mil réis são extraordinario" — observa o inquillino.

—"Tem graça! O senhor me deve e acha agora que eu devo..."

—"Deve, sim, senhora; deve..."

—"Onde foi buscar essa novidade? Que é que eu devo?"

—"Deve-me... as festas do Natal..."

E com voz lacrimosa Brederódes accrescenta:

—"Nesta grande noite tudo se perdôa, dona Beringela!"

A dama, commovida, vae a um armario, tira da gaveta uma bolsinha e lá de dentro faz sahir uma rodéla alazã de dez tostões, que dá ao Brederódes.

Este beija-lhe a mão e atira-se á rua, radiante, com a alma illuminada **a giorno**.

De longe, ainda commovida, Dona Beringela recommenda:

—"Veja lá!... Não vá fazer extravagancias!"

RAUL

"SEMPRE FUI FORTE E DISPOSTO PARA O TRABALHO"

Só aquelles que na juventude cuidaram da saude de seus rins podem exclamar essa fraze. O funccionamento perfeito do apparelho urinario é condição essencial para se ter uma saude perfeita e uma velhice leliz. Logo ao primeiro sintoma de disturbio renal use PILULAS DE-LUSSEN: desinflamam, desinfectam e limpam os rins. Eliminam o acido urico, corrigem dores lombares e limpam o sangue.

TENHO NOVENTA ANNOS E DIGO: ESTAS PILULAS SÃO AS MELHORES

PILULAS DE-LUSSEN

DESINFLAMANTES PARA OS RINS E BEXIGA

JOALHERIA E ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES

A ESMERALDA

JOALHERIA "ESMERALDA" LTDA.

End. Telegr. Esmeralda
Telephone 22-0839
Caixa Postal 429

Rua Sete de Setembro, 155
Esq. R. Ramalho Ortigão
Rio de Janeiro

GRANDES DESCONTOS DURANTE AS FESTAS

Curiosidades historicas sobre a celebração do Natal

Por J. AYMORÉ JUNIOR

A festa magna do anno — a "metropole das festas", como a denominou S. João Chrisostomo — é a que commemora o dia do nascimento de Christo. Antigamente, porém, o Natal não era celebrado em toda parte no mesmo dia, em virtude da grande disparidade de opiniões a respeito da data certa do nascimento de Jesus. O papa São Julio I fixou-a no dia 25 de Dezembro.

Acreditavam muitos que o Redemptor havia nascido em 24 ou 25 de Abril ou de Maio e todavia ha theologos que indicam para esse transcendente acontecimento as datas mais desencontradas. Na Igreja do Oriente, por exemplo, começou-se a festejar o Natal sob o nome de Epiphania, em 6 de Janeiro, simultaneamente com a Adoração dos Magos e o baptismo de Christo.

A São Telesphoro, que foi papa no anno de 142, attribue-se o rito de celebrar tres missas no dia de Natal: a primeira á meia-noite (a chamada missa do gallo), hora em que nasceu Jesus; a segunda, á hora em que foi adorado pelos pastores; e a terceira naquella hora do dia, denominada, na antiguidade, de hora do terço, para assim honrar o triplo nascimento do Salvador.

O dia de Natal vem sendo celebrado com toda a solemnidade desde os primeiros tempos da Igreja e, para

Illustração do celebre artista judeu Barer e que se encontra no museu de Milão: data do anno de 1527.

dar regosijo, não se observava o jejum ou abstinencia de carne se a festa cahisse numa sexta-feira.

Nos tempos de antanho, no dia do Nascimento, os povos se presenteavam, uns aos outros, pães bentos, como testemunho da união reciproca dos christãos e os mesmos eram enviados tambem aos reis e aos principes. Uma herdação desses costumes são ainda hoje os augurios, presagios, as propinas e, sobretudo, o pão doce, de origem italiana, precisamente da Lombardia, pois á massa do pão-de-presente se ajuntavam, noutras épocas, figos secos, amendoas e passas de uva.

Bethlem está situada no alto de um monte de pouca altura, a umas cinco milhas de Nazareth. A palhoça em que, segundo a tradição, nasceu o Messias, se achava fora do perimetro de Bethlem, mas mui perto da cidadinha.

O imperador Adriano, porém, cento e dezesete annos depois o nascimento de Christo, com o fim de abolir os vestigios do logar onde nasceu o Filho de Maria, mandou plantar alli um denso bosque, no qual erigiu um templo a Venus e a Adonis. Quando, entretanto, Constantino conseguiu reconciliar-se com a Igreja, sua mãe, Santa Helena, ordenou que se recobrisse o santo presepio de laminas de prata e, ao pé, se levantasse uma basilica sumptuosa. Essa basilica que ainda existe, rica em marmores e ornamentos de ouro e gemmas, ergue-se o convento de S. Francisco, que numa gruta tem tres altares. Um delles indica com precisão o sitio em que Christo nasceu; o segundo assignala o logar da mangedoura dos animaes, foi levada para Roma; e o terceiro, o que os reis magos occuparam, ao irem adorar o Messias.

A origem do santo presepio se deve ao facto de que Maria, chegada a Bethlem, com seu esposo, como não achasse albergue na pousada dos viajantes, refugiou-se no estabulo, que era uma gruta escavada na rocha. Os evangelistas não dizem que nessa occasião se achavam no estabulo o boi e o burro sempre representados nas esculpturas e pinturas, mesmo antigas, do nascimento de Christo. Crêem alguns que Maria foi a Bethlem montada no burro e que José conduzia o boi para vendel-o ou sacrifical-o, como era então proverbial aos ritos de nascimento.

Os presepios em miniatura que se armam em muitas casas e igrejas por occasião do Natal e Reis encontram a sua origem em Greccio, no valle de Rieti, segundo a idéa de S. Francisco de Assis, por volta do anno de 1223.

Uma noite de Natal, S. Francisco de Assis mandou levar para uma gruta do bosque de Greccio uma mangedoura cheia de feno, a imagem de uma creança e as figuras do boi e do burro. S. Francisco fez convidar, para assistir á ceremonia, os habitantes da aldeia. Acudiram ao convite numerosos grupos de camponezes, que desceram das montanhas ao toque de gaitas e de cornamusas. Desde então a representação do presepio tornou-se costume annual em todas as ordens religiosas.

Em alguns paizes, sobretudo em França, realizava-se, durante a solemnidade do Natal, a chamada "festa dos burros", mais tarde abolida pela censura religiosa. Esta ceremonia era particularmente importante na cathedral de Rouen. Consistia numa procissão de ecclesiasticos, representando os prophetas do Antigo Testamento que haviam annunciado a vinda, ao mundo, do Messias. Cada qual recitava uma prophecia e, como entre elles apparecesse Balaam montado numa burra, a ceremonia foi appellidada a "festa dos burros". Em Beauvais se elegia uma das moças mais bellas para representar a Virgem. Sentada num burrinho, nobremente ajaezado, a jovem, carregando nos braços um menino, se trasladava da cathedral para a parochia de Santo Estevam, seguida pelo bispo e pelo clero. Entrava com o burrico no santuario e se detinha ao lado do Evangelho. Começava então a missa cantada. Tudo o que o côro cantava terminava com uma voz semelhante ao zurro do asno. A prosa que se cantava era metade em latim e metade em francez, e consistia em louvores ás bôas qualidades do animal.

E' crença que os Magos que foram a Bethlem eram philosophos, termo com o qual se designavam os que viviam de estudar, mas sem exercer nenhuma profissão pratica. Attribue-se-lhes dignidade de reis, ou governadores, ou, pelo menos, de principes de pequenos Estados. Levaram ouro para o alivio da pobreza; incenso para attenuar o mau cheiro do estabulo; e myrra para friccionar os tenros membros do recem-nascido.

Durante muito tempo, os milanezes acreditaram ter possuido, em sua cidade, os restos mortaes dos Reis Magos que, dizia-se, haviam sido levados de Constantinopla para Milão, no seculo IV, pelo bispo Santo Eustorgio, o qual edificou a igreja do seu nome e nella depositou as preciosas reliquias. Mas, ao tempo da invasão de Milão, em 1162, esses despojos foram retirados por

CHAPEOS
STETSON e KNOX
Grande sortimento em côres e formas.
U. S. A.

MALAS
HARTMANN
para todas as viagens: Maritimas, Terrestres e Aéreas

ARROW
Sempre novidades: Camisas, Cuecas, Gravatas e Lenços.

ARTIGOS FINOS PARA NATAL E ANNO BOM

A TORRE EIFFEL
97-OUVIDOR-99

PANCADINHAS NA VIDRAÇA

Max Yantok

O trem corria celere furando o espesso nevoeiro, que o primeiro sopro da "bise" afastaria para dar lugar á nevada. Havia meia hora que o trem deixara Genebra, na direcção de Lausanne. Naquelle dia, ou melhor, naquella tarde, Erna Bley, uma loura de 17 annos, havia deixado Genebra, onde estudára piano, seguindo definitivamente para Yverdon, sua terra natal, onde iria ensinar musica.

O frio era o que pode ser na Suissa em dois de Janeiro, isto é em pleno inverno, e havia começado com a "bise", vento frigidissimo e envolvente, que deixa os labios rachados e o nariz vermelho como um tomate.

Mas Erna, no carro do comboio, com "chauffage", achava-se confortavelmente. Antes, porém, de chegar a Lausanne, começaram a esvoaçar no ar, livre de nevoeiro, os primeiros flocos de neve, como milhões de borboletas brancas.

A moça, já habituada áquelle espectaculo hibernal, nem sequer olhava para o exterior, através da vidraça. Pensava, sonhava com o velho castello onde seu pae vivia sózinho, com a velha criada e um jardineiro. Embora não faltassem recursos, Erna pensava em dar lições para ter uma occupação e não *mofar* de tedio no velho castello.

A tres horas de Yverdon, noite feita, fôra tão abundante a neve cahida que os chefes de estação e os de trem acharam conveniente suspender a viagem, para evitar accidentes. Os trilhos estavam inteiramente cobertos de neve e a locomotiva bloqueada. Esta parada, talvez para a noite toda, não agradou a Erna, que, conhecendo a estação onde o trem estacionava, resolveu desembarcar e alugar um taxi até Yverdon. E, apezar do frio cortante, desceu do carro segurando nas mãos enluvadas sua mala, um pouco pesada, por conter, entre outras cousas, todo um repertorio de musicas.

Da estação para o povoado, a distancia era apenas de um kilometro, em descida; mas, pouco depois de ter deixado a estação, Erna viu-se envolvida numa furiosa tempestade de neve. Não via mais nada, ficando desorientada, na escuridão completa. O vento furioso, de frente, difficultava-lhe o passo, a saraivada de cristaes de gelo projectadas em torvelinho fustigava-lhe o rosto, que a *écharpe* não protegia de todo. Não havia ella reparado que o caminho, pouco mais em baixo, bifurcava-se; uma bifurcação que enganava mesmo de dia. E ella seguiu pelo caminho que dava para um vallado, onde, muito vagamente, via-se tremelicar uma luz.

Erna andou quasi tacteando para evitar algum precipicio, mas, passada mais de meia hora, não entrando no povoado, desconfiou, pois aquella distancia da estação ao povoado devia ser percorrida num quarto de hora, quando muito. Tomou a deliberação de se dirigir á luz que entrevia, bruxoleante.

Frio terrivel, penetrando até os ossos. Os pés, as pontas dos dedos doiam, a mala estava se tornando pesada demais. Erna já estava convencida de ter errado o caminho e só desejava encontrar uma casa, onde pudesse se abrigar, pois, com a tempestade cada vez mais furiosa, seria impossivel ir até Yverdon. Tudo, entretanto, ia concorrendo para que lhe faltassem as forças. Cansada, os pés doendo, regelados, as mãos torturadas pela acção do vento, a moça sentia que breve iria desfallecer, e isso no meio da tormenta de neve seria a morte certa. Entreviu a luzinha mais perto e accelerou o passo, quasi nem mais cuidando onde punha os pés.

Entreviu, afinal, uma casinha com telhado alto. Uma janella estava illuminada, mas as vidraças estavam embaçadas por uma camada de gelo. Erna reuniu todas as suas forças, num arranco das ultimas energias. Quiz gritar, mas da garganta não sahiu som algum. De joelhos, arrastando a pesada mala, ainda alcançou a janella baixa. Com a mão endurecida pelo frio, bateu duas pancadas na vidraça. E abateu-se sobre a neve, desfallecida.

— "E, quando a sombra levantou a mão pela terceira vez, ouviram-se duas pancadas na vidraça e mais uma alma invadiu o ambiente".

— Que livro esquisito! — resmungou Daniel Vallabre, que lia sentado perto da lareira, onde crepitavam ao fogo alguns troncos resinosos. De repente ouviu o ruido de duas pancadinhas na vidraça e virou-se bruscamente para a janella.

— Será possivel?! — exclamou. — O livro diz isto mesmo.

Collocou o livro aberto com as paginas para baixo, sobre um banco da frente e foi espiar pela janella, abrindo um claro com a mão na vidraça.

Não viu nada, mas, estranhando o facto, tomou do capote montanhez e abriu resolutamente a porta, recebendo na cara uma formidavel lufada de vento. Ao volver-se para o lado exterior da janella, viu uma forma escura extendida bem em baixo do peitoril.

Jovem robusto e resoluto, Daniel, sem perder tempo em conjecturas, segurou o corpo e rapidamente o carregou para o interior, fechando a porta com estrondo.

Ao lume do fogo viu que se tratava de uma moça e não perdeu tempo para reanimal-a com todos os meios de que dispunha. Isso custou alguns minutos de fricções, cognac e cobertores, até que conseguiu vel-a abrir os olhos lentamente e fixal-os nos delle com surpresa.

Pouco depois, Erna, recobrados de todo os sentidos, contava o que lhe acontecera.

— Interessante — observou Daniel, tomando do livro que deixára sobre o banco. — Olhe aqui. Este livro, para mim quasi incomprehensivel, trazia uma phrase que coincidiu perfeitamente com o que aconteceu realmente pouco depois. Leia.

A moça leu e abriu desmesuradamente os olhos, fixando-os no rosto de Daniel. Após curta pausa, ella disse:

— Dei as duas pancadinhas na vidraça apenas para chamar alguem da casa e logo depois desfalleci. Mas não comprehendo o que quer dizer isso de mais uma alma. Todos as temos, mas não somos sombras.

— Deixemos isso de lado e pensemos num jantar. Deve estar cansadissima e com fome. Hoje passará a noite aqui no quarto de minha mãe que está ausente, e amanhã seguirá para Yverdon, para rever seu pae.

Ao ver um piano a um canto da sala, Erna perguntou:

— O sr. Daniel sabe musica?

Daniel Vallabre riu gostosamente e, piscando um olho para a moça, disse:

— A senhorita ainda pergunta? Pois, ainda ha uma semana interpretou musicas minhas num recital em Genebra.

— Sr. Daniel... Vallabre? — exclamou a moça.

— Um seu criado, como se costuma dizer. Chegou o momento de lhe agradecer a interpretação destacada que deu ás minhas composições. Eu estava entre o publico, incognito e aqui ainda mais. Amanhã, tendo-nos conhecido durante poucas horas, voltaremos a ser desconhecidos.

— Isso, não! — protestou resolutamente Erna — Espero-o em nossa casa. Meu pae será feliz em conhecer quem me salvou nos exames finaes, quem me salvou a vida e...

— Quem se casou com você — interrompeu Daniel.

— Tão rapido assim o senhor se manifesta?

— Erna, nós somos musicos e, como taes, para não perder tempo, costumamos supprimir alguns compassos de espera, não é?

— Então, as duas pancadinhas na vidraça?

— E' o signal para o começo da Marcha Nupcial.

COCEIRA
entre os dedos

Essa intoleravel erupção entre os dedos, frequentemente confundida com o acido urico, é uma infecção fungosa que produz coceira e forma escamas e borbulhas. Não permitta que ella se extenda aos outros dedos: applique hoje mesmo "Solvex do Dr. Scholl", cuja acção germicida faz desapparecer em poucos dias a coceira. "Solvex" é creação do Dr. Scholl, a maior autoridade no tratamento dos males dos pés.

Nas pharmacias e drogarias e nas
LOJAS DR. SCHOLL
Rua São José, 114 — Rio de Janeiro

Solvex Dr. Scholl

IA-865

Numeros atrazados desta revista em

S. PAULO

Tratar com o Sr. Oliveira

Edificio Martinelli

10º ANDAR — SALA G.

Reynaldo, arcebispo de Colonia, que os enviou para a sua igreja, onde ainda se conservam.

Em Milão, mesmo, celebrava-se outrora uma representação dos Magos. Tres homens a cavallo, no papel dos tres reis, percorriam durante algum tempo, a cidade e logo se dirigiam á basilica de Santo Eustorgio, seguidos de grande multidão, macacos e outros animaes. Chegados á columnata de São Lourenço, onde, sentados em um throno, já os esperava um que representava Herodes, rodeado de escribas e de doutores da lei, os Magos o interrogavam sobre o nascimento do Rei dos Judeus. Herodes os despedia sem resposta certa. Então apparecia uma estrella. Os Magos a seguiam e chegavam assim até á igreja, onde, ante um presepio, offereciam os presentes mysticos. Cahiam, após, em um breve somno, do qual eram despertados por um anjo e, retornando ás suas casas, simulavam assim o regresso aos seus respectivos reinos.

Hoje, como se vê, é tudo muito differente...

DIREITO, JUSTIÇA E PROCESSO DO TRABALHO

DE

M. Cavalcanti de Carvalho

Um livro utilissimo, contendo todo o direito trabalhista brasileiro, inclusive as creações mais recentes, e abordando aspectos nunca apreciados em obras da mesma natureza. E' um volume de 361 paginas, repleto de doutrina, jurisprudencia e legislação, inclusive apreciações sobre o Direito Trabalhista do Brasil em face dos tratadistas extrangeiros.

Preço 25$000

Pedidos á Cia. Editora Americana S. A.
Rua Visconde Maranguape, 15 — Rio.

LIVROS NOVOS

SAMARITANAS. Carlos Sudá de Andrade — Rio — 1940 — Edição da Cruz Vermelha Brasileira.

O dr. Carlos Sudá de Andrade, membro titular das Sociedades de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e de Juiz de Fóra, Assistente de Radiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, capitão-medico do Exercito e portador de outros muitos titulos que o credenciam como scientista, é já hoje dos mais festejados intellectuaes do nosso mundo jornalistico, sendo redactor de **Nação Armada** e collaborador effectivo de **Revista da Semana**. Verificando-se recentemente a IV Conferencia Pan-Americana da Cruz Vermelha, o dr. Carlos Sudá de Andrade produziu como contribuição brilhante a essa realisação a monographia **Samaritanas**. O novo trabalho do escriptor de **Reservas etnicas do Exercito**, composto na linguagem apreciavel de seu habito, é principalmente uma reportagem recommendada á attenção geral pelo interesse informativo e verdadeiramente preciosa como subsidio do historico da Cruz Vermelha do Brasil. O autor dividiu a obra em capitulos e inseriu na **plaquette**, á maneira de projecções numa conferencia, suggestivos **clichés** photographicos executados por Arnaldo Vieira sob sua direcção, illustrações que mostram passagens das actividades das **Samaritanas**, no Rio, a flagrantes de solemnidades na filial da Cruz Vermelha, em S. Paulo. Um pequeno volume, gracioso na sua apresentação graphica e offerecendo util e agradavel leitura.

EXALTAÇÃO A PORTUGAL. A. Corrêa Pinto Filho — Pará — 1940.

Por occasião da cerimonia commemorativa dos Centenarios de fundação e Restauração de Portugal, o joven intellectual A. Corrêa Pinto Filho, da Academia Paraense de Letras, pronunciou no Theatro da Paz, de Belem, brilhante oração. Sob os auspicios da Prefeitura Municipal daquella capital, patrocinada a iniciativa pelo professor Abelardo Leão Condurú, a peça oratoria do academico A. Corrêa Pinto Filho acaba de ser editada em luxuosa e esthetica **plaquette**, toda illustrada por F. Azevedo.

A realisação do orador, agora impressa, justifica o carinho da edição da Livraria Globo, de Belem, e honra os fóros de prosador do moço intellectual paraense. Nestas paginas de exaltação a Portugal o leitor encontra o louvor das figuras marcantes da historia portuguesa feito com enthusiasmo e belleza de linguagem, com arrebatamento e brilho de forma. Um volume artistico que deve ser conservado nas estantes daquelles que prezam as bellas letras.

R.

HISTORIA DO REAL GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO, por Humberto Taborda. — Rio de Janeiro, 1940.

Desta obra se havia encarregado Carlos Malheiro Dias. A enfermidade o impediu de dar cumprimento a uma tarefa que, além da feição literária e da condição patriotica, por outros titulos se impunha ao enthusiasmo e ao carinho do insigne organizador da **Historia da Colonisação Portugueza do Brasil**. Impossibilitado Malheiro Dias e já proxima a celebração do centenario da nobre e illustre casa da rua Luiz de Camões, sentiu-se o sr. Humberto Taborda, director-secretário do Gabinete, obrigado a emprehender um trabalho, para se furtar ao qual outros sem duvida allegariam falta de tempo e difficuldades talvez ainda mais graves. Do esforço e da intelligencia empregados pelo sr. Taborda nos dá ideia, do primeiro relance, este vasto volume de quasi trezentas páginas, em que ao rigor paciente das pesquizas corresponde um méthodo esmerado de exposição. Tudo, desde a primeira reunião dos fundadores em casa de Antonio José Coelho Lousada até ás solemnidades do centenario, se acha nestes capitulos contado e explicado com exemplar cuidado de precisão e clareza. O sr. Humberto Taborda, que escreve correcta e limpidamente, fez um livro que deve ser lido com attenção e preciosamente guardado — um livro que merece ficar.

COMO DEI CABO DE LAMPEÃO, pelo capitão João Bezerra, 2.ª edição revista e augmentada — Rio de Janeiro, 1940.

O titulo eloquente e categoricamente define a obra. Do muito, do muitissimo que se tem escripto sobre o extranho, monstruoso, absurdo scelerado cuja influencia por tanto tempo se estendeu sobre tão vastas regiões, nada vale, como documentação, o livro do sr. João Bezerra. Não se trata aqui apenas de episódios traçados com mais ou menos vigor de expressão, mais ou menos propriedade de colorido. Ha a vantagem de serem os factos revelados e parallelamente apreciados, não por uma simples testemunha, mas por um dos personagens, um dos heróes da tragedia sertaneja que para os pessimistas e os scépticos — a grande maioria dos leitores de jornaes — nunca poderia terminar satisfactoriamente.

O então tenente Bezerra entrou na campanha de corpo e alma. Além do cumprimento dum dever, sentia nella uma causa de alto patriotismo e tambem de brio, bravura, dignidade pessoal. A sua acção não se limitou ao commando do destacamento que lhe fôra confiado. Era o homem que se empenhava tambem na conquista duma victoria, a caminho da qual tantos outros tinham soffrido revézes ou encontrado a morte. Animava-o a ansia, o sonho, a fé absoluta de triumphar. E de certo ponto em diante a luta se feriu, por assim dizer, entre Lampeão e elle. O ódio do bandoleiro e a indignação do militar a cada momento se defrontavam ou se desafiavam. Só havia este desfecho, esta solução: um delles tinha que anniquilar o outro. Mas desta vez o bandido encontrará, como dizem os francezes, "o seu homem". E Bezerra deu cabo de Lampeão.

Como, onde, quando, por entre que circunstancias e depois de que variados e sensacionaes episódios — eis o assumpto deste livro e o seu magno interesse.

J. L.

ESCRIPTOR MOZART DA GAMA

Fez annos no dia 13 do corrente mez o escriptor e jornalista dr. Mozart da Gama, que ainda recentemente tomou parte na Exposição do Livro Brasileiro de Montevidéo, como representante de editores e do Syndicato de Jornalistas Profissionaes, tendo proferido no Uruguay conferencias em lingua castelhana sobre a politica de bôa vizinhança que une as Americas para os mais altos desideratos no mundo moderno.

No dia de seu anniversario, o escriptor entregou ao seu editor mais tres livros que serão dados á luz da publicidade, dentro em breve.

São elles: "Direito Tributario", "Estrutura da Obra Politica do Presidente do Brasil" e "Conferencias de Propaganda do Brasil". O dr. Mozart da Gama tem publicado varias obras sobre direito, economia e politica financeira, sendo autor de diversos escriptos, inclusive sobre a propaganda dos valores do solo e do sub-solo de nossa terra.

"FERRO ARSYLOSE" SCHMITZ

CURA FASTIO, ANEMIA E FAZ AUGMENTAR O PESO

FERNANDO ANTONIO, filho do notavel medico de creanças, Dr. WITTROCK, escreve:

Devo a minha robustez e saude a Ferro Arsylose Schmitz, que tomo desde pequenino a conselho de papae e recommendo aos amiguinhos

PAGINA das CREANÇAS

Americo, filho do casal d. Isaltina Rodrigues Valle — Americo Valle.

O Natal de Gustavinho

— Não temos mais nada para comer, mamãe — disse o Gustavinho, um garoto de 11 annos, abanando os braços magros, emquanto emittia um suspiro de desconsolo.

— Paciencia, meu filho — murmurou a mãe, quasi immovel na cama.

Ha dias que ella estava doente e mais de mez que deixára seu emprego de cozinheira em casa de uma familia que fôra para Pernambuco. E accrescentou:

— Sinto muito por ti, meu filho, que estás passando fome. Eu posso passar sem comer porque a febre alimenta, mas tu não, Gustavinho.

— Mamãe, vou sahir para ver se arranjo alguma coisa.

O garoto, assim que viu sua mãe adormecer, sahiu e começou a vagar pelas ruas apinhadas de povo, homens e mulheres trazendo embrulhos com brinquedos, iguarias, presentes para o Natal. Com a tristeza estampada no rostinho magro e pallido, o pequenino atravessava a multidão sem rumo e não ousava olhar para os embrulhos.

Uma familia numerosa, carregada de embrulhos ia tomar o bonde ás pressas. No atropello um dos embrulhos cahiu sem que seu dono percebesse. Já o bonde havia partido e Gustavinho, apanhando o embrulho, ainda tratou de correr atraz do vehiculo, mas sem resultado. Ficou alli estontead com o embrulho na mão, sem saber o que fazer. Afinal decidiu. Talvez haja alli dentro alguma indicação sobre o nome de quem o perdeu.

Com effeito, ao abril-o, Gustavinho viu uma factura, acompanhando uma porção de objectos proprios para presentes. Brinquedos, joias, perfumes de grande valor. A factura informou-o do paradeiro do dono. Morava longe e o menino não possuia um tostão para o bonde. Comtudo tomou sua decisão. Embora fraco, nas pernas faria a longa caminhada.

Esfalfado pelo calor e pelo cansaço foi afinal bater á porta de uma rica residencia em Copacabana. Pediu para falar com o dono e indicou o nome que leu na factura.

— Mas menino — objectou a criada — O patrão já deu esmolas para o Natal.

— Não é isso que venho pedir — protestou Gustavinho — Quero fallar com o sr. Henrique.

Afinal veio o dono em pessoa para ver de que se tratava.

— Ao tomar o bonde o senhor deixou cahir este embrulho — foi dizendo o menino.

— Ah! E' verdade — exclamou o sr. Henrique — Eu ja estava afflicto e não sabia onde havia cahido. E você o achou. Muito obrigado.

Virando-se para a criada o dono disse:

— Maria, arranje comida para este pequeno.

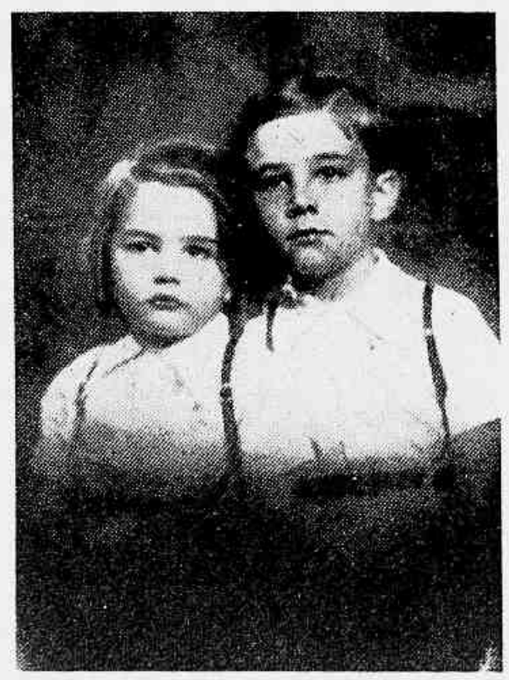
Convidado a comer o que lhe haviam preparado, foi com muito acanhamento que Gustavinho pediu para que a criada embrulhasse uma parte da comida.

— Por que não comes tudo? — perguntou o sr. Henrique.

— Vou levar tambem para mamãe. Ella está doente e com fome.

O gesto do sr. Henrique foi rapido. Retirou o chapéu do cabide, pondo-o á cabeça. Tomou o pequeno pela mão e quasi o arrastou para fóra. Parecia que o enxotava, mas não era isso. Na rua chamou o primeiro taxi que passava

José Aifredo e Maria Lina, filhos do casal eng. Josalfredo Borges — Dalila Moura Borges. — Barbacena (Minas Geraes).



Rodolpho e Ricardo, os dois lindos filhinhos do casal d. Iza Conde — sr. José Conde.

Léa Maria Aarão Reis, netinha da sr.ª d. Maria Sotomaior.

Arnaldo e Jarina, filhos do casal Francisco e d. Lucinda de Souza.

PARA CREANÇA DENTISTA

Dr. Willmersdorf especialista. Ex-assistente do Dr. Plinio Sena. Av. Rio Branco, 128, sala 212. Tel. 22-5596. Hora 20$. Segundas, Quartas e Sextas-feiras.

Festa infantil realisada por occasião do 3.º anniversario do menino João Mauricio Putowitsch Rodrigues, filho da senhora Dinah Rachel Rutowitsch Rodrigues e do sr. Alceu Rodrigues.

Elba Lourdes, filha do nosso collaborador Sebastião Fernandes.

e, após obter o endereço da casa onde o Gustavinho morava, mandou tocar para lá.

Foi grande a surpresa da mãe do pequeno ao ver pela janella parar o taxi bem á frente de sua pobre casinha. Levou um susto, pensando que algum accidente houvesse acontecido ao filho, mas quando o viu entrar em companhia de um senhor vestido com toda elegancia, ao susto succedeu a surpresa.

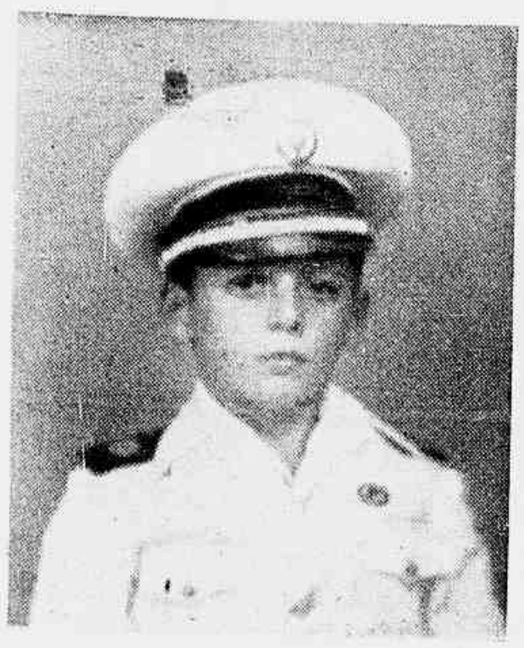
— Minha senhora, seu filho acaba de praticar uma acção muito digna, devolvendo-me valiosos presentes que eu havia perdido. Este Natal, portanto, não será só meu.

A senhora e seu filho terão tudo que lhes está faltando. Mandarei vir aqui o medico e a comida e quando a senhora ficar curada virá tomar o lugar da cozinheira que está me faltando. Seu filho será o companheiro do meu e seu conselheiro, porque sabe ser honesto e ensinará ao meu a praticar as bôas acções de que deu um bello exemplo.

Retirando do bolso uma grande quantia, o sr. Henrique collocou-a nas mãos esqualidas da doente, que relutava em acceitar e abraçando o menino effusivamente, retirou-se, dizendo:

— Logo voltarei aqui para as providencias.

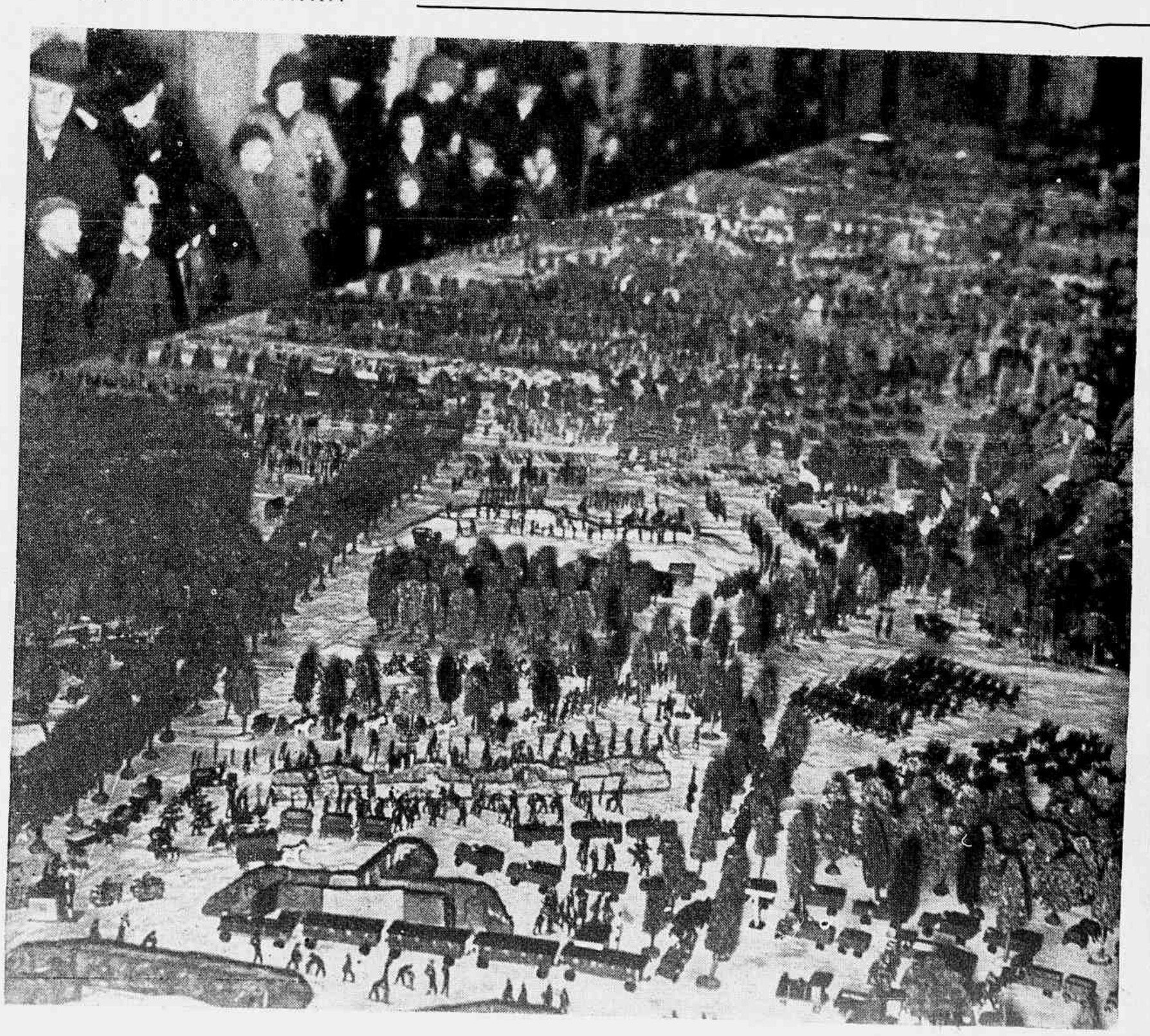
E sahiu deixando mãe e filho abraçados, a murmurar: Deus não se esqueceu de nós.



Sergio, filho do sr. Laercio Alcôba Soares e d. Marilia Pereira Soares.

o lado — As casas de brinquedos, em Berlim, inauguraram este anno, pontualmente á primeira semana de dezembro, as habituaes exposições de brinquedos para o Natal, transformando suas installações em amplos palcos, como se vê. (Photo R. D. V., recebida de avião a 1-12-40.)

O MUNDO INFANTIL NÃO ESTA' EM GUERRA



O NATAL E OS EVANGELHOS

J. Luis

SERIA certamente interessante para o publico ledor profano comparar-se as variantes literarias do natal de Jesus Christo e tirar-se dellas, conforme as orientações seguidas, os ensinamentos mais salutares ás nossas almas christãs do extraordinario acontecimento.

Haveria, porém, nessa pratica utilissima, um grande perigo: o de reaccender uma discussão millenaria que já custou rios de tinta e, não raro, tambem, rios de sangue.

A dourada legenda do Natal é e será intraduzivel e impenetravel ás analyses, quando estas não venham precedidas do sentimento da fraternidade humana que ella representa. O Christo Redemptor

nasceu para os corações bem formados, lá, numa mangedoura de Belém, para ensinar o amor á humanidade e é o bastante...

Muitos senhores importantes têm tentado contar, viver e interpretar esse episodio, através suas paixões humanas, mas em vão.

Desde 1768, desprezando-se alguns insignificantes relatos profanos anteriores, que os "historiadores" ou analystas do mundo exterior ao dogma pretendem realisar essa façanha ingloria, "biographando" a maxima figura da Christandade, como se ella fosse conformada a essas dissecações desintegradoras.

Mas, ao fim, nem o primeiro "biographo" (J. I. Hesse, 1768), nem os que o seguiram até hoje puderam materialisar nas laudas frias de uma "historia" a luminosa pagina divina, que só poderia ser contada por aquelles que se illuminaram com a flamma sagrada da Fé: os apostolos de Christo.

Strauss, o sisudo Strauss, que, annos após, tentou essa façanha, assim mesmo o reconhece quando, cheio de pessimismo pela "sua sciencia", deixa transparecer, mal humorado, essa verdade affirmando:

—"Não é menos certo que o modo biographico não pode facilmente accommodar-se a um heróe cuja consciencia mergulha numa existencia celeste" (Nova vida de Jesus, 1864).

Mesmo Renan, o suave Renan, que com tamanha bôa fé tentou humanisar o extraordinario acontecimento, soffreu os tremendos tropeços da ardua tarefa e quedou-se, exhausto, ao fim, indeciso, para só fixar, em definitivo, que a empresa era summamente irrealisavel aos que pretendessem examinal-a, apenas, á luz da materialidade scientifica.

Mas a legenda dourada sub-existe e sub-existirá até á consumação dos seculos.

Ahi estão os que podem traduzir-lhe as suas bellezas: os véros espectadores do seu desenrolar, os apostolos de Jesus, os evangelistas.

E nem mesmo faltam a estes as variantes interpretativas particulares das sensações individuaes que tiveram dos factos presenciados ou ouvidos de mais perto.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gazes incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não acceite imitações. Preço 3$000.

Esse o nosso proposito de aqui annotar, ligeiramente, as diversidades nos textos dos quatro Evangelhos, que foram quatro, por representarem, no dizer de Santo Irineu das Galias: "as columnas da Egreja" (o pensamento antigo dividia o mundo em quatro regiões).

Comecemos por S. Matheus, o mais antigo dos narradores, na ordem chronologica dos Evangelhos.

Dentre os interpretadores profanos ha quem diga que Matheus apenas fez um "apanhado" do que sabia das sentenças do Senhor, para substituir a narração oral, uma vez que ia se ausentar do seu povo amado, para a pregação da palavra de Jesus, em outros logares.

Papias, um autorisado commentador desses assumptos, accrescenta, a proposito da narrativa inicial desse evangelista: "Matheus redigiu (o seu evangelho) em lingua hebraica, e cada qual lhe deu a interpretação que soube".

Eusebio, uma autoridade christã do primeiro seculo, affirma: "Matheus, prestes a deixar os hebreus para ir a outra parte, quiz ao menos deixar-lhes um livro no logar de sua pessoa."

Eis a historia da primeira narrativa da vida de Christo.

Como do hebraico, que era uma lingua pouco conhecida no mundo antigo, se transplantou a historia de Matheus, ninguem o sabe ao certo.

S. Jeronymo diz que não se sabe quem traduziu para o Grego (centro civilisador de gravitação da época) o escripto do apostolo.

O certo, entretanto, é que todos os historiadores da antiguidade dão como authentica a versão de Matheus mencionada por Papias.

Assim, pois, vejamos como esse evangelista narra o nascimento de Jesus Christo. E' succinto; apoz descrever de como José desposou a Maria, conta o sonho de José, quando o Espirito Santo lhe

annuncia que sua mulher conceberá um filho que se chamará JESUS, **«porque elle salvará o povo dos peccados d'elles»** (I-21, Ev. cit.)

E, a seguir, annuncia o nascimento de Jesus, para de immediato, já nascido em Belem de Judá, situal-o ante a adoração dos Reis Magos.

Marcos refere-se ao magno acontecimento, tambem com sobriedade de narração. E a favor dessa sobriedade estão as palavras de Santo Irineu e do proprio Papias que a explicam por ter Marcos escripto o seu Evangelho "segundo permittiam suas recordações, mas não em ordem, o que disse e fez o Christo; porque elle nem tinha ouvido, nem seguido em pessoa ao Senhor, sendo um simples ouvinte e companheiro de Pedro."

Marcos, portanto, não se demora e nem mesmo allude ao natal de Christo. Fal-o apparecer pela primeira vez em seu evangelho em Nazareth, baptisado pelo Baptista, no Jordão. (1-9. Ev. S. Marcos).

Lucas é mais explicito.

Aliás, o seu evangelho é de sobejo commentado pelos historiadores profanos e considerado escripto em época recuada dos episodios de que trata.

O proprio Lucas assim o confirma, no seu preambulo: "Pois que foram na verdade muitos os que emprehenderam pôr em ordem a narração das cousas, que entre nós se viram cumpridas..." (I, 1-4, Ev. S. Lucas).

Strauss, sempre de má vontade para com o symbolismo divino que encerra os santos evangelhos, conclue que, provavelmente, ao tempo da narrativa escripta de Lucas "já havia uma numerosa literatura evangelica". Lucas nos expõe a narrativa com mais detalhes, o que parece realmente ter-se valido excellentemente e com proveito da tradição oral e escripta da época. Eis como annuncia o nascimento de Jesus Christo, ajuntando um detalhe interessante para nós, que acabamos de realisar o Recenseamento:

"E aconteceu naquelles dias, que sahiu um édito emanado de Cesar Augusto, para que fosse alistado todo o mundo" (II, I, Ev. cit).

"E iam todos alistar-se, cada um, a sua cidade" (II, 3).

"E subiu tambem José da Galiléa, da cidade de Nazareth á Judéa, a cidade da David, que se chamava Belém; porque era da casa e familia de David" (II, 4).

"Para se alistar com sua esposa Maria que estava pejada". (II, 5).

"E estando ali aconteceu completarem-se os dias em que havia de ter seu filho" (II, 6).

E nascendo Jesus "o enfaixou e o reclinou em uma mangedoura, porque não havia logar para elles na estalagem" (II, 7).

Chegamos, finalmente, ao Evangelho de S. João.

Os historiadores profanos que autorizam os tres primeiros evangelhos não são accordes, em suas opiniões, quanto á authenticidade do quarto.

S. João é assim discutidissimo pelos commentadores eruditos da Historia do Christianismo.

Papias não allude á narrativa joanina, senão para citar uma epistola do evangelista e não o seu evangelho, propriamente.

Strauss nega-lhe authenticidade, embora reconheça razão em S. Euzébio em acreditar na semelhança da 1.ª epistola joannina com o Evangelho attribuido a João.

Mas nada disso tira a belleza narradora do apostolo que, justificadamente, é tido como o primeiro estylista da história da divindade christã.

João expõe alli o dogma na sua verdadeira caracterisação divina. Não se demora no detalhe, vae ao fundo, para revelar a Nova E'ra, nas palavras do Baptista:

"No dia seguinte vio João (Baptista) a Jesus que vinha para elle e disse "**Eis aqui o Cordeiro de Deus; eis aqui o que tira o peccado do mundo**" (I, 29 Ev. S. João).

Mocidade, Saude e Belleza; os Ideaes da Mulher

A mocidade, a saude e a belleza são as armas poderosas da mulher. Constituem, por isso, o seu maximo e supremo ideal. Grandes são, pois, os seus soffrimentos quando os males proprios do seu sexo a attingem e roubam a sua saude, esgotam a sua mocidade e extinguem a sua belleza.

Toda mulher tem o direito e o dever de defender e perpetuar a sua saude, a sua mocidade e a sua belleza. Para isso precisa ella combater os males de seus orgãos genitaes.

De duas naturezas differentes são esses males — os que originam as regras abundantes e hemorrhagias e os que produzem a falta ou diminuição de regras. Para os primeiros: Regulador Xavier n.º 1. Para os segundos: Regulador Xavier n.º 2.

O REGULADOR XAVIER é o remedio de confiança da mulher.

CALCIO BABY

O remedio da Dentição, indicado pelo grande especialista dr. Wittrock como indispensavel na infancia.

CONSELHOS PRATICOS

LAVAGEM DA SEDA BRANCA. — Para evitar que a seda branca amarelle com a lavagem, deve-se evitar estendel-a para seccar; envolve-se dentro de uma toalha felpuda e deixa-se assim algumas horas antes de passar a ferro.

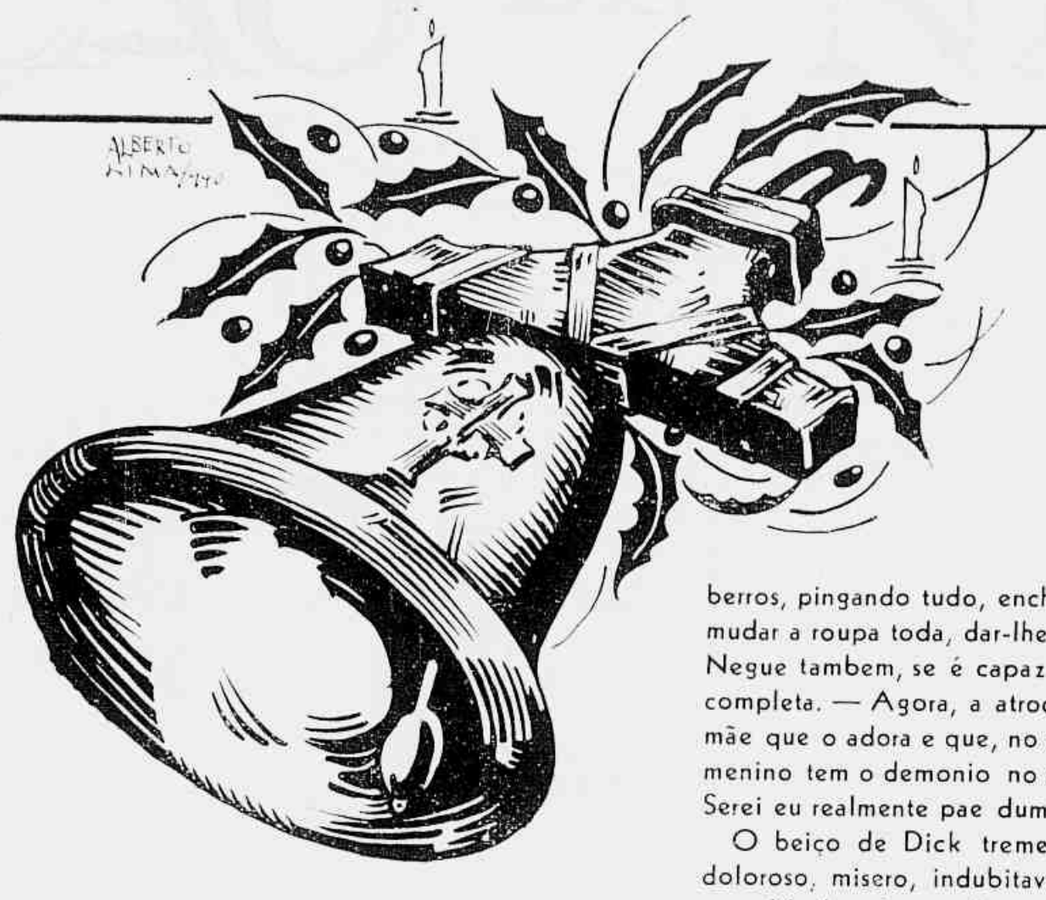
OS NOSSOS AVÓS

Diabo... Como é que eu vou começar?...

* * * *

JOÃO LUSO

ORAÇÃO DE NATAL



— Genserico! Venha cá!

Era mau signal. Ninguem o tratava pelo nome de baptismo. E ninguem realmente supportava esse nome imposto pelo padrinho, homem de ideias violentas e que assim entendera fazer do pirralhinho côr de rosa, afogado em rendas brancas e que mal ainda abria os olhos, um guerreiro, um conquistador, um arrazador de nações. Não se podia repellir semelhante incoherencia, semelhante arbitrariedade, porque á mais temivel força de vontade, o padrinho, dr. Sequeira, alliava fortuna vastissima e um prestigio, por assim dizer, universal. Dar-se-lhe a entender que o baptismo por elle escolhido desagradava ou que se preferia outro, menos historico embora, comtanto que menos rebarbativo, seria ir de encontro a uma intransigencia absoluta, causar um despeito implacavel, afastar para sempre dos interesses da familia e, consequencia supremamente calamitosa, do pobre innocente e do seu exito na vida aquella influencia tutelar. Por isso — que remedio! — assentiram em que o guryzinho se chamasse como o rei dos Vandalos, assolador de Roma e perseguidor de todos os catholicos. Sim, sujeitaram-se ao Genserico... Mas trataram logo, a avó e a mãe principalmente, de arranjar um diminutivo. Queriam qualquer coisa de jovial, moderno, brilhante, cinematographico. Procuraram, procuraram... De repente surgiu na conversa o monosyllabo victorioso: Dick! Um achado, hão de concordar... E só quando o dr. Sequeira apparecia lá em casa — isto é: de longe em longe, felizmente — se pronunciava o nome daquelle que, imitando Attila, a si mesmo se considerava o azorrague de Deus.

— Seu Genserico! Então? Não ouviu?

Desta segunda vez, ainda a voz do pae se ergueu mais temerosa, num tom mais duramente justiceiro. Dick perdeu a ultima esperança de impunidade. Na sua cacholazinha de diabrete de cinco annos, comprehendeu que de nada lhe serviria continuar escondido atrás do biombo japonez. Fatalmente o pae o viria buscar; e a sua situação redobraria de gravidade. Sahiu da fortaleza nipponica, vagarosamente, de olhos baixos, com relativa dignidade. Sabia, mais ou menos, o que lhe estava reservado. Uma parte rechonchuda e mimosa do seu corpo corria perigo. Para o não julgarem covarde de mais ou sem nenhuma justificativa, ergueu os olhos, ousando enfrentar os acontecimentos. O pae, sentado junto á mesa de jantar, franzia carregadamente o sobrolho; a mãe, á direita, em pé, ostentava a resolução de se não commover, de não intervir em favor do culpado; á esquerda, a criada fingia dar aos talheres mais correcta disposição, mas, evidentemente, tomava parte na scena. Era uma especie de tribunal.

Chegado a uma distancia razoavel de réu em julgamento, Dick parou, ficou esperando o libello que o havia de esmagar.

— Sim, senhor! principiou o pae, cruzando os braços, por entender que essa attitude lhe accentuaria o aspecto de indignação. — Chego a casa e vou logo sabendo poucas e boas. Poucas e boas, não; muitas e péssimas! O senhor portou-se, o dia inteiro, miseravelmente. Prevalecendo-se da minha ausencia, pois sou eu a unica pessoa que lhe infunde certo respeito, deu largas aos seus instinctos rebeldes, atrabiliários e iconoclastas! — Naturalmente, eram essas palavras ignoradas, inaccessiveis á sua comprehensão, as que mais apavoravam Dick já de beiço estendido e tremulo, quasi a chorar. Por isso mesmo o pae as empregava e dellas abusava, quando via que o primeiro effeito ficara aquém do desejado. — Não deixou sua mãe um minuto socegada; andou atrás da Benedicta, desmanchando tudo o que ella arrumava; entornou agua no tapete; abriu a gaiola do canario; errancou todas as plantas dos vasos da varanda...

O magistrado exagerava. Era injustiça. Embora timidamente, Dick protestou:

— Foram só tres.

— Confessa, não? replicou o pae triumphante. — Falei assim, de proposito: para que o senhor, julgando defender-se, reconhecesse a sua infamia! E as outras tropelias que andou praticando pela casa toda? Os papeis rasgados? O phosphoro que já estava accendendo junto ao fogão, num momento em que a cozinheira virou costas? E a fuga para a rua, em risco de ser atropelado por um automovel?

— Nossa Senhora, não diga isso nem brincando! atalhou a esposa, subitamente esquecida da serenidade que lhe competia, como auxiliar da justiça.

— Mas não é brincando, é muito a sério. Por um automovel ou por um caminhão. Até por dois caminhões - automoveis! E como se tudo isso ainda não bastasse, abre a borracha de regar do jardineiro e volta para casa aos berros, pingando tudo, encharcado da cabeça aos pés. Tiveram que lhe mudar a roupa toda, dar-lhe uma fricção, para evitar qualquer doença. Negue tambem, se é capaz! — Dick suspirou apenas. A sua confusão era completa. — Agora, a atrocidade das atrocidades: fez chorar sua mãe. Sua mãe que o adora e que, no emtanto, me dizia ha pouco, aqui mesmo: «Este menino tem o demonio no corpo!» E não terá mesmo? pergunto eu agora. Serei eu realmente pae dum réprobo, um possesso, um demoniaco?

O beiço de Dick tremeu com mais vehemencia e o choro se desatou doloroso, misero, indubitavelmente impregnado de contricção.

— Venha cá... ordenou o pae, já em tom bem mudado, bem menos de sentença inappellavel. Tomou-o entre os joelhos, falou-lhe como um camarada, quasi um cumplice: — Aqui para nós, meu Dick. Não está direito. Além do mais, meu filho, deve reflectir que é já amanhã vespera de Nata! e que no outro dia você encontrará ao redor da sua cama uma porção immensa de brinquedos, objectos lindissimos, presentes de seu pae, sua mãe, seu padrinho...

— O anno passado elle me deu uma espingarda, não foi?

— Justamente, vê como você se lembra? E este anno o menos que lhe dá é uma peça de artilharia! E suas tias, e os amigos que hão de vir consoar comnosco... Ah, mas tudo isto, com uma condição! Ahi é que são ellas! Para você ganhar todas estas «festas», sabe o que é preciso?

Os olhos de Dick dilatavam-se, fulgurando:

— Diga, diga, papae!

— E' preciso que o Menino Jesus não esteja zangado com você. Se estiver, acabou-se! Se Elle se mostrar aborrecido, offendido com essas traquinadas que você andou fazendo e principalmente com os desgostos que deu a sua mãe, diga adeus ás suas «festas», porque ninguem lhe poderá dar nem um alfinete! Seria peccado, comprehende? Entendeu bem o que eu disse?

Dick fez com a cabeça, compenetradamente, o signal affirmativo.

— Veja, agora, como se porta, hein? Tenha bastante juizo daqui por deante; quando não, já sabe!

Eram horas de jantar. Dick jantava antes, está claro; e justamente os paes esperavam, para se pôrem á meza, que a criada o fosse deitar. Deram-lhe a benção. A mãe beijou-lhe muito os olhos, como para enxugar alguma lágrima que ainda por acaso lá restasse. E, dando a mão a Benedicta, o heróe partiu, muito sério, evidentemente presa de singulares, enormes preoccupações.

Depois de se benzer, estendeu-se muito ao comprido no leito; e a criada retirou-se, admirada de o ver adormecer tão depressa. Mal, porém, ella sahia, devagarinho, cerrando a porta, Dick ergueu o busto, encostou-se á travesseira; e, de mãos erguidas como sua mãe lhe ensinara para rezar o Padre Nosso, os olhos fitos ao alto da porta, cuja "bandeira" accusava a claridade da lampada do corredor, entrou a murmurar uma oração differente, differente de qualquer outra, toda sua, do seu coraçãozinho arrependido:

— Menino Jesus... Não fique zangado commigo! Eu vou lhe dizer mesmo a verdade. Sim, papae tem razão em ralhar daquella maneira... E nem sei como hoje escapei a umas boas palmadas... Mas tambem eu posso jurar: Papae fala, fala e, quando fica mais bravo, até me bate, mas não sabe tudo. Penso que furto os doces, estrago as flores, sujo o chão, atiro agua no gato e, como diz Benedicta, viro a casa do avesso... por maldade. E não é, Menino Jesus! Não é! A Você eu conto tudo. Sou até muito bomzinho. Gosto tanto de atirar alpiste ás rôlas, levar esmola aos pobres que batem á porta, ir á missa com mamãe, visitar vovôzinho no cemiterio... Então se eu fosse peste, praga, coisa ruim, me sentia tão contente quando faço essas coisas? Sim, mas... "as outras..." Escute, Menino Jesus. As outras coisas... eu não quero fazer. Começo a

Flagelação de Christo, excellente quadro de Belmiro de Almeida, pintado em 1887 e existente no Convento da Ordem 3.ª da Penitencia.

BELMIRO de ALMEIDA

POR CARLOS RUBENS

Victor Meirelles e Pedro Americo, os dois maiores pintores nacionaes, que poderiam ser gloriosos apenas com *A primeira missa* e *A batalha de Avahy*, são tão desmembrados como Agostinho da Motta, Correia de Lima, Côrte Real, Leão Pal-

Effeito do Sol — Belmiro de Almeida (1858-1935) Museu Nacional de Bellas Artes

Dame à la Rose — Belmiro de Almeida (1858-1935) — Museu Nacional de Bellas Artes.

EMQUANTO não se escreve a pleno a historia da pintura brasileira, traçando-se-lhe de vez as figuras geraes sem deturpação, sem deficiencias nem demasias criticas, collocando-se cada artista no seu tempo e com o merito proprio, definindo-se-lhe tendencias e orientações, bom será que tentemos a resurreição dos que se obscurecem no esquecimento proposital em que os sepultamos, como se escondessemos um thesouro que só a nos mesmo enriquece e orgulha.

Barbaramente, na repulsa ou indifferença pelos nossos authenticos valores artisticos, em sempre raras excepções, esquecemos todos com ingratidão e desattenção de arte [illegible]

Bière, Almeida Junior, o mais brasileiro de todos, Arsenio Silva, Aurelio de Figueiredo, Hypolito Caron, Castagneto, Augusto Duarte, Estevão Silva, Firmino Monteiro, J. Medeiros ou outros de não menor nomeada e mortos mais recentemente como Decio Villares, Baptista da Costa, Henrique Bernardelli e Antonio Parreiras.

Este teve a sorte posthuma de encontrar um Interventor luminoso do civismo do commandante Amaral Peixoto, que teve o gesto, inedito no Brasil, de transformar em museu a casa-atelier de um pintor, como tornou a sua — gesto que nunca será de mais enaltecer e louvar, tão alto eleva o administrador e justamente glorifica o artista — e que não tivemos quem o praticasse com o atelier de Baptista da Costa e dos Bernardelli.

Esquecemos permanentemente a obra fulgente e eterna que os nossos artistas constroem no seu puro ideal de arte, dando a impressão de que o que possuimos é fructo sómente dos contemporaneos.

Belmiro de Almeida, caric.ª de Raul

Entre os que assim esquecemos ingratamente está Belmiro de Almeida, um maravilhoso pintor e um excepcional artista. Sua obra, de solidez absoluta, resiste a qualquer analyse. E enquadrada na sua época, não se alça apenas á dos mais reputados a artistas, mas apparece com um sopro novo de originalidade e renovação.

Belmiro de Almeida nasceu em Cerro, Minas Geraes, aos 22 de Maio de 1858, matriculando-se na Imperial Academia de Bellas Artes em 1877, fazendo todo o curso. Foi conservador da Pinacotheca da Academia em 1885, professor interino de desenho figurado na Escola em 1895, substituindo Pedro Wingartner, cargo que deixou voltando a exercel-o em 1896, e de desenho de modelo vivo em 1916.

Na Exposição Geral de Bellas Artes de 1894 obteve a medalha de ouro de 2.ª classe e na de 1921 a Grande Medalha de Ouro. Membro do Conselho Superior de Bellas Artes, falleceu a 12 de Junho de 1935 em Paris, onde fixára residencia.

A obra que realizou engrandece a pintura brasileira. Pela limpidez, pela realização material, pelo destino e sentido emotivo. E' obra bella e solida. Lucida intelligencia e com uma visão larga e harmoniosa da vida, pensava bem e executava com sabedoria. Tudo que fez é de extraordinaria fascinação pictural, sua palheta, ardente de tons festivos, reunindo graça e poesia.

So o que está no Museu Nacional de Bellas Artes, antiga Pinacotheca, vale uma gloria: veja-se aquella fina e esgalga *Dame à la Rose*, risonha, de cintura vespal, toda em negro e de attitude gracil ou o poema de amor casto e simples que é *Bom tempo*.

Já *Irmãos* (1887) é obra de mestre. Definitiva. Prima. Ella rompe a rotina da interpretação de motivos pictoricos brasileiros. E' uma scena de ciumes entre esposos. Mestre Gonzaga Duque, que para *Irmãos* servira de *modelo*, descreve-a e diz a certo trecho: "Ainda no Rio de Janeiro não se fez um quadro tão importante como este. Os assumptos historicos teem sido o maior interesse dos nossos pintores que, emprehendendo-os, não se occupam com a época nem com os costumes que devem formar os caracteres aproveitaveis na composição dessas telas. Belmiro é o primeiro, pois, a romper com os precedentes, é um innovador, é o que, comprehendendo por uma maneira clara a arte do seu tempo, interpreta um assumpto novo. Vae nisso uma questão seria — menos a de uma predilecção do que a de uma verdadeira transformação esthetica. O pintor, desprezando os assumptos historicos para se occupar de um assumpto domestico, prova exuberantemente que comprehende o desideratum das sociedades modernas e conhece que a preoccupação dos philosophos de hoje é a humanidade representada por essa unica força inaccessivel aos golpes iconoclastas do ridiculo, a mais firme, a mais elevada, a mais admiravel das instituições — a familia."

Belmiro, porém, não adormece sob esses louros. Terá ainda uma longa estrada a palmilhar. Um mundo de emoções a eternizar, um mundo de pensamentos a materializar em quadros, um mundo sensivel a desabrochar em bellezas de arte.

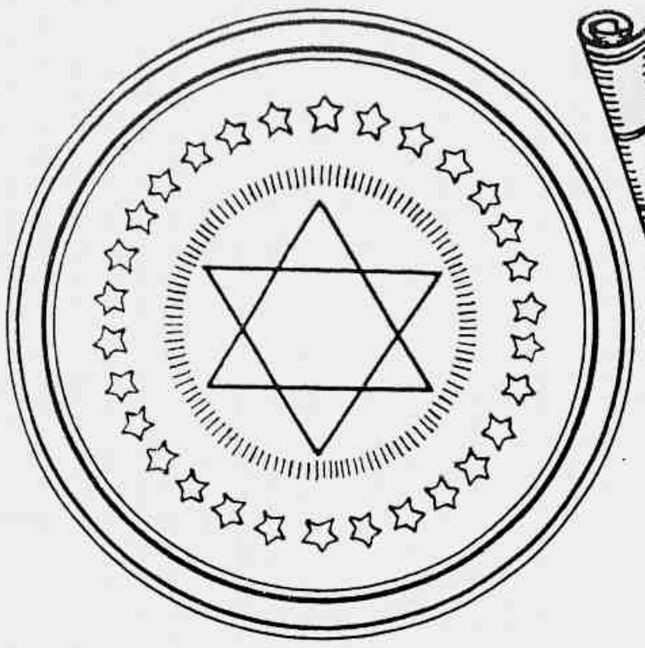
Simplifica a sua pintura, cria novos motivos. Viaja. Faz-se discipulo de Lefebvre, na França. Produz sempre e mais. Tenta a marinha, a paizagem, o quadro de genero, o retrato, a historia e a decoração. E tudo realiza com belleza e mestria, porque o seu pincel não encontra tropecos nem perde a vitalidade.

Pinta *Mãos malditas*, *Bom tempo*, *Tagarella*, *Vaso com flores*, *A carta*, *Innocencia*. Annuada, paisagens e retratos como o de Pereira Passos, *não* como o que está no Museu, para evidenciar suas qualidades de desenhador.

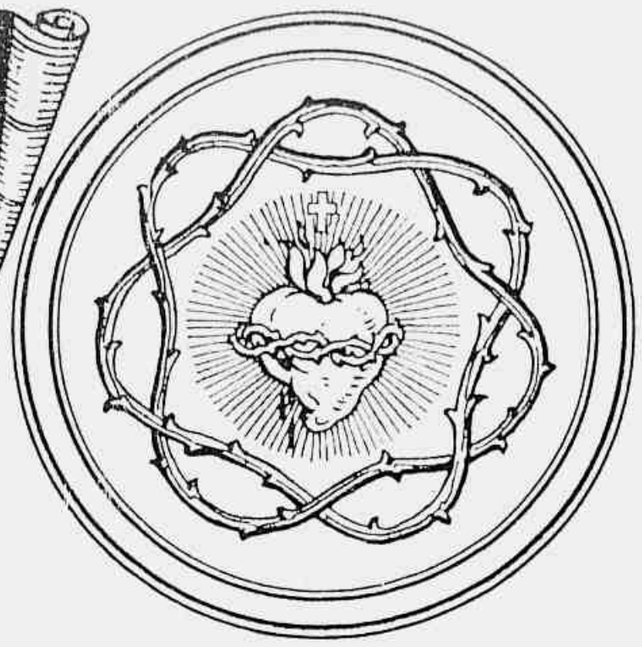
Como caricaturista, a obra de Belmiro é admiravel, revelando-lhe muito da personalidade irrequieta. Espirito de "parisiense boulevardeiro", bohemio e desregrado, um perfeito typo à Murger, como lhe chamou Gonzaga Duque, rico de verve, Belmiro só podia ser o caricaturista traquinas e temivel, implacavelmente mordaz e facetamente espirituoso que foi.

Na *Revista* e na *Careta*, de Julião Machado e Olavo Bilac, Belmiro deixou *charges* felicissimas, desenhos que muito fizeram rir; no *Diabo a quatro*, no *Rio Live Page*, no

Continúa na pagina 42



O NATAL DOS DESAPPARECIDOS



CLARA como um hymeneu, a noite cobre de um véo de ouro toda a cidade prosternada diante do berço em que dorme Jesus.

As boas vozes dos velhos sinos balançam suavemente os berços; e os sapatos finos e os tamancos rudes na lareira esperam presentes.

E' a noite das meigas lendas, que aos pequeninos contam os velhos, lendas em que ha anjos em bandos, enchendo os ares de um vôo mysterioso, roçando os telhados com azas de neve e reconfortando os pobres corações repletos de magoas.

E' a noite mais alegre entre todas, a noite em que, outróra, a estrella acompanhou, pela estrada fóra, os passos dos pastores e dos reis.

Mas, no meio desse jubilo, a Virgem Santa ouve um triplice e longo soluço que, de um jardim todo negro, sobe ao céo.

A mais dolorosa das mães, prestando ouvido attento a esse chamado, não quer que os cemiterios se conservem sombrios na noite de Natal.

Pensa nos pequenos esqueletos das criancinhas ali esquecidas, crispando os arroxados labios, sem os paesinhos, sem as mãesinhas.

Para essas creaturinhas ainda hontem fortes e bellas, agora gelidas e mudas, tendo sob a pedra e as hervas más pequenas cruzes por

brinquedos e, lembrando-se do Calvario, da morte do filho adorado, a Virgem Santa quer que cada sepultura pelos anjos seja illuminada.

E eis que, como visões fugazes, os seraphins cobrem de neve as arvores sombrias. Seus cabellos, substituindo as **écharpes** ficam presos em todos os galhos.

Suas vozes, como sons de harpa, cantam o natal dos tumulos.

Com o ouro fosco das folhas do outomno, douram o cimo do arvoredo e do vidrilho das grinaldas fazem collares para os pequeninos.

Cobrindo as lages de sempre-vivas, como se fôra um tapete do Levante, fazem das pennas das azas tepidos leitos.

O crepe toma alvos tons e cahindo do firmamento, em avalanches, as estrellas tornam as arvores radiantes, emquanto que, sob cada lousa, sob os marmores esmagadores, na noite cheia de fulgores, ouve-se risadas infantis.

E vós, mães desoladas, calmae-vos, abençoae o Céo, que os vossos pequerruchos tiveram tambem a sua arvore do Natal.

JACQUES REDELSPERGER.

(Illust. de Segisnando)

OS MUSICISTAS POPULARES ESQUECERAM O NATAL

J. FERREIRA GOMES

OUTR'ORA quando as festas carnavalescas não começavam tão cedo como succede hoje, em que desde Novembro os radios já estão lançando as modinhas que vão empolgar os foliões no triduo de Momo, e a temporada do rei da galhofa tinha o seu verdadeiro inicio com os bailes de mascaras na noite de S. Sylvestre, os musicistas populares, os sambistas e "marchistas" (esta designação é de Orestes Barbosa) dedicavam tambem ao Natal muitas de suas producções.

ASSIS VALENTE — Autor de uma interessante composição sobre o Natal, cujo successo ainda hoje se recorda.

Um sem numero de canções brejeiras, de marchinhas saltitantes, falava do nascimento de Jesus, exaltava a bondade do Papá Noel, amigo das creanças, que enche os sapatinhos, postos á janella ou occultos nos fogões, de brinquedos, de "Festas". Outras, chorosas, dolentes, interpretavam o lamento, a queixa do menino pobre, desprezado, a quem o velhinho não visitava, não lhe deixava um presentinho qualquer.

Umas e outras, tristes ou alegres, sentidas ou exultantes, differenciavam inteiramente, no rythmo e no motivo, dos canticos que os grupos de pastorinhas entoavam nos seus desfiles e nas "lapinhas" dos presepios. Eram simples canções das ruas, com musica e letra faceis, espontaneas, que o povo de prompto aprendia, e as assoviava e cantava nos seus folguedos, nas commemorações natalinas.

Houve uma dessas canções, uma marchinha, composta pelo musicista Assis Valente, que alcançou successo extraordinario. Exito este ainda bem recente e que nos permitte lembrar, sem grande esforço de memoria, muitos dos seus versos bonitos e expressivos. Era alguem, uma creança pobre, talvez sem mimos, que contava a historia do seu Natal, triste, sem arvores carregadas de brinquedos, o sapato vasio:

Anoiteceu,
O sino gemeu
E a gente ficou
Tristonha a rezar.
. . . . . .

E a canção proseguia, assim, triste, lamuriosa:

Eu pensei que todo mundo
Fosse filho de Papae Noel.
. . . . . .

Annos depois, já nas proximidades dos festejos de Momo, quando todo o repertorio de musicas alegres, ligeiras, já estava riscado nos discos que as emissoras irradiavam dia e noite, João de Barro lançava uma canção de Natal que havia feito em parceria com Noel Rosa.

O seu rythmo cadenciado, lento, identico aos das marchinhas de ranchos e cordões carnavalescos, fez com que a classificassem como "marcha de rancho" embora a sua letra não fizesse referencia alguma a pierrots, colombinas, "bahianas de roda" ou outro qualquer motivo carnavalesco. Descreviam os seus versos, isto sim, e com muita fidelidade, a jornada das pastorinhas ao presepio de Belem, seguindo a estrella que annunciava o nascimento de Jesus:

A estrella d'alva
No céo desponta
E a lua anda tonta
Com tamanho esplendor.
As pastorinhas
P'ra consolo da In-
Vão cantando na rua
Lindos cantos de amor.
. . . . . .

Seguiam-se outros versos que bem poderiam ser attribuidos ao "velho", figura caracteristica dos grupos de pastorinhas ou a um pastor enamorado que os cantasse á sua amada:

NOEL ROSA — Co-autor da marcha "As Pastorinhas", que, embora sendo uma composição caracteristica do Natal, foi celebrada como canção carnavalesca.

Linda pastora,
Morena, da côr de Magdalena,
Tu não tens pena
De mim que ando tonto
Pelo teu olhar.
Linda criança,
Não me sáe da lembrança,
Meu coração não descança
De tanto, tanto te amar.

Mas os foliões sem se importar com a letra fizeram-na marchinha carnavalesca. E, nos tres dias de folia, blócos, grupos e mascarados cantavam sob chuva de confetti o cantico dedicado aos bandos alacres de pastorinhas, a canção que ellas deveriam cantar caminhando pelas ruas quando sahissem na noite de Natal para visitar os presepios.

◆◆◆

Os musicistas populares esqueceram o Natal...

Dão todo o seu éstro, toda a sua "bossa" ao Carnaval, aos amores de malandro, á vida dos "barracos", ás historias dos morros, como se só ahi encontrassem inspiração.

Os musicistas populares esqueceram o Natal...

E o nascimento do Menino-Deus é um manancial sublime e encantador de motivos que se podem cantar em versos espontaneos, com melodias faceis e bonitas.

Dias Garcia & Cia. Ltda.

RIO DE JANEIRO

Grandes importadores de:

Ferragens em geral. Cimento e materiaes de construcção. Telhas corrugadas, de ferro galvanisado e cimento amianto. Ferro e aço em todos os perfis. Metaes — chapas pretas e galvanisadas. Arame farpado e liso. Tubos para agua, gaz e vapor — Productos Chimicos industriaes. — Machinas e artigos para industrias de laticinios.

Coalho "ESTRELLA"

Installações frigorificas. Extintores de incendio e mangueiras. — Artigos de escaphandria e mascaras contra gazes. —

Visconde de Inhauma, 23 e 25

Depositos

Av. Barão de Teffé ns. 7 e 26 a 40

Os brinquedos da CASA SLOPER divertem e instruem!

A maior e mais linda coleção de BRINQUEDOS e BONECAS

1877 - HA 63 ANNOS - 1940
ELIXIR ESTOMACHICO DE CAMOMILLA
REBELLO GRANJO
AUTORIZADO PELO GOVERNO IMPERIAL
AP. PELO D. N. S. PUBLICA
O MELHOR ELIXIR NACIONAL
que mais atestados tem da classe medica
Para fraqueza do estomago, falta de apetite, má digestão, colicas, acidez, mau halito, dôres de cabeça, regularizando emfim as evacuações. Aproveita sempre ás crianças e adultos quando são atacados pelos vermes.
A' VENDA EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

os jornaes, uma verdadeira glorificação do liquido preciosissimo.

Os conhecedores da historia da arte estão tratando de reunir o maior numero possivel de quadros e esculpturas relacionados com a agua, para serem apresentados ao publico nessa exposição.

A musica que se executará emquanto estiver aberto o certamen ou terá como thema a agua ou se inspirará nos movimentos da agua.

Em salas especiaes se mostrarão aos visitantes as bôas qualidades e effeitos da agua; e em outro recinto se demonstrarão os inconvenientes de se ingerir qualquer outro liquido.

A exposição constituirá, em summa, um hymno magnifico ás virtudes da agua.

HENRI DUNANT

Uma empresa norte-americana de cinema está organizando — ou estava, á data do jornal donde extrahimos estas notas — um film baseado na vida de Henri Dunant, fundador da Cruz Vermelha.

Dunant era um banqueiro suisso que, ha oitenta e um annos, fez uma viagem de negocios pela Lombardia, então assolada pela guerra franco-austriaca. Certo dia, chegou a uma aldeia em que havia feridos de ambas as partes beligerantes. Todos esses desgraçados estavam na imminencia de morrer de fome e de sede; e não havia quem os soccorresse. Profundamente impressionado por esse horroroso espectaculo, Dunant reuniu as mulheres das redondezas e organizou, em condições rudimentares, está visto, um corpo de assistencia. E, tendo obtido uma entrevista do commandante chefe das forças francezas, convenceu-o a pôr em liberdade todos os medicos austriacos prisioneiros, para que pudessem attender aos feridos.

De regresso á Suissa e já terminada a guerra, o banqueiro emprehendeu uma cruzada para desenvolver e aprimorar a obra humanitaria alli iniciada. Representantes de dezesseis paizes, reunidos em Genebra, em 1863, redigiram os estatutos da Cruz Vermelha e adoptaram como distinctivo a bandeira suissa com as côres invertidas. Actualmente setenta e duas das setenta e oito nações do mundo são signatarias da Convenção de Genebra.

EXPOSIÇÃO DA AGUA

Realizar-se-á brevemente nos Estados Unidos a segunda exposição internacional da agua, que será, dizem

GRIPES
RESFRIADOS
NEVRALGIAS
DÔRES de CABEÇA
TRANSPIROL

Entre todas, sómente a
SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARÍTIMOS E ACIDENTES
conseguiu a formidável receita de
37.971:032$045
DE PREMIOS

Esquema da Receita de Prêmios das Companhias de Seguros no Brasil no ano de 1939

SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARÍTIMOS E ACIDENTES
A máxima garantia em seguros. No seu gênero a maior organização de seguros do Brasil

INDENIZAÇÕES A SEUS SEGURADOS NOS ULTIMOS CINCO ANOS: Rs 66.033:484$991

SOLDADINHOS DE CHUMBO

A Europa continúa a mobilisar soldadinhos de chumbo. Os deste anno, **made in** Nuremberg e Leipzig, e agora expostos em Berlim, representam, de cima para baixo: Cavalleiros de Torneios; Escocezes de 1815; Guerreiros Medievaes; Infantaria actual e Mercenarios de 1600; Frederico, o grande, e Cavalleiro de S. Jorge.

DERMOFLORA

Sabonete antiseptico, preparado exclusivamente com plantas medicinaes. Indicado nas irritações da pelle, comichões, frieiras, eczemas, etc. — Resultados comprovados em innumeras observações clinicas.
Producto da FLORA MEDICINAL — Formula do DR. MONTEIRO DA SILVA — Approvado pelo Departamento Nacional de Saude Publica.

J. Monteiro da Silva & C.
Rua de São Pedro, 38 — Rio de Janeiro

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

ANTHOLOGIA CONTEMPORANEA

Rabindranath Tagore

BARQUINHOS DE PAPEL

Todos os dias deito os meus barquinhos de papel, de um em um, á agua corrente. Levam á popa, em grandes letras negras, o meu nome e o do meu povo.

Se, na ignorada praia onde chegarem, alguem os encontrar, saberá logo quem seja eu... Singram os meus barquinhos carregados com flôres do meu jardim, e aqui espero que esses botões da branca madrugada aportem á terra que demandam, com bom vento e a salvamento, sob o azul da noite.

Disponho os meus barquinhos na corrente, e ao levantar os olhos, vejo-as, vagas nuvenzinhas, as suas enfumadas velas brancas... Não sei que companheiro de infancia, lá do céo, pelo ar abaixo, deixou cahil-as para que naveguem com os meus barcos... Escondendo, á noite, entre os braços a cara, durmo e sonho que, frageis, os meus barcos vogam, vogam, e cada vez para mais longe, sob as estrellas!

São fadas que os governam, e teem por carga cestos de illusões...

OS CHRISTADELPHOS

Os Christadelphos — a palavra significa irmãos de Christo — constituem uma seita religiosa fundada em 1848 por um medico londrino, o dr. John Thomas, que pouco depois emigrou para os Estados Unidos, onde se entregou á propaganda da nova doutrina.

Não teem os christadelphos igreja nem pastores nem quaesquer chefes ou dirigentes. Reunem-se naquillo a que chamam "ecclesia", onde repartem o pão entre si e debatem questões biblicas.

Acreditam na "immortalidade condicional" e consideram a morte um estado de inconsciencia total.

Entendem que a resurreição e a immortalidade, dons divinos, caberão a quem as haja merecido pela fé e a obediencia.

Os eleitos, após o Dia do Juizo, voltarão á terra, para ficar eternamente com Jesus Christo sob um governo divino, estabelecido em Jerusalém.

EU VIAJO POR TODO O BRASIL
PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE
E EM TODOS OS LUGARES VEJO OS EXCELENTES RESULTADOS DA PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE

Aproveite-se das vantagens dos serviços de cobrança de titulos e de reembolso.

◆

Utilise, na remessa de encommendas, o Serviço de Reembolso. O Correio transmitte o objecto, cobra o montante e remette a importancia sobrada ao vendedor.

Redija o endereço da sua correspondencia postal em caracteres latinos, de modo preciso e completo.

◆

O Departamento acceita, para o exterior, encommendas até um kilo (Petits Paquets), mediante o pagamento de taxas reduzidas e formalidades simples.

ESCRAGNOLLE DORIA

NA ARCADIA

UMA porção de moços, em 1885, pedia primeira matricula á Faculdade de Direito de S. Paulo, ahi destinada em 1889 a ser a ultima de curso completo no Imperio. Em 1886, nova porção de jovens solicitou primeiro ingresso na Faculdade, ahi após quatro annos de estudos no regimen monarchico fadada a grupo a primeira turma de bachareis graduados na Republica. Tudo ainda mysterio, o **Fatum** guarda severo de seus arcanos gratos ou adversos a mortaes.

Em 1939 a turma de 1889 celebrou cincoentenario de formatura; a de 1890 acaba de seguir-lhe exemplo no prazer de sobreviventes reunidos após annos de separação no ephemero da vida, no pungir de recordar companheiros desapparecidos.

A turma caloura em 1886, bacharelada em 1890, viveu n'um S. Paulo do qual já não restam muitos aspectos, nos sitios, nos costumes. Isso a começar pelo convento de S. Francisco antiga séde da Faculdade de Direito. Architectonicamente modificada no transcurso do tempo da Faculdade conservara o sello do primitivo destino. Alli estava aquelle sello, um pateo bem de claustro lembrado por possantes arcarias proprias da época de sua construcção desafiadora de seculos no pôr a suar demolidores.

Evocar quanto evoca a turma de passagem na Faculdade de 1886 a 1890 não cabe em linhas quaes as presentes. No tributo de lembranças de cada um o assumpto daria obra de tomo. Fiquem apenas reunidas algumas recordações de vida brasileira não parecida com a actual.

Para matricula nas duas Faculdades juridicas do paiz exigia-se certificado de approvação em dez preparatorios. Simples humanidades, nada de para formar **los medios doctores** dos quaes Santa Thereza tanto se arreceava. As dissertações e provas escriptas do tempo, algumas transcriptas na Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo, já de um Lafayette, já de João Mendes Filho, para só citar duas, depõem a favor da geração passada ou quasi a passar no logogripho do seculo XX.

Na idade escolar, sem nenhuma argucia pedagogica pedante, á primeira vista se observam transições psychologicas. Operam-se á medida que o menino e o moço vão indo de mundo a mundo intellectual, quer dizer: de gráo em gráo do ensino, do primario para o secundario, d'este para o superior ou sejam base, construcção e ornato. Professores, aulas, lições, provas tudo differente á proporção do alargar do circulo das noções e das idéas.

O primeiro contacto do recem-matriculado com a Faculdade de S. Paulo era cheio de curiosidade. Gosto um tanto aguado pelo incomprehensivel e ingeneroso espirito de hostilidade facciosa com o qual os novatos são recebidos em qualquér educandario. Nobreza seria irmanal-os logo com os collegas mais adiantados e aliás ex-novatos. Só se a vingança não é unicamente prazer de deuses.

Cessada a hostilidade, ou pelo menos abrandada, o recem-academico tomava posse, embora não mansa e pacifica, da sua academia imprensada entre a igreja de S. Francisco muito trancada e o Curso Annexo de preparatorios. N'este, em augusto e sombrio pateo, erguia-se um tumulo ornado de mochos, por Minerva symbolo da sapiencia extra-zoologica.

Os estudantes sabiam por alto pertencer a sepultura ao pó humano de Julio Frank, professor no Curso Annexo. Aliás personagem germanico enigmatico até hoje, levado á inhumação excepcional no sólo da Academia. Fallava-se d'elle em tom de mysterio, como em tom de segredo se buscava desvendar o de associação secreta, de nome allemão afinal estropiado, a **Bucha**.

A vida do antigo academico em S. Paulo dividia-se. Entre a Faculdade e o mundo exterior existia elle em cidade paradoxalmente universitaria sem Universidade, cidade provinciana amiga de progredir devagar para acertar.

O anno lectivo em cada cadeira da Faculdade principiava por um discurso inaugural do respectivo lente, não de uso a palavra professor. Aquelle discurso goza hoje do nome archaico de oração de sapiencia. Para os estudantes de outro tempo era á singela "o cavaco".

Do "cavaco" em diante datavam o curso no seu ramerrão e peripecias. O horario das aulas obedecia ao relogio da torre da Faculdade, indicando compassadamente horas e quartos de hora. "Bateu o quarto" dizia quem dava aviso aos distrahidos por conversas em longos passeios sob as arcadas, entretanto, á espera do "quarto".

Conselheiro André Augusto de Padua Fleury, director da Faculdade de Direito de São Paulo de 1883 a 1890.

Deviam todos estar na sala de aula á espera do lente. Entrava este, erguiam-se os alumnos e assim ficavam até o mestre entrar na cathedra e bater-lhe a porta. Ao iniciar-se prelecção abriam-se cadernos de notas, os lapis corriam sobre o papel, vez ou outra um barulhinho denunciando folha virada nos cadernos. O estudante precavido tomava apontamentos mesmo que não figurasse no "banco da musica", o primeiro da aula, de onde melhor se podia ouvir a voz da "Illustrada Cadeira" ou a do lente.

Ao respeito dos alumnos correspondia a compostura dos mestres, uns mais sorridentes, outros mais graves. Na austeridade impossivel vencer o conselheiro Justino de Andrade, o lente de Direito Civil analysado e comparado com o Romano. Encarnação do professor pontual, elle aguardava a hora da aula infallivel nas geraes, isto é no claustro do antigo convento. Sempre de preto até nos oculos, figurava bem um frade de burel trocado por sobrecasaca.

A entrada em aula de Justino de Andrade equivalia a meia solemnidade.

Elle "tinha o orgulho do corpo", na admiravel expressão de Waldemar Ferreira, admiravel resumir todo um homem n'um só conceito. Tal professor, por concurso no magisterio desde 1859, vio-se jubilado compulsoriamente e logo por um professor, Benjamin Constant. A severa apreciação do acto póde ser lida na biographia de quem o praticou, biographia devida a Teixeira Mendes no caso insuspeitissimo por amigo, admirador e correligionario de Benjamin Constant.

Findas as aulas os estudantes procuravam o "triangulo", o espaço comprehendido pelas ruas da Imperatriz, de S. Bento e Direita. Iam reunir-se no café de Java, no largo do Rosario, pleno coração da cidade. No mesmo café, á noitinha, havia muito estudante a passeio ou em busca de jornaes do Rio. Sózinho ou não retomava o caminho da sua **republice**, a casa onde se alojavam sómente academicos. Alguns, poucos, moravam em hotel ou tinham habitação modesta, mas propria.

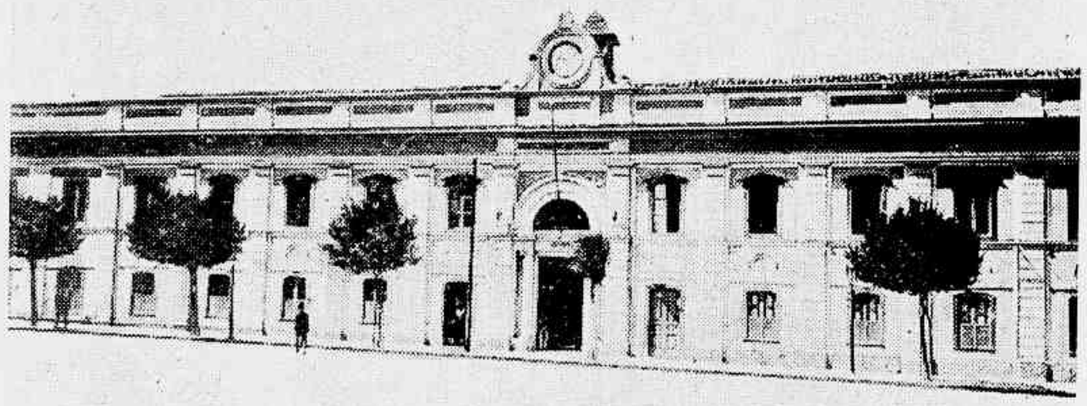
Não havia festas, sobretudo populares, sem estudantes no meio. Festas populares realizavam-se em honras de cruzes espalhadas por varios pontos da cidade, ellas ao ar livre ou ao abrigo de capellinhas toscas. Em dias determinados, aqui alli, acolá o madeiro da Redempção via-se alvo de ruidosas festividades. Quem passou pela epoca e se não lembra da Santa Cruz da Liberdade, da Varzea do Carmo, do Braz?

Nas quintas e domingos, no jardim do Palacio da Presidencia, a excellente banda de musica do corpo policial executava conforme phrase sacramental do tempo "as melhores peças do seu variado repetrorio".

Aos domingos tambem a missa na igreja do Collegio, ultimo testemunho da passagem da Companhia de Jesus pelos altos de Piratininga, attrahia grande concorrencia de estudantes. Talvez na devoção aos santos se encontrasse lembranças de anjos femininos.

Academico de S. Paulo jamais deixou de prezar arte theatral, em cidade já muito visitada por grandes companhias vindas do Rio. A estadia de Sarah Bernhardt no S. Paulo de 1886 deu que fallar e que fazer. No theatro de S. José, muitos annos depois destruido por incendio, a estudantada tomava um fartão de drama, comedia e musica. As galerias tornavam-se propriedade de academicos de agglomeração turbulenta n'um local de varias alcunhas, paraiso, poleiro, torrinhas e até gallinheiro. Era escolher. D'ahi partiam consagrações ou pateadas para artistas, pilherias para a platéa, tambem flechas de papel que, descripta rapida parabola, não raro cahiam no regaço de espectadora gentil ou no collo de cavalheiro irritadiço.

S. Paulo. Academia de Direito



A Faculdade de Direito de S. Paulo em 1886.

A festa, pórém, exclusivamente academica era a de 11 de Agosto, na Faculdade, commemorando a data da creação dos Cursos Juridicos no Brasil. Tal festa constituira ponto de honra para a classe. Vinda de remotos tempos attrahia o enthusiasmo e a dedicação de quantos jovens passavam pelo convento de S. Francisco.

Tambem os occupava e preoccupava a imprensa academica de antiga tradição no ambiente academico, embora mantida por jornaes de natureza mais ou menos ephemera e de variados titulos. Um abolicionista, era **A Onda**. Nos **Annos Academicos** de Pessanha Povoa encontra-se o espelho da imprensa da Faculdade, como no **Parnaso Academico** de Paulo Antonio do Valle se achará outro espelho para a poesia cultivada por gerações ufanas de um genial Alvares de Azevedo, de um altisonante Castro Alves, de um Fagundes Varella de inspiração epica.

O 11 de Agosto annunciava proximo o fim do anno lectivo symbolisando pela "chave", exemplar do instrumento destinado a abrir e fechar fechaduras. A definição vae por conta de diccionarios.

Em cada arcada do pateo da Faculdade cada dia, de 11 de Agosto em diante até 15 de Outubro, a chave fazia vezes de folhinha marcando tempo.

A chave está em 27, em 28, em 29, isto é, faltavam tantos dias para acabar o anno lectivo. No final de percurso a chave, ornada de fitas, marcava os "cavacos" de despedidas. Os quintaanistas eram os heróes da festa da chave. Contribuiam com maior quota, alugavam banda de musica, sendo os "cavacos" dos bacharelandos mais solemnes obrigados a ramos de flôres e discursos em resposta aos dos lentes, tres no 5.º anno.

Abria-se em breve a batalha dos "actos" ou exames escriptos de provas julgadas por meio de notas singulares. Bôa era um "notão", regular para bôa enchia de esperanças. Havia soffriveis acompanhados por epithetos, "soffriveis com rabo" na giria academica. Quem era attingido por notas desagradaveis disfarçava contrariedade dizendo que "na oral é que era a cousa." Alcançar um plenamente era felicidade suprema; distincções, mesmo em defesa de theses, figuravam frutos fugidios ninguem se propondo a Tantalo.

A' prova oral apresentavam-se os estudantes em traje de rigor, na indumentaria academica a sobrecasaca e o fraque vestuario de academicos mais afortunados, o paletó sacco usado pelos de recursos menores.

No 1.º e no 2.º anno a chamada diaria a exame não ultrapassava seis examinandos, quatro no 4.º e no 5.º annos. Cada examinador arguia por sua vez, ao presidente da mesa e outro examinador permittindo attenção silente á prova de tempo regulado pelo escoar da areia na ampulheta. Chegaria o tempo de examinar mais de cem alumnos em quatro horas.

Por parte dos examinandos muito cuidado havia em não proferir dislates logo registrados na memoria academica para futuras risotas e commentarios. As alcunhas collegiaes ou academicas, os exames ridiculos ou asnaticos são de sobrevivencia tenaz, chegando a passar a lembrança d'elles de geração a geração.

Nos exames "tiro secco" significava mudez absoluta ou quasi absoluta assignalada pela reprovação "na certa". A reprovação traduzia-se por "levar R", por "levar bomba ou raposa" expressões sem maior explicação alphabetica, bellica ou zoologica.

Encerrados os exames, findas as festas e adeus de novos bachareis, "as opas" brilhantes quando aquelles possuiam familia na capital, começavam os adeuses á Faculdade aberto o periodo das férias ou "vagança", até 1.º de Março. Por alguns mezes o estudante se apartava dos lentes e do director da Faculdade, o conselheiro André Augusto de Padua Fleury, um **gentleman** por todos estimado, de maneiras aristocraticas, antigo deputado geral e ministro de Estado.

Não só do director e dos lentes se apartava a estudantada em férias, tambem do secretario dr. André Dias de Aguiar de attribuições completadas pelo seu auxiliar, o dr. Julio Gonçalves Maia. Adeuses lhes eram devidos por aquelles que com ambos, por isso ou por aquillo, lidavam anno inteiro.

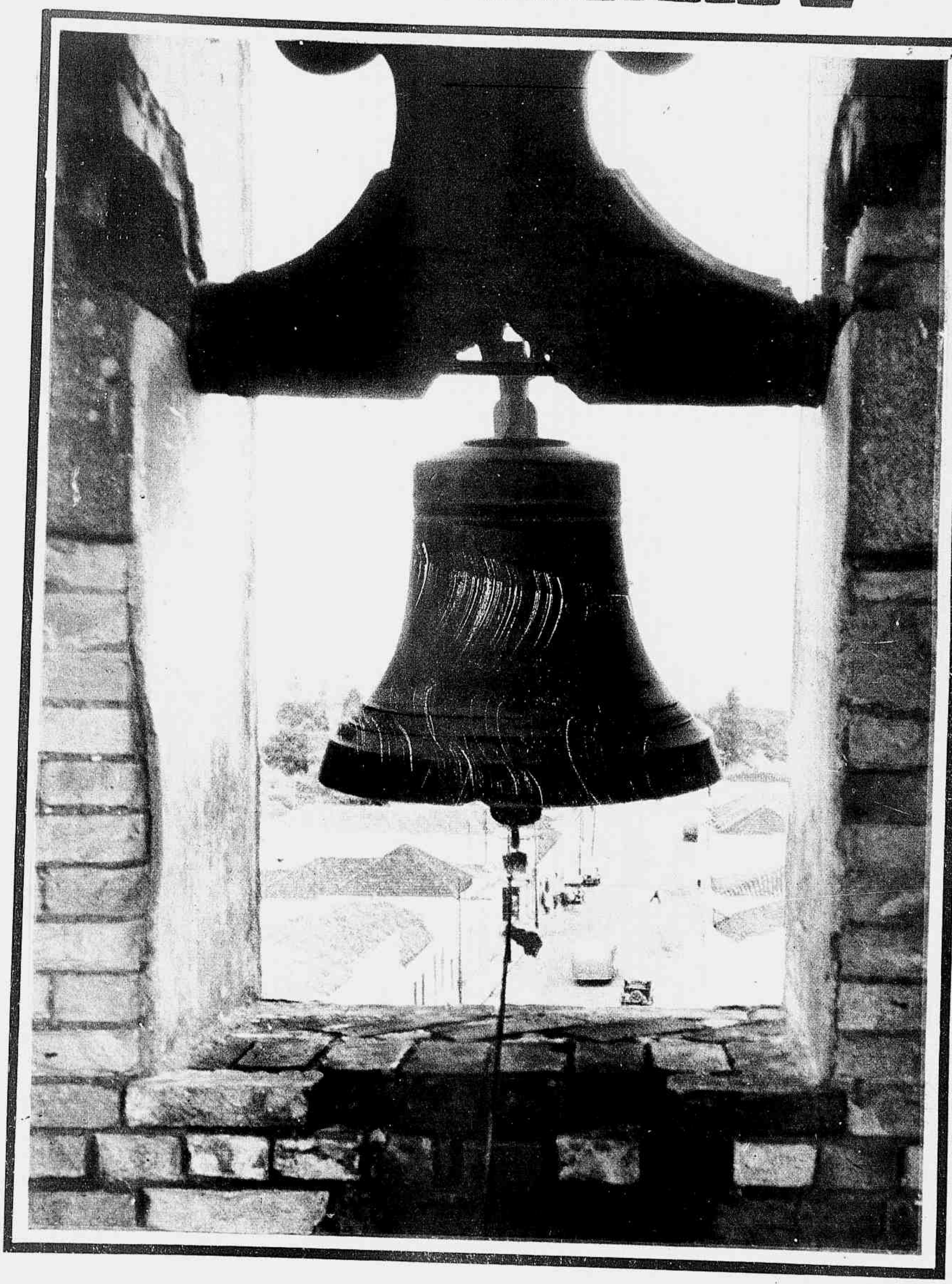
Nem eram esquecidos após os grandes os pequenos da Casa Illustre e tambem com maiuscula Querida. Adeuses tambem iam ao excellente porteiro major Fortunato José dos Santos, aos bedeis e continuos, o Delfim, o Ignacio Lopes da Silva, o Mercês, o Chico Guaiara. A todos se queria bem na convivencia quasi diaria.

Quasi diaria, porque semana academica tinha a quinta-feira por feriado util a estudiosos. Dia de ficar em casa, de repassar lições preparando-se com methodo para affrontar exames sem suores frios no tempo de calor. Quando se estudava noite silenciosa e calma, picada de estrellas ou ao banho de luar, em certos pontos da cidade o estudante ouvia o relogio da Faculdade bater quartos e horas. E se para os ouvidos de muitos, para sempre afastados de S. Paulo, aquelles sons emdeceram elles não se lhes foram da memoria. Tudo na rêde da saudade tecida de recordações.

Na Grecia antiga e no Peloponeso a Arcadia lembrava região de pastores, em ficção poetica terra da ventural Em maravilhosa téla, joia do Louvre, Poussin representou pastores da Arcadia ao redor de um tumulo buscando lêr-lhe inscripção. **Et ego in Arcadia**, dizia a lembrança do morto á curiosidade dos vivos. A phrase, consagrada nas obras de Goethe e Schiller, traduz a saudade, mormente a dos dias da juventude. Eu tambem vivi na Arcadia dirá comsigo cada componente da turma que em S. Paulo acaba de memorar cincoentenario de formatura. A cada um toca o seu **Et ego in Arcadia**.

Escragnolle Doria

NOSSA TERRA



NATAL! Sóa alto o sino na vetusta torre da igreja de St.º Antonio de Padua, que domina com o seu grave campanario a pittoresca povoação de Guarulhos, no 7.º districto do municipio de Campos. O carrilhão do velho templo que guarda o Christo de Charles Hermann, de cêra de carnauba, alerta as almas daquella localidade fluminense considerada villa desde 24 de Março de 1880 e iniciada em verdade num aldeamento dos indigenas denominados Guarulhos, de nação Guayaná, em 1560. O povoado, aureolado de uma nevoa de tradições, apparece no cliché ás primeiras horas de um dia festivo de 25 de Dezembro

A NATIVIDADE NOS [illegible]

Presepio do retabulo de Abrantes.

Mestre do Paraiso. Presepio. (Cerca de 1520-30). Museu das Janellas Verdes. Lisbôa.

Anjos. Detalhe do "Presepio". Museu das Janellas Verdes.

A recente Exposição dos Primitivos Portugueses, realizada em Lisbôa, constituiu por certo a mais rica e solida revelação no conjunto da Exposição do Mundo Portuguez, de que fazia parte. Como trabalho prévio, havia-se realizado em todo o paiz uma inventariação summaria dos painéis, cuja data remontava a um periodo decorrente entre 1450 e 1550, que revelou mais de 600 obras dentre as quaes foram seleccionadas e restauradas 340, que formaram o nucleo da Exposição.

Por mais opportuno, versaremos aqui apenas um dos themas pictoraes em que a Exposição era mais abundante — o da Natividade de Jesus. Contavam-se por dezenas os Presépios e as adorações dos Pastores ou dos Reis Magos, tratadas com uma variedade riquissima na composição e nos pormenores.

Tempos houve em que se discutiu se existia ou não uma escola de pintura portuguesa. Desde os estudos do allemão Karl Justi, nos fins do seculo passado, as duvidas começaram a desvanecer-se e os espiritos mais scépticos a inclinar pela affirmativa. Hoje, a maioria ou a totalidade dos historiadores e criticos de arte, mais competentes, acceitam a existencia duma escola de pintura portuguesa, cuja originalidade é manifesta desde os meados do seculo XV aos fins do seguinte. Ella accusa nas suas origens, é certo, influencias flamengas e italianas, mais designadamente as primeiras. Mas uma capacidade precoce em personalizar o homem e a natureza no retrato e na paizagem, pela synthese do debuxo e a idealização da luz, um naturalismo equilibrado e dôce, enternecido e lirico, juntamente sóbrio e profundo, uma caracterização nacional dos typos, da terra, dos pormenores, do ambiente, ora intimista nas pinturas de Familia sagrada, ora maritimo, pela frequencia com que nos paineis seiscentistas se desdobram fundos de mar, povoados de naus e caravelas, marcam flagrantemente essa escola de pintura.

D'onde vem essa precocidade no poder definidor dos homens e da paizagem? Segundo suppomos, da primazia e excellencia do humanismo e do naturalismo portugueses, mais ricos que nenhum outro áquella época, entendendo por aquellas palavras uma experiencia e um conhecimento mais [illegible] do homem e da terra, dos povos e dos mundos novos. Foi essa preeminencia que permittiu aos portugueses, com antecipação sobre as outras nações, representarem caracteres humanos e ambientes familiares ou collectivos.

O Karl Justi dizia que um dos caracteres da escola portuguesa de pintura é o modo de traduzir a [illegible]

JAIME CORTEZÃO

Da Academia das Sciencias de Lisbôa

religiosa em episódios de vida commum de familia. Eis o que succede nas representações da Natividade dos pintores portuguezes. No Presépio do Mestre do Paraiso, do Museu das Janellas Verdes, a Virgem prepara-se para mudar do Menino Jesus as fraldas, que S. José aquece a um fogareiro, emquanto a própria Virgem verifica com a mão estendida se o calor é bastante. Ao lado, deliciosos anjos papudos contemplam com devoção a scena. No Presépio do retábulo de Abrantes são os próprios anjos que vêm auxiliar a Virgem, com ar

Adoração do Pastores. Museu Regional de Evora. (2.º quartel do Seculo XVI).

profundamente compenetrado, a mudar as fraldinhas ao menino Deus. Na Adoração dos Pastores, do museu de Evora, dois zagaes, typos adustos de alemtejano, a rude face illuminada por um sorriso de enternecimento, adoram de companhia com os anjos o Redemptor bambino.

Mas onde mais primam certas excellencias especificas da pintura portugueza é na Adoração dos Magos, da Sé de Vizeu, porventura da auctoria do Grão-Vasco. Dos tres Magos, um, prostrado de joelhos, adora o Menino, emquanto a Virgem passa com domestica naturalidade a copa de ouro, offerta do monarcha, a S. José, que a toma nas duas mãos com a discreta satisfação de quem arrecada os bens familiares. De pé, os outros dois Magos esperam a sua vez. Da porta da cabana pende uma candeia; ao fundo, pousa no vão dum nicho uma vasilha que se diria de barro de Molelos; e, do alto, um ramo de arvore inclina-se com livre desenvoltura, como se tambem elle viesse adorar o Deus Menino.

Mas de todas as innovações do painel a mais singular é a personificação do Mago Balthazar, num tupy brasiliense, facilmente reconhecivel pelo diadema de pennas que lhe corôa a fronte, a setta gigantesca que empunha, a especie de cuia primitiva em que offerta sua dádiva, e os pingentes que lhe cahem das orelhas, ainda que, por decencia liturgica, o pintor o tenha envolvido em bragas e camiseta de malha.

O carinho, a graça, a liberdade de movimento e o logar central que a figura occupa dão-lhe o primeiro logar no painel. Pintado em 1505 ou 1506, em bôa verdade o que o pintor figurou, mais que a Natividade de Jesus, foi a Natividade do Brasil e do Novo Mundo e a sua iniciação em Christo. Singularissima e revolucionaria representação dum thema sagrado, que só um portuguez de Quinhentos, impregnado de humanismo universalista, poderia conceber!

JAIME CORTESÃO

Adoração dos Reis Magos (1505-06). Atribuido a Grão Vasco, onde surge pela primeira vez a figuração de um indigena.

A Grande Exposição da Canna de Assucar em Campos

Está marcada para o dia 18 de Janeiro proximo a inauguração, na cidade de Campos, da Grande Exposição da Canna de Assucar, derivados industriaes e pecuaria. As linhas geraes do vultoso certamen, que aqui divulgamos, permittem-nos antever o magnifico fóco educativo e centro de preceito que será esse emprehendimento. Juntamente com a municipalidade de Campos, vêm envidando esforços para o completo exito da Exposição, os mais ricos municipios fluminenses. Por outro lado, a iniciativa suscitou nos meios commerciaes e industriaes vivo interesse, estando, já, programmado o concurso de firmas renomadas de muitos Estados da Federação.

O ambiente da Exposição mereceu especial cuidado dos organizadores do certamen. O portico da entrada principal será constituido de 3 peças, tendo uma monumental columna de 16 metros de altura. Ricos e artisticos jardins, com uma graciosa piscina, conduzirão o publico por uma extensão de 130 metros, pondo-o em contacto com esplendido parque de diversões e com os centros vitaes da Exposição. No recinto central, erguer-se-á uma fonte luminosa, numa area de 5 metros de diametro, tendo ao centro um floco de 3 metros de altura, em 4 cores, girando em sentidos differentes.

Dr. Mario Motta, prefeito da Municipalidade de Campos.

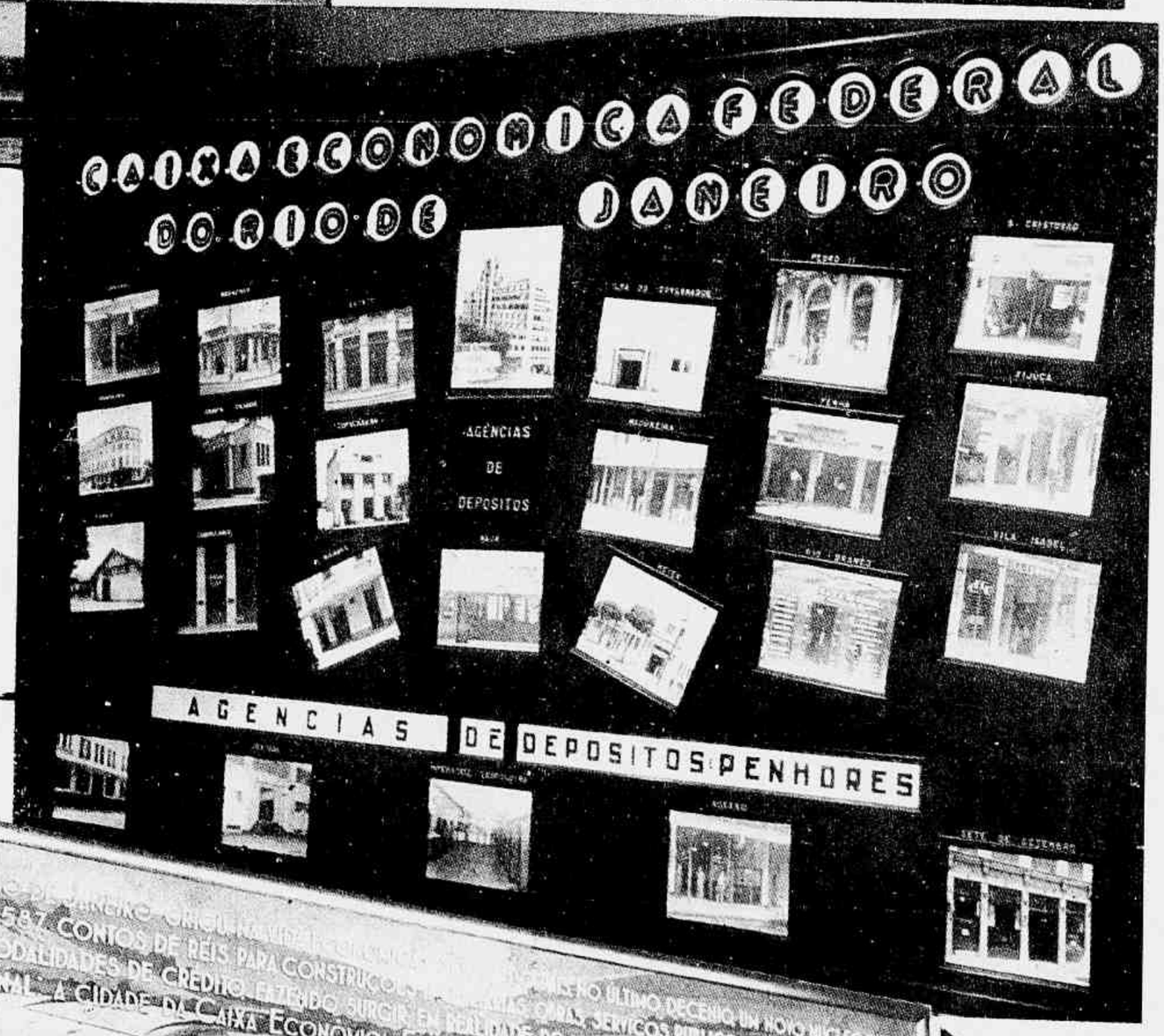
Entre os innumeros pavilhões expositores, terá singular destaque seja pelo criterio de bom gosto com que vem obedecendo sua construcção, seja pelas altas finalidades em que se enquadra, o da Prefeitura Municipal de Campos. No seu recinto, o publico instruido por modernos e artisticos graphicos estatisticos, monogramas, diagramas e maquettes, terá uma visão panoramica do que vem fazendo e do que pretende realizar a actual administração municipal. Terá, tambem, excepcional importancia como orgão instructivo o Palacio do Assucar. Abrangendo todos os sectores das actividades relativas ao assucar, esse pavilhão será uma suggestiva amostra do mundo assucareiro nacional, comprehendendo secções dedicadas ao Instituto do Assucar e Alcool, Usinas Nacionaes, Syndicato dos Industriaes do assucar e alcool de Campos, etc.

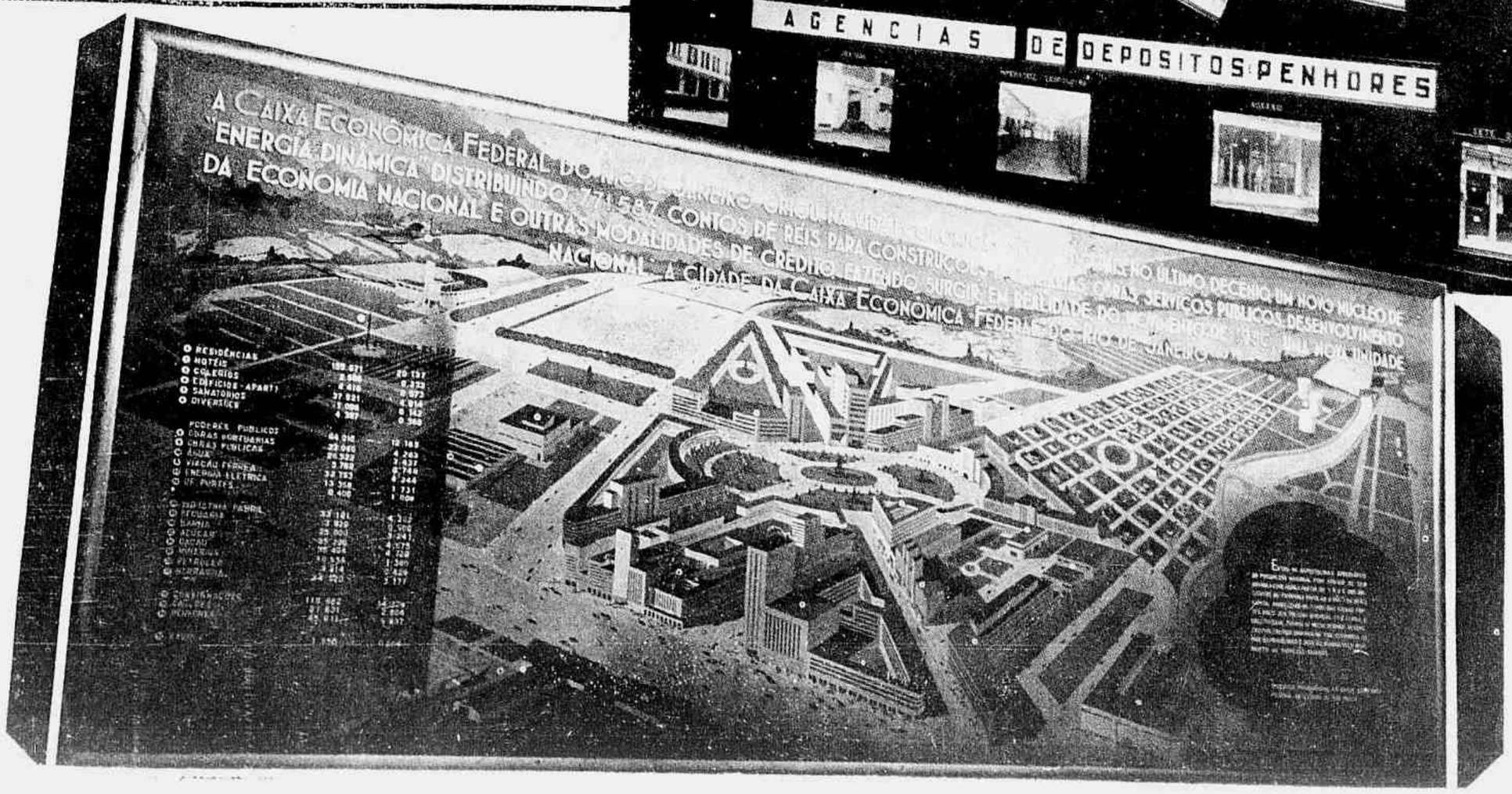
Pertence o importante standard ao Instituto de Assucar e Alcool e se extende em uma area de 240 metros quadrados, apresentando uma fachada ricamente decorada, com dois quadros representativos do passado e do presente da canna de assucar. O Pavilhão da Prefeitura de Petropolis encerra um suggestivo mostruario em modernos graphicos e documentadas monographias relativos aos diversos departamentos de suas actividades. Neste standard, será improvisada uma "Homenagem ao Passado" onde figurará, ao lado de objectos alusivos á época imperial, um busto do segundo Imperador. O pavilhão Industria e Commercio é destinado aos industriaes de todo o Brasil. Em homenagem á Associação Commercial de Campos foi erguido o pavilhão Commercio e Industria. São ainda dignos de especial menção o pavilhão Cultura e o standard dedicado ao Estado do Rio. Sem duvida alguma um dos principaes fócos de attracção do importante certamen será a secção dedicada á Pecuaria, que já conta com a adesão de numerosos criadores de grande nomeada. Aos industriaes serão conferidas medalhas de ouro e prata, pela classificação dos seus productos. Aos standards e á secção pecuaria estão reservados premios especiaes.

As secções secretarias vêm merecendo [illegible] dos organizadores do monumental [illegible] todas as expectativas [illegible] a Exposição Agro-Industrial de Campos.

A Caixa Economica Federal do Rio de Janeiro na XIII Feira Internacional de Amostras

Para inteligente demonstração da obra valiosa que vem executando o actual presidente da Caixa Economica Federal do Rio de Janeiro, sr. Carlos Luz, os leitores encontrarão no stand do tradicional instituto de credito na XIII Feira Internacional de Amostras, o palco alli vem accorrendo em numero excepcional, tendo se registrado, no curto periodo de 25 dias, a visita de 277.689 pessoas. O vivo interesse despertado pelos eloquentes demonstrativos do trabalho que o grande instituto desenvolve numa progressão sensacional reflecta-se bem na actividade da Agencia de Depositos installada no proprio stand, que de 10 de Novembro a 15 de Dezembro realizou 934 operações na importancia de 237.348$300, sendo de realizar-se, tendo sido abertas nada menos de 674 cadernetas novas na importancia consideravel de 104.578$000. Em verdade, a magnifica obra do que vem criando a Caixa, principalmente nestes ultimos annos que representam o emprego de 717.931 contos de reis em construcções immobiliarias, obras, serviços publicos, desenvolvimento da economia nacional e outras modalidades de credito — e se acha synthetisada naquella sumptuosa visão artistica que é "A Cidade que a Caixa Economica criou" — causa ao observador intelligente uma impressão indelevel de força e energia propulsiva





Synthese Educacional

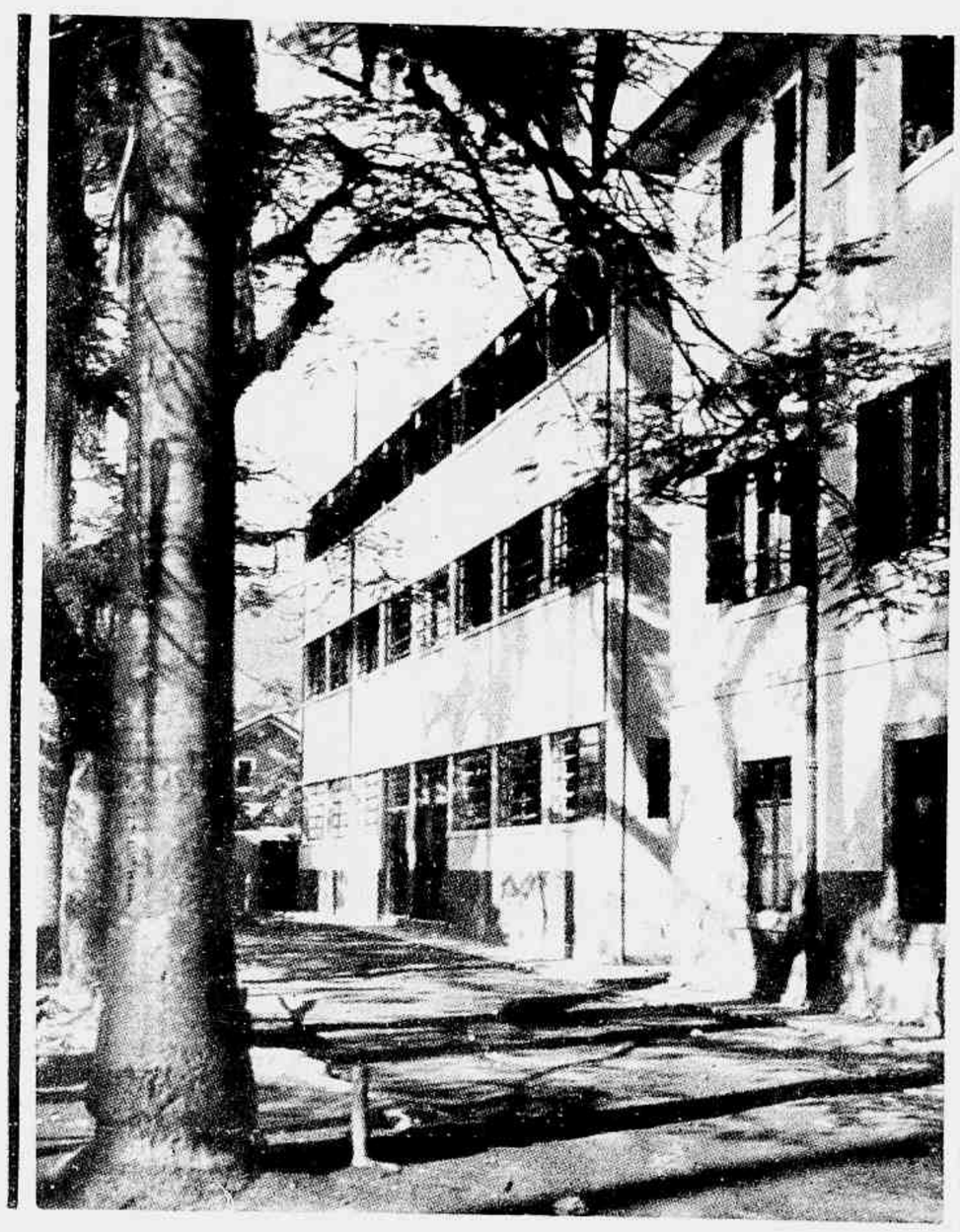
As festas do Departamento Preliminar do Instituto La-Fayette são sempre muito concorridas e despertam nas crianças o espirito de cooperação e de civismo, sobretudo quando, já crescidas, desfilam contentes na parada brilhante do Dia da Patria.

E, quantas vezes, nos dias de sol, as crianças, levadas pelas professoras, vão ás aulas ao ar livre, á sombra acolhedora das alfombras...

As festas do Departamento Preliminar deste Instituto são sempre muito concorridas. Pais, amigos e convidados acompanham o despertar das crianças para uma vida nova, sobretudo quando, mais crescidas, desfilam contentes e enthusiastas, no Dia da Patria e em outras festas cultuaes externas.

A vida civica exterior é um estimulo para as horas de estudo e de trabalho.

E quantas vezes, nos dias claros de sol, as crianças, levadas pelas professoras, vão ás aulas ao ar livre, á sombra acolhedora das alfombras.



O Departamento Masculino do Instituto La-Fayette está installado em dois modernos pavilhões aos fundos, além do edificio principal, obra architectonica moderna, a ser inaugurada no proximo anno lectivo de 1941.

A cultura scientifica é um imperativo da éra moderna; dahi a necessidade de laboratorios e gabinetes de estudos e pesquisas.

A vida accelerada da época moderna, vida intensa de trabalho e de luta, deu ao ensino, em geral, novo rumo de adaptação e de remodelação.

A crise social moderna sacode os povos, alerta o homem, levanta as massas numa clarinada fremente.

O repouso de uma éra estável passou. A sociedade em marcha alcançou o dynamismo tumultuário de uma transição social perigosa, em que nem sempre vinga a força do direito.

Os povos despertam e tomam posição.

Assim acontece com o Brasil. O despertar dum povo, porém, está antes de tudo na acção educativa das gerações.

O Brasil, felizmente, possue homens que sabem para onde caminha a sociedade humana e, portanto, sabem como preparar os cidadãos do futuro.

A Escola, em muitas casas de ensino, não é mais o ambiente quasi vedado ás familias e á vida social.

No Instituto La-Fayette, não raro, este contacto do educando com a sociedade se faz, para despertar nelle a noção de parte dum todo, de elemento que, no futuro, terá o seu logar na cooperação para o bem commum, na Patria e pela Patria.

As crianças de hoje são os adolescentes de amanhã já ...dos nos estudos secundários e superiores.

O Director-geral do Instituto La-Fayette providencia sem... a realização de novas construcções. E' que os Cursos ...rios e Superiores exigem installações capazes.

O Departamento Masculino do Instituto La-Fayette está ins... dois modernos pavilhões aos fundos, além do edificio ...l, obra architectonica moderna, a ser inaugurado no ... anno lectivo de 1941.

A éra das machinas e da electricidade levou ao apogeu a ...scientifica. E dahi, pois, a necessidade de laboratórios e ...s de estudos e pesquisas.

A parte central do edificio principal da séde deste co... educandario, num dos pavimentos novos, gabinetes e ...rios irão surgir no próximo anno, para gaudio dos que se ...m technicamente para uma technocracia que se manifesta ...adamente nos nossos dias.

As alas concluidas do novo edificio a actividade educa... já se mantem intensa, sem desprezo pela face literária e ... do ensino.

A saude do corpo, no Instituto La-Fayette, é conservada e ...vida nos gymnasios de educação physica dos seus quatro ...entos.

Uma identica se nota, de facto, nos Departamentos Mas... Feminino, Mixto e Preliminar, com as adaptações neces... conscientes.

O socêgo das magnificas bibliothecas encontram os ... internos, como os externos, o alimento procurado para ...lo da sua preparação.

A ultima organizada foi a bibliotheca que funcciona numa ... concluidas do edificio principal da séde (Departamen... culino).

Quasi que se pode dizer que cada departamento do Insti... La-Fayette é uma miniatura de cidade. Tudo está á mão do ...: médico, dentista, bibliotheca, enfermaria, musica, ... etc., etc.

Nas alas concluidas do novo edificio, a actividade educacional já se manifesta intensa, sem deixar no olvido a cultura literaria e scientifica, tão uteis ao homem.

vai levando avante uma obra educacional de real valor para o nosso paiz.

Todos os aspectos da educação e do ensino são apreciados e estudados neste educandario modelar. Philosophia, sciencia, arte são fon-

A saúde do corpo é conservada e desenvolvida nos gymnasios de educação physica dos departamentos do Instituto La-Fayette.

Como complemento da parte educacional, a arte é incen... nesta casa de ensino.

A ala direita já construida, o theatro occupa o 2.º ...to e o 3.º E' um salão amplo, com poltronas, balcões, ... de cinema, etc., no qual já várias peças do theatro ...ão têm sido levadas á scena.

O esforço dos educadores brasileiros, para dotar a ...com institutos e casas educacionaes installados segun... receitos da pedagogia moderna, merece, por certo, ...usos de todos quantos vêem, no ensino, o alicerce ...ra o homem de amanhã.

A Directoria Geral do Instituto La-Fayette, com o con... das Directorias Seccionaes e do seu corpo docente,

O socêgo das magnificas bibliothecas encontram os ... internos, como os externos, o alimento procu... rado para o estimulo de sua preparação.

Amplo, com poltronas, balcões e cabines de cinema, o salão de festas do Instituto La-Fayette é o recinto no qual varias peças de theatro educativo têm sido levadas á scena.

tes de ensinamentos uteis de que se serve a direcção do Instituto La-Fayette para criar e produzir, para prevêr e marchar sempre em direcção a um alvo superior de ordem e de justiça. E' o que se vê, desde o Jardim da Infancia até os cursos Secundário, Complementar e Technicos de Commercio.

Completa, em Junho de 1941, este educandario, 95 annos de bons serviços á causa da instrucção. Já muitos estudantes de ambos os sexos sahiram do Instituto La-Fayette e, na vida publica, demonstram pelo zelo e competencia o quanto lucraram nos bancos escolares.

Como internos ou como alumnos externos, ouviram sempre os bons avisos de professores e directores.

E o que mais alegra os corações dos que fundaram tão bella instituição é ver, entre os novos alumnos, os filhos dos alumnos antigos.

Bem haja, pois, quem semeia o Bem num trabalho árduo e fecundo.

As gerações futuras bemdirão os que assim trabalham, num esforço continuo pela grandeza do nosso muito querido Brasil.

O baile annual em beneficio da Cidade das Meninas — magnanima instituição ideada e patrocinada pela sra. Darcy Vargas — teve logar sabbado ultimo, no recanto da Urca, onde se inaugurou o restaurante da Prefeitura. Foi uma festa mundana com a attracção pittoresca dos festejos de origem popular, desde os fogos de artificio. E reuniu no **décor** mais suggestivo e distincto, em redor da generosa **patronesse**, o **sei** carioca ahi representado principalmente pelas seguintes pessoas: ministro da Educação e sra. Gustavo Capanema, ministro do Trabalho e sra. Waldemar Falcão, ministro da Marinha e sra. Aristides Guilhem, interventor no Estado do Rio e sra. Alzira do Amaral Peixoto, embaixador da Grã-Bretanha, ministro da Hespanha e sra. Cuesta, embaixador do Chile e sra. Fontecilla, sra. e sr. Regis de Oliveira, embaixador da Colombia e sra. Lozano, o presidente do Jockey Club e a sra. Salgado Filho, o director do "Jornal do Commercio" e a sra. Elmano Cardim, o embaixador do Perú e a sra. Prado, viuva Irineu Marinho, o presidente do Departamento Nacional do Café e a sra. Jayme Guedes e filha, os conselheiros da Embaixada da Allemanha, srs. Von Levetzow e Schlimpert, o director do Departamento de Imprensa e Propaganda e a sra. Lourival Fontes, o sr. Oswaldo de Barros e senhora, o general José Pinto e senhora, o ministro Caio de Mello Franco e senhora, Candido Portinari e senhora, sr. e sra. Evandro Vianna, sra. Ilka Labarthe, desembargador Florencio de Abreu e senhora, sr. Xanthaky e senhora, prefeito do Districto Federal e sra. Henrique Dodsworth, o embaixador do Japão, Alvaro de Teffé e senhora, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa e senhora Herbert Moses.

UMA NOITE DE NATAL

O BAILE DE 1941 EM BENEFICIO DA "CIDADE DAS MENINAS"

Reportagem e photos exclusiva da "REVISTA SEMANA"

SOCIAES

ANNIVERSARIOS

DEZEMBRO 21 SABADO — Sras. Aida Arruda, Natercia de Moraes, Maria de Lourdes Noronha; srtas. Belkiss Pacheco e Honorina Dantas. A menina Ottilia Lopes; srs. Eduardo Nunes, Oscar Matheus e Leandro Simões.

DEZEMBRO 22 DOMINGO — Sras. Marianna Neves, Dulce Barroso, Alcina Mello; srtas. Dora Spinelli, Angelina Bastos Leal; srs. Mauricio Cabral, Arnaldo Carvalhaes, Claudino Portella; o menino Tinoco Alves.

DEZEMBRO 23 SEGUNDA FEIRA — Sras. Lucia Forzani, Gabriella Delduque, Julieta Cabral; srtas. Anna Maria Cunha e Esperança Machado; srs. Mario Ribeiro e Thomaz Cordeiro.

DEZEMBRO 24 TERÇA FEIRA — Sras. Martha Campello, Hortensia Prado, Djanira de Castro; srtas. Olga Paschoal, Dilah Pinheiro, Raphaelina Othero; o embaixador Martinho Nobre de Mello.

DEZEMBRO 25 QUARTA FEIRA — Sras. Natalina de Assis, Fernanda Vaz e Juracy Figueira; srtas. Carolina de Andrade, Ibrantina Teixeira; o ministro A. Tavares de Lyra; dr. Lopes de Souza.

DEZEMBRO 26 QUINTA FEIRA — Sras. Vicentina Baracho, Mercedes Brandão, Ivette Canejo; srtas. Nancy Peixoto, Antonieta Rodrigo, Lydia Mattos; a menina Durvalina Geraldes; sr. Augusto Montenegro.

DEZEMBRO 27 SEXTA FEIRA — Sras. Rosalia Mayrink, Carlinda Mattoso, Eva Ferreira Lima; srtas. Eulalia Fontoura, Dulcina Malheiros, Albertina Limoeiro; a menina Risoleta Brito Mendes.

Gonzaga Duque

RUBEN GILL

NÃO só porque o Natal torne a gente saudosista, o certo, em chegando a época da confecção dos **numeros** dedicados á grande festa da Christandade, é lembrar-se, todo aquelle que na imprensa carioca tem o dever de organisar a edição devotada ao sagrado advento, de Gonzaga Duque.

Tambem, não é de Luiz Gonzaga Duque Estrada, o chronista de artes plasticas que desde o começo de 1886, com 23 annos incompletos, exercia, sob o pseudonymo de **Alfredo Palheta**, a critica de pintura, desenho e estatuaria n'**A Semana** de Valentin Magalhães; no anno de 1898 fazia o mesmo n'**O Mercurio**, assignando Diabo Côxo; em 1890 creava com Isaltino Barbosa o **Pierrot**, quasi todo destinado aos assumptos pictoriaes e esculptoricos; não é do commentador das obras expostas no **Salon**, ou exhibidas em certamens individuaes, na **Kosmos**, **Renascença**, o **Diario de Noticias** de Ruy Barbosa, **O Paiz**; nem o que dirigiu o **Bilhete a Jorge Smidt** publicado no primeiro anniversario de **Careta**, 1909, e muito menos do autor dos livros **Arte Brasileira**, **Dona de Casa** — que elle subscreveu **Silvino Junior**; **Mocidade Morta**; **Marechal Niemeyer**; **Graves & Frivolos** e **Contemporaneos**.

Aquelle de que nos recordamos, enternecidos e desolados, ás vesperas do Natal, é o **conteur** do **Horto de Maguas**.

Gonzaga Duque dos primeiros tempos do **Fon-Fon**, Gonzaga Duque dos **numeros de Natal**, que teve as suas paginas de estylista sem par illustradas por Arthur Lucas, Raul e Kalixto, na **Kosmos**, e pelos dois ultimos no semanario redigido tambem por Mario Pederneiras e Lima Campos. Gonzaga Duque que morreu em principios de 1911, antes de completar 47 annos!

Esse, o artista prosador, estheta do vocabulo, elle proprio apaixonado leitor de **numeros de Natal** a proposito dos quaes compoz uma chronica na **Kosmos**, é a quem evocamos, emocionados sempre, na ultima semana de Dezembro.

◆ ◆ ◆

Esta pagina vae ganhando alguma coisa de memorias intimas do jornalismo illustrado no Rio de Janeiro, e de particularmente comprehensivel na vida familiar das redacções de **magazines**. Reconhecemo-nos empolgados pelas lembranças dos nossos dias de iniciação profissional. Não importa. Os leitores de revistas são os mesmos, e Alvaro Moreyra, Victorio de Castro e **Antonius** — continuadores de Gonzaga Duque, Mario Pederneiras e Lima Campos na publicação semanal fundada por Smidt, Fogliani e Gasparoni — mantiveram a collaboração do Mestre da prosa até recentemente nos hebdomadarios que dirigiram. Gonzaga Duque tem continuado sob as vistas do publico especial das edições extraordinarias do ultimo mez do anno, como continua vivendo através a saudade dos seus discipulos no periodismo literario e artistico.

O ultimo retrato de Gonzaga Duque. (Photographia de 1911.)

Gonzaga Duque teve a paixão dos **numeros de Natal**.

Não só ao texto, nas edições festivas das vesperas do grande dia, em publicações que elle dirigisse, dedicava o maior carinho. A feição graphica, as illustrações preoccupavam-n'o. E, dos seus archivos, elle que colleccionava estampas como Arthur Azevedo trazia ás revistas o material decorativo.

Para incluir paginas ornamentaes nessas opportunidades, Gonzaga Duque improvisava á mesa das redacções, máo grado o seu escrupulo de estylista que trabalhava os periodos com devotamentos de mestre lavrante das palavras, chronicas e phantasias a que se ajustassem os lavores dos desenhistas e pintores.

Gonzaga Duque. Herma do mestre, esculptura de Correia Lima.

Perfil de Gonzaga Duque, por Presciliano Silva.

Uma feita, porque lhe viesse á mão certa gravura de Rugendas, então rara, o mestre lidador das bellas artes compoz sobre o motivo da lithographia do artista allemão um dos mais preciosos capitulos de sua bibliographia: **A linda carioca de 1828**.

Outra vez, como conviesse á paginação de um desses **numeros especiaes** inserir **croquis** de Rops, Gonzaga Duque produziu, emquanto o **paginador** aguardava, tira a tira, o que elle ia lançando ao papel, erudita obra de critica, estudando a ironia do melancolico Félicien.

Desse modo — dessa arte é como deve ser dito — o chronista dos **numeros de Natal** escreveu monographias completissimas que alem do mais constituem modelos de synthese — virtuosidade de technico realizador de obra jornalistica absolutamente incommum em escriptores.

◆ ◆ ◆

Afinal, esta pagina em que reunimos copias da sua effigie, onde a sua imagem impressa veiu trazida mais para o culto professado entre os redactores de revistas pela memoria de Gonzaga Duque, encerra uma virtude e um interesse inilludiveis:

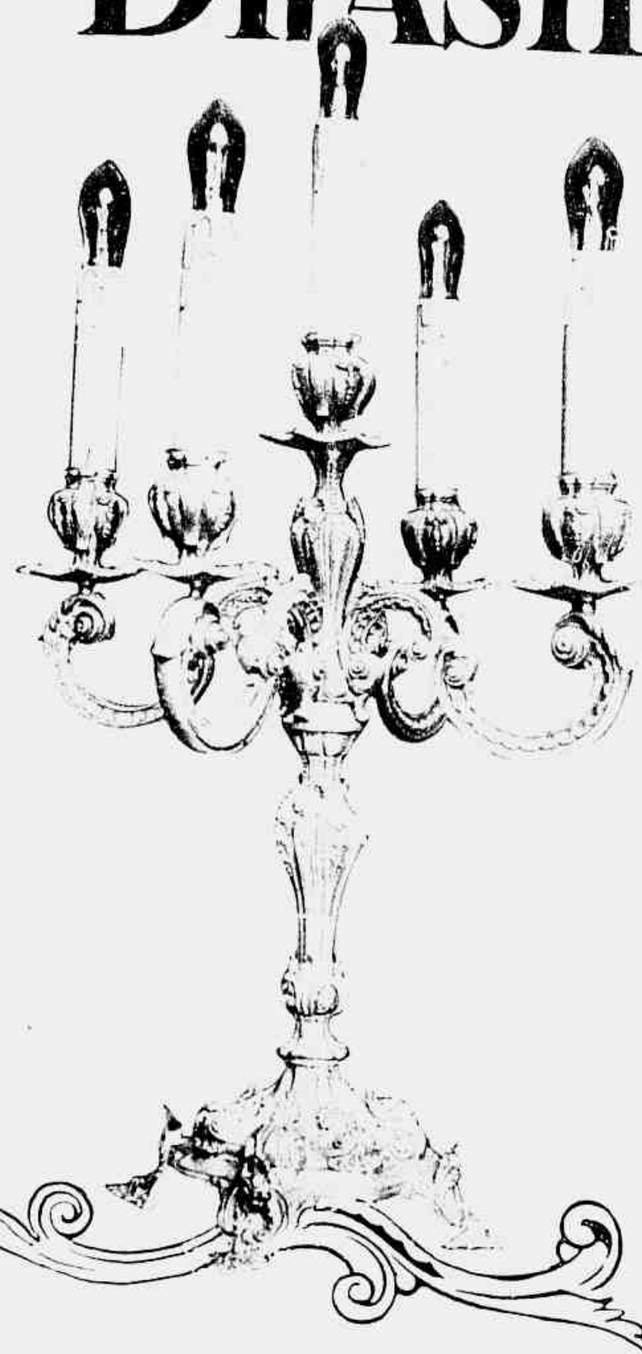
Homenageia aquelle que tem sido, por assim dizer, o patrono dos **numeros de Natal** na imprensa da capital brasileira, e propicia ao leitor gratas reminiscencias.

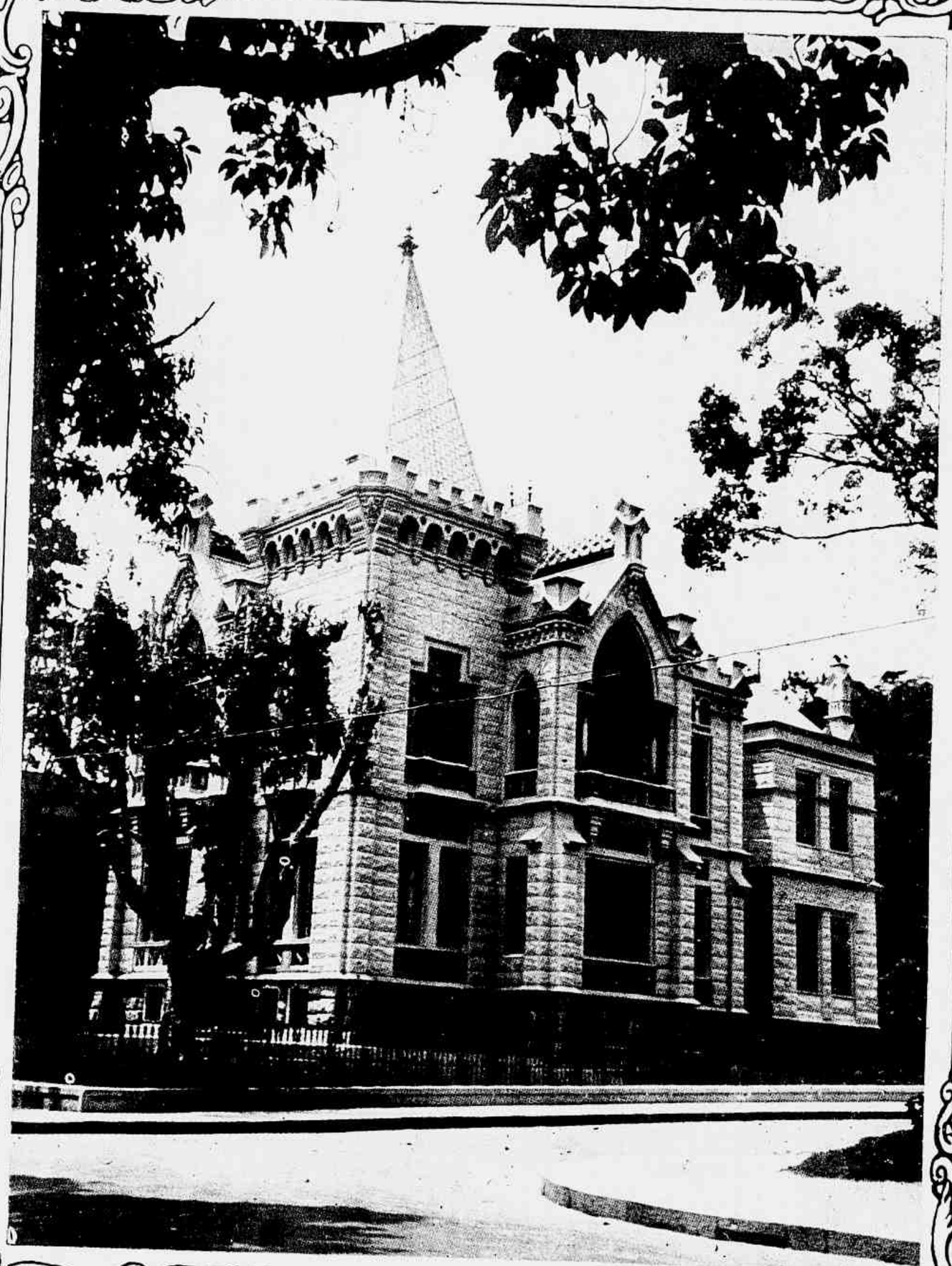
E, emfim, é uma pagina escripta sentidamente, o que, forçoso é confessar, talvez não nos aconteça mandar á typographia mais de que alguma vez no anno.

Não só porque o Natal torne a gente saudosista.

Para o titulo desta pagina foi utilisado um antigo...

RESIDENCIAS ELEGANTES DO BRASIL





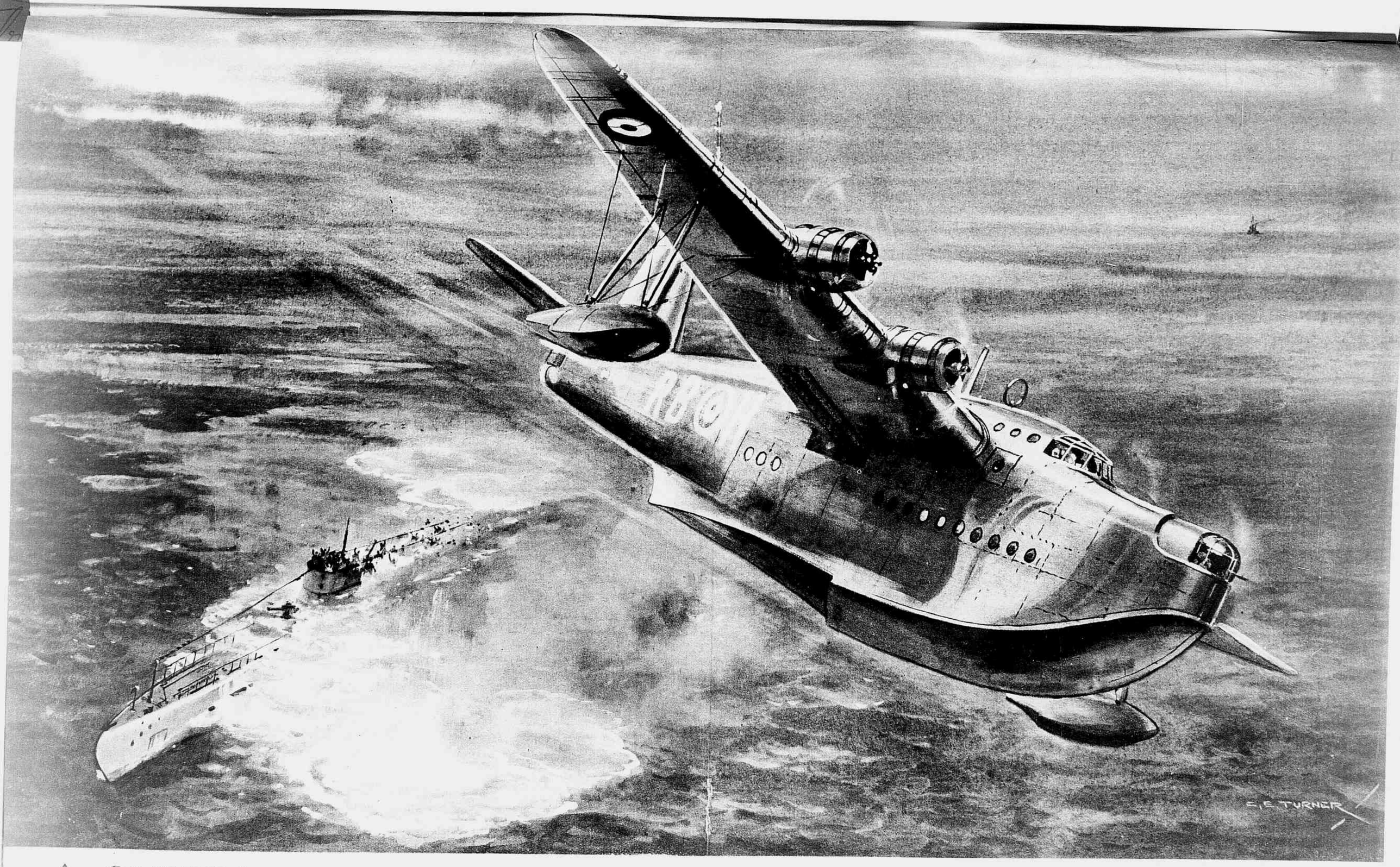
O magnifico e luxuoso palacete do exm.º snr. Oswaldo Costa, em Petropolis, na aristocratica Avenida Keller.

SÃO PRATAS PORTUGUÊSAS DE REIS FILHOS

as que ilustram esta pagina e que fazem parte da esplendida coleção de objetos de arte do exm.º snr. Oswaldo Costa, para ele importadas especialmente por A. Corrêa, Rua Gonçalves Dias, esquina de Ouvidor — 3.º andar do Edificio "Casa Alemã".

MANUELITA ARRIOLA

a famosa e fascinante "vedette" mexicana que vem pela primeira vez ao Brasil e se apresentará, na proxima semana, na graciosa "boite" do Casino Atlantico.



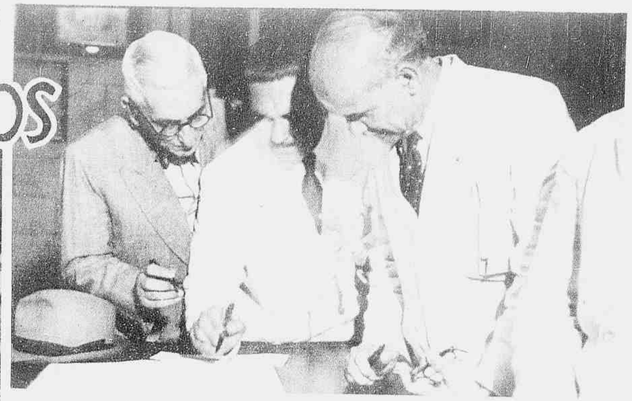
A GUERRA — Os immensos «Sunderland» — os maiores aviões de guerra presentemente em serviço na Europa — derivaram-se do projecto dos famosos aviões «Empire» da Aviação Imperial. Teem justificado amplamente seus objectivos na guerra, cruzando grandes distancias tanto sobre o mar do Norte como sobre o Atlantico. Suas proezas comprehendem o salvamento de homens dos navios torpedeados e numerosas acções bem succedidas contra os Allemães ao largo da Noruega. A machina que realizou a façanha aqui illustrada era guarnecida por Australianos, sendo a tripulação de doze homens, dos quaes dois officiaes (capitão e segundo piloto). O chefe da esquadra deu ao artista a seguinte descripção de seu exito: «Durante a noite, foi recebido um signal (SOS) de um vapor atacado por um submarino — U no Atlantico norte. A's 6.15 a. m., antes do sol levantar-se sobre as nuvens no horizonte, o movimento do navio inimigo, mergulhado até quasi ao topo do periscopio, foi assignalado. O ataque foi feito num mergulho baixo, e uma salva de quatro bombas explodiu debaixo do submarino, trazendo-o á superficie, avariado. Circumgyrámos numa rapida manobra para a esquerda e deixámos cahir uma outra salva de quatro bombas, que explodiram na prôa. A tripulação correu apressadamente para a coberta, pela torre, e saltou para a outra coberta que, depois, afundou debaixo delles quando o submarino mergulhou primeiramente de pôpa. Os homens que nadavam foram recolhidos por uma patrulha da Armada Real.» O desenho reflecte a scena quando o submarino afundou. A prôa levantada, emquanto a pôpa submerge, permittindo que a tripulação seja salva pela chalupa que se vê á distancia, á direita, approximando-se. Ha manchas de oleo e as vagas causadas pelas explosões das bombas movem-se lentamente. — O «Sunderland» está voltando para alguma costa, para aguardar opportunidade. Felizmente para os tripulantes do U estava manso o mar, então. Uma particularidade deste desenho é o especial porta-bomba do «Sunderland» sob a asa, que o artista se permittiu collocar — uma das muitas pecas engenhosas de equipamento de que são dotados esses enormes aeroplanos de 20 toneladas.

ELEIÇÕES na ORDEM DOS ADVOGADOS BRASILEIROS

Os trabalhos preparatorios, que iam deixando de ser preparatorios...

O dr. Raymundo Marianno de Mattos *cabala*, empunhando de Pedro Vergara fumando espera a vez de fazer o mesmo.

O dr. Oldon Braga resiste ao sorriso seductor de dois cabos eleitoraes graduadissimos.



A assignatura da lista de presença era feita com vivo interesse e pressa.

PRESIDENTE
E
VICE-PRESIDENTES

PRESIDENTE
Dr. Edmundo de Miranda Jordão
1.º VICE-PRESIDENTE
Dr. Nilo C. L. de Saboia Lima
2.º VICE-PRESIDENTE
Prof. Dr. Roberto Lyra
3.º VICE-PRESIDENTE
Dr. Edmundo da Luz Pinto

O dr. Arthur Bernardes Filho *passando a mão no hombro* de um candidato desesperançado...

V ESQUERDA — A dra. Yolanda Mendonça ouve, com a severa serenidade de Themis, os mais respeitaveis cabos eleitoraes. V DIREITA — Um eleitor retardatario assigna o livro de presença, diante do seu candidato apressado.

Eleitores indecisos, após ouvir a voz da cabala...

A collocação das chapas na urna que servia de urna para a votação dos cargos auxiliares recebia severa fiscalização.

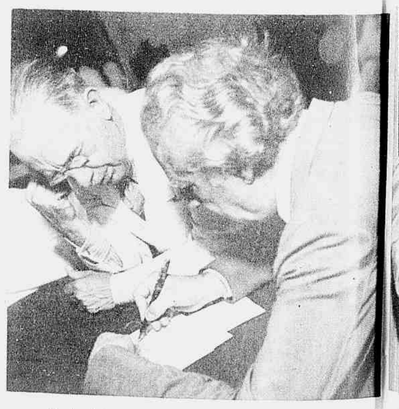
O presidente eleito dr. Miranda Jordão, quando votava naturalmente no dr. Rego Lins.

SECRETARIO GERAL
Dr. Dionysio Silveira
1.º SECRETARIO
Dr. Alvaro de Souza Macedo
2.º SECRETARIO
Dr. Mario Acyoli
3.º SECRETARIO
Dr. Omar Dutra
4.º SECRETARIO
Dr. José Lopes Pereira de Carvalho
SUPPLENTES
Dr. Miguel Monteiro de Barros Lima
Dr. Pedro Velho de A. Maranhão
Dr. João Pedro Gouvêa Vieira
Dr. Durval Magalhães Carvalho

SECRETARIOS
E
SUPPLENTES

V ESQUERDA — O dr. Lourenço Fernandes [illegible] V DIREITA — O dr. Luiz Eugenio [illegible] Rego Lins que [illegible]

Ninguem deixava de verificar cuidadosamente a cédula que recebia dos escrutinadores.



O dr. Ivanor Machado, para encher a sua cédula, despensa o uso da pince-nez. S. ex. ora sabe votar até de olhos fechados.

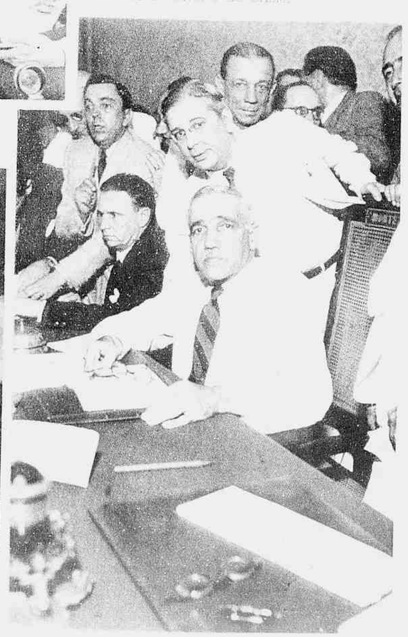
[illegible] Fernandes [illegible] apanhado no [illegible] dos Re[illegible] Neves que [illegible]

THESOUREIRO
BIBLIOTHECARIO
ORADOR

ORADOR
Prof. Dr. Haroldo Valladão
BIBLIOTHECARIO
Dr. Alfredo Balthazar da Silveira
THEZOUREIRO
Dr. Manoel Pereira de Carvalho

O dr. Jayme de Vasconcellos deduzia o seu candidato quando [illegible]

V DIREITA — O dr. Arnaldo Pinto Lima, concluindo a escolha [illegible] da sessão, [illegible]



ad hoc

Forum

os cargos de secretario, thesoureiro e orador. Varias protestos foram, então, lançados. Falaram os senhores Silveira Martins, Aurelio Cesar, Alcantara Guimarães, Alberto Bere Lins e Castilho Cabral. Os tres primeiros allegaram a nullidade do pleito e o ultimo levantou a questão de que a materia não era resolvida pela mesa. Passaram sete minutos quando a mesa resolveu approvar o pleito que deu vencedor ao dr. Miranda Jordão. Afinal, os patrioticos dos auxiliares desta capital restabeleceram a ordem, e intimamente satisfeitos de permanecerem como a classe que a pelo, os proprios interesses, como se tessem os de seus patrocinados nos autos de Civel e do Crime.

DISTINCÇÃO e Qualidade!

GRANDE ESPUMANTE
"DIAMANTE AZUL"
O MELHOR PRODUTO DA VINICULTURA PORTUGUESA
IMPORTADOR E DISTRIBUIDOR PARA A BRAZILIA
BARBOSA & Cª L.TA

NATAL!

Natal!

O Natal das pastorinhas, o Natal dos presepios, o Natal da missa do gallo, o Natal das grandes consoadas passou.

O Natal ingenuo, em que se acreditava mesmo num "Papae Noel" de verdade, velhinho, de longas barbas brancas, curvado sob o peso de um sacco immenso, cheio de brinquedos e que passava pelo céu, lá por volta da meia noite, para chegar á Terra, pular uma janella e enfiar num sapatinho cambaio uma carrocinha de pau... já vai longe!

◆◆◆

Hoje, já não ha mais creanças. Ha homens pequenos, mulheres pequeninas porque o mundo absorveu toda a innocencia da terra!

Os homens, no egoismo crescente das suas realizações, esqueceram-se de que para se crescer é preciso ser antes creança.

E as creanças ficam hoje moços adultos, homens grandes, ou mulheres verdadeiras sem terem sido creanças.

Qualquer creança desse mundo, á seculo, sabe o preço da carne, não gosta dos desenhos animados e discute politica internacional.

◆◆◆

Já não pode acreditar no "Papae Noel", porque duvida até mesmo do "papae de verdade" que, na luta desigual da vida, não sabe se poderá satisfazer ao mais modesto desejo do seu gury.

Sabe que os brinquedos não cahem mais do céu e, como está ao par da economia domestica, nos seus menores detalhes, espera ansiosamente.

Que é que "Papae Noel" vae me dar, heim mamãe?

Uma roupinha nova, meu filho... ou talvez um sapatinho de verniz. Não estás precisando de sapatos?

Ora, mamãe, eu queria um brinquedo...

Mas, meu filho, teu pae não pode gastar dinheiro "nessas cousas".

◆◆◆

A creança então resigna-se (não ha outro remedio) ou se contenta com um desses simulacros de brinquedos (aliás execraveis) que não vão alem de dois mil réis.

◆◆◆

Ha, no entanto, um outro Natal para as creanças **reconhecidamente pobres**, que não podem desfructar as creanças que não são **reconhecidamente pobres**, porque para se chegar a ser uma creança **pobre** é preciso que os paes desprezem aquelle preceito da Sabedoria Divina, quando diz que tudo é vaidade e que até mesmo a dôr que nos afflige **é ainda vaidade!**

E por isso, a creança que resignadamente é remediada, porque vive num apartamento de apparencia luxuosa, calça sapatinho de verniz e veste uma roupinha de rendas finas, não deve fazer parte do "Natal dos pobres". Por que?

Porque é "feio".

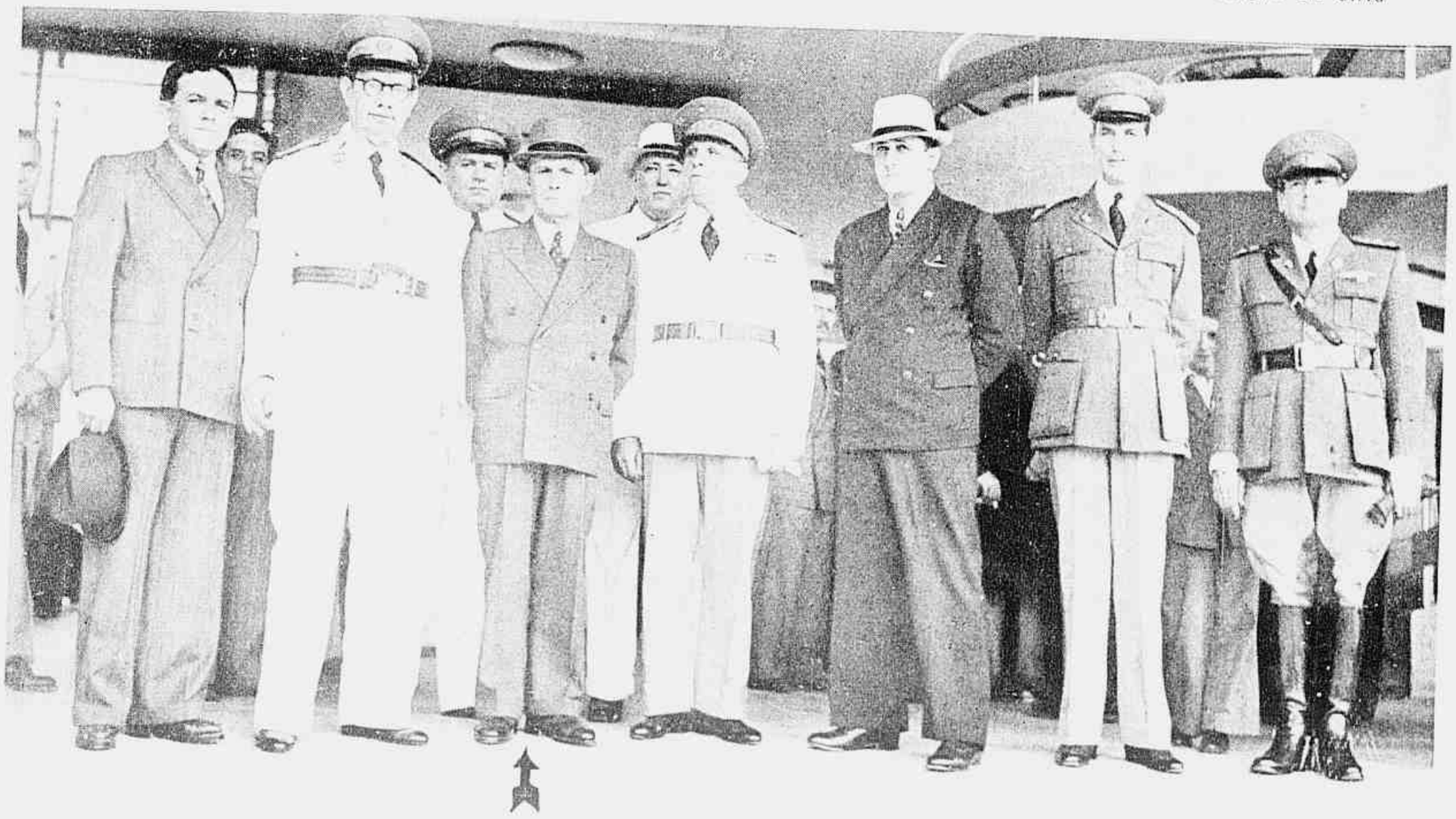
◆◆◆

Mas isto já é outro aspecto da questão.

O Natal das pastorinhas, o Natal dos presepios, o Natal da missa do gallo, o Natal das consoadas... passou!

Ficou apenas a reminiscencia suave dos outros tempos.

Gastão Pereira da Silva



Officiaes que foram ao Meyer... representando o Brasil na posse do novo Presidente da Republica Argentina, Ao centro, o chefe, o general Agustin Pedro Justo, que substituiu o embaixador [illegible]

O JOCKEY CLUB *mundano*

Conserve o sorriso...

O vento fresco é uma delicia... mas ás vezes desmancha o cabello...

Quando o Jazz do Casino da Urca, gentilmente cedido, affirmou a sua presença, um frenesi tocou toda aquella gente elegante que participava do chá offerecido pela Directoria do Jockey Club Brasileiro aos socios, no Hippodromo da Gavea.

E, um minuto após, deixaram suas mesas para honrar a musa Terpsichore os drs. Tigre de Oliveira, José Manoel Fernandes, ministro Salgado Filho e outros directores do Jockey Club que, como tal, deveriam fazer as honras da casa. Em quinze minutos o bom exemplo produziu seus fructos e o chá do Hippodromo já era um legitimo successo. As figuras mais representativas do mundo feminino e masculino da sociedade carioca alli estavam abrilhantando a encantadora festa que, segundo a noticia recebida com enthusiasmo pelos socios da maior sociedade esportiva do paiz, é o cartão de visitas de um esplendido programma mundano que a novel Directoria pretende realizar no anno que se aproxima.

Horizontes... e pensamentos differentes?

Touristes...

Mocidade e belleza.

O embaixador argentino, após almoçar com o ministro Salgado Filho, entrega o premio ao dr. Rocha Faria, proprietario de um cavallo que vencera um dos pareos.

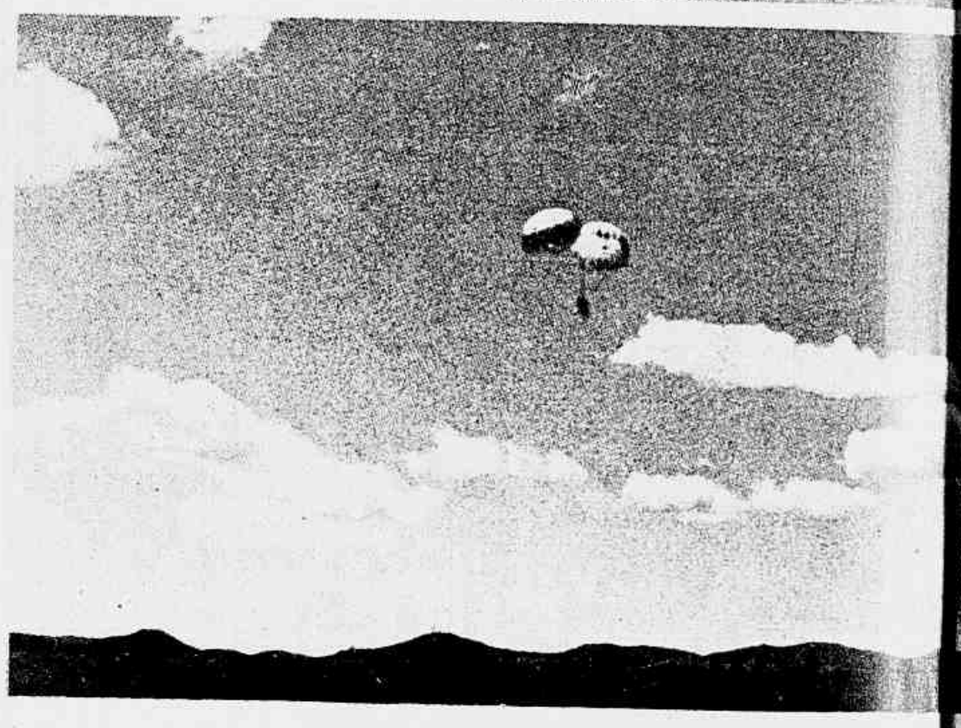
Tribuna dos socios.

Escolhendo a "dupla"...

Jornal de São Paulo

Ada Rogato, antes do salto no Campo de Cumbica, posa um momento para a **Revista da Semana**.

Grupo feito logo após o 2.º salto em paraquedas da aviadora Ada Rogato no campo de "Cumbica" que foi realizado a 1.500 metros de altura. A aviadora foi cumprimentada pelo dr. Adhemar de Barros, Interventor Federal de S. Paulo; general Izauro Regueira e outras altas patentes militares. Ada Rogato pertence ao quadro de pilotos do "Aéro Club de S. Paulo".



A demonstração da primeira paulista que se adextrou como paraquedista, Ada Rogato, constituiu um acontecimento sensacional de que constou o salto com dois paraquedas, a 1.500 metros de altura. O primeiro paraquedas foi aberto a 1.300 metros e ao chegar a 500 metros a destemida aviadora abriu um segundo paraquedas, conforme o instantaneo feliz que publicamos.

Em beneficio do Hospital de Creanças da Cruz Vermelha em Indianopolis e do Comité Britannico de Soccorro ás Victimas da Guerra, teve logar no Theatro Municipal uma festa em que senhoritas da primeira sociedade apresentaram numeros encantadores como estes que aqui estampamos.

ORCHIDEA-SCHMIDT
São Paulo, rua Augusta, 2786
TEL. 8-3697
O maior e melhor sortimento em ORCHIDEAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS!
Peçam catalogo

No Circolo Italiano, as alumnas que terminaram o curso no Instituto Musical de S. Paulo receberam do professor João Baptista Julião, director do Instituto, seus diplomas, e em seguida realizaram uma festa de que fixámos este aspecto.

CADEAU DE NATAL

O anno que está a encerrar-se com os annunciados reveillons do Natal e de Anno Bom, foi dos mais animados na Paulicéa. Anno social por excellencia, movimentado sobremodo nos circulos mundanos, e ainda agora nas suas derradeiras semanas, cheio de interesse para os meios aristocraticos da capital artistica. A quadra do Natal está sendo assignalada com a realização no auditorio de "A Gazeta", o vespertino das iniciativas intellectuaes, de conferencias pelo historiographo e belletrista portuguez Jaime Cortesão, da Academia das Sciencias de Lisboa. O escriptor, que é um **gentleman** e um mestre da arte de conversar, fala neste momento á culta e elegante sociedade paulistana de assumptos transcendentaes que a sua **verve** de **causeur** torna brilhantissimos e o seu **savoir** faz assumir facetas amenas. O admiravel homem do mundo que é Casper Libero offerece, á hora em que escrevemos, ao **set** paulista o mais apreciavel **cadeau de Noel**, com as palestras de Jaime Cortesão.

Os novos medicos da Escola Paulista de Medicina collaram gráu com grande solemnidade, no Theatro Municipal.

A Associação Paulista de Propaganda festejou o Dia Panamericano de Propaganda com um jantar no Germania a que compareceu o representante do Interventor, o do commandante da 2.ª Região Militar e outras altas autoridades alem de representantes de toda a imprensa da Paulicéa.

A solemnidade da entrega dos diplomas aos alumnos do Gymnasio Carlos Gomes que este anno concluiram curso teve logar nos salões do Trocadero, com grande brilho. Neste grupo figura, rodeado do diplomados, o dr. Casper Libero, paranimpho da turma e director da **Gazeta**.

O mais alegre "réveillon" da cidade num ambiente perfeitamente refrigerado graças ao funcionamento de aparelhos especiais, os mais modernos da America.
Não haverá reserva de mesas.
Tickets á venda no "grill".

A nossa capa

Esta vespera de Natal ainda não trouxe ao mundo a festa mais apetecida: o **Réveillon** da paz. Não podendo dedicar a nossa pagina principal á commemoração que é o sonho dos homens de bôa vontade, consagramol-a ao ideal da população infantil universal: á confraternisação dos brinquedos cosmopolitas. Nesta série de bonecos com que á maneira de **vitrine** ornamentamos a pagina exterior da **Revista** — collecção pertencente ao escriptor Saul de Navarro — os nossos pequeninos leitores encontram: ao alto, da esquerda para a direita; um casal de camponezes russos; um par de camponios portuguezes, o impassivel **policeman** londrino. Ao centro: na primeira fila; uma italianinha dos arredores de Roma; uma pequena allemã, berlineza; um tocador de violão, cearense, e uma figurinha typica do paiz de Galles. Na 2.ª fila: a bahiana mundialmente conhecida hoje; um casal grego e uma hindu. Em baixo; pela ordem: rendeira cearense; principes chinezes, noivos e uma **niçoise**, no seu traje regional. As photographias são de Arnaldo Vieira.

Oração de Natal

(Continuação da pag. 16)

olhar, tenho pena, dá-me vontade de fugir para o pé de mamãe, entreter-me, esquecer aquillo... Penso no que vae acontecer... Já estou vendo papae, á noite, com a cara toda engelhada, muito feia... E ouço até estalar a mão grande delle no logar que Você sabe... Mas "aquillo" não me sae da cabeça. Alguem que eu não vejo me diz numa voz que eu não escuto: "Deixe de bobagem... Não descobrem quem foi... Tem vontade? Ande, venha! Eu o ajudo — e até, se for preciso, tomarei a culpa para mim". Ahi, o "tal" me põe as mãos nos hombros, me vae tocando, tocando até ao logar onde a travessura ficou á minha espera... Não posso mais. Juro, Menino Jesus, não posso! Tenho que fazer mesmo! Agora que expliquei tudo tão direitinho, Você attende ao meu pedido. Não attende, Menino Jesus? Não custa nada. E' só dizer a papae e aos outros que não está zangado commigo, que até gosta bem de mim. Escute, vamos fazer uma combinação. Eu me lembro de Você, do outro anno. Estava deitado numas palhas, núzinho... Esses que vêm pedir esmola, ao colo das pretas, ainda têm uma camisinha. Você nem isso. Parece que sua Mãe é pobre de mais, que seu Pae não vae todos os dias para a cidade, ganhar dinheiro para Vocês... Não faz mal, Menino Jesus, deixe, que Você, este anno, não fica sem as suas festas. Diga a todos que é muito meu amigo, me quer mesmo do coração. Eu me chamo Dick... Quer dizer: meu nome é Genserico, mas todos me tratam de Dick. Não vá esquecer, hein? E metade dos brinquedos, das tetéas, de tudo o que me derem, eu darei para Você. Valeu, Menino Jesus? Valeu?"

De certo ao alto translucido da porta o Divino Innocente ou alguma coisa por Elle acenou, sorriu, respondeu que sim. Estava firmada a alliança maravilhosa. Logo Dick sentiu que João Pestana lhe puxava para baixo as palpebras amollecidas, pesadissimas. O corpo escorregou por entre os lençóes. E, sorrindo, como há pouco a imagem da bandeira diáphana, o afilhado do dr. Cerqueira, o novo Genserico, rei dos vandalos, destruidor de imperios, adormeceu como um anjo.

João Luso.

MOLESTIAS DOS PULMÕES
DR. FRIEDMANN
Rua Alvaro Alvim n.º 24, de 1 ás 4.

CASA
MUNDIAL
ARTIGOS DE VIAGEM, MALAS DE MÃO, CABINE, PORÃO E ARMARIO.
VARIADO SORTIMENTO
OS MELHORES ARTIGOS PELO MENOR PREÇO.
RUA DA CARIOCA, 63.

BELMIRO DE ALMEIDA

(*Continuação da pagina 17*)

Tagarella, quando apparecem J. Carlos, Basilio Vianna Junior, Raul e Calixto; no *Mephisto*, jornal carnavalesco dos Tenentes do Diabo; no *João Minhoca*, no *Malho*, na *Tarde*, mantendo uma *charge* diaria, no *Pasquim*, na *Scena*, no *Fon-Fon*, revelou-se um dos nossos mais notaveis e interessantes humoristas do lapis.

Belmiro de Almeida tinha espontaneidade e era optimo desenhador. Conhecia os costumes, donde a caracterização da sua arte e seu poder documental, como conhecia o meio, cuja politica e cuja sociedade eram uma fonte inesgotavel á galhofa e ao ridiculo. Seus bonecos ainda hoje fazem rir, tão vivamente nos levam ao seu tempo e nos mostram o lapis de um humorista da imagem que não se esquecerá nunca, porque será sempre collocado entre os maiores do Brasil.

De Belmiro de Almeida, tão grande no pincel, não se evoca a obra magistral, nem a figura extremamente original.

Homem em cujos labios a ironia e a faccia tanto feriam como faziam rir, vendo a vida com o desinteresse que merece, tão pouco vale ou porque não se sabe para o que vale, mettendo á bulha manipanços e caricaturando os costumes; artista cuja "pintura conserva o encanto do asseio, da precisão, da certeza que a sua pratica adquiriu e a sua indole cultivou, tendo o seu nome direito ao mais alto conceito entre os nossos artistas", fazendo quadros como *Arrufos*, que é obra definitiva — Belmiro de Almeida precisa encontrar penna bem adestrada e honesta que o estude e diga das bellezas das suas telas e quanto, fazendo-as, concorreu para o engrandecimento do patrimonio artistico nacional.

JORNAL DAS FAMILIAS

NAS FERIAS DO NATAL — Bebé recebe sua primeira lição de bravura.

Beige, azul **nattier**, salmão e branco. Tambem as combinações do azul, o vermelho e o branco. No maximo, o escocez marron com frisos vermelhos, verdes e laranja. As mangas, quando indispensaveis no desenho dos vestidos, devem ser largas, tolgadas. Cintos do proprio tecido do vestido, de preferencia. As carteiras devem ser de couros claros, brancos preferivelmente, e sem fechos metallicos. Os grandes chapéos de palha, com os seus laços pendentes, de tecidos leves, esvoaçantes, completam a nota ligeira das toilettes. Mas os tailleurs de linho, alvo ou matizado, de um tom unico preferentemente, devem dominar nas horas do footing matinal. Ornatos, os mais

VERÃO!

Estamos na estação das sedas finas, imponderaveis quasi, e não ser pelos preços. As fazendas destinadas a brilhar ao sol... Os padrões novos são os mais inopinados, e as côres destes estampados são igualmente simples

Braços e Axillas sem macula

LIVRES DE PELLOS QUE TANTO AFEIAM E ESTRAGAM COM O SUOR OS SEUS VESTIDOS

As grandes estrellas de Hollywood e do velho mundo não usam jámais a navalha ou outros meios antiquados para remover os pellos superfluos nos braços, axillas e pernas. O depilatorio ideal "Racé" destróe instantaneamente e até á raiz todo vestigio de pennugem e mesmo os pellos mais grossos. "Racé" é o moderno depilatorio em pó, branco, suave e perfumado; não contem substancias prejudiciaes á pelle e não tem máo cheiro.

"Racé" elimina os pellos com incrivel rapidez, não irrita a pelle e evita que os pellos tornem a crescer mais vigorosos.

NÃO MAIS VESTIDOS INUTILIZADOS

pelo suor originado dos pellos das axillas, que exhalam cheiro desagradavel.

Use "Racé" e faça-nos o obsequio de contar os resultados ás suas amigas.

RACE vende-se nas principaes drogarias, perfumarias e pharmacias.

"LABORATORIOS VINDOBONA"

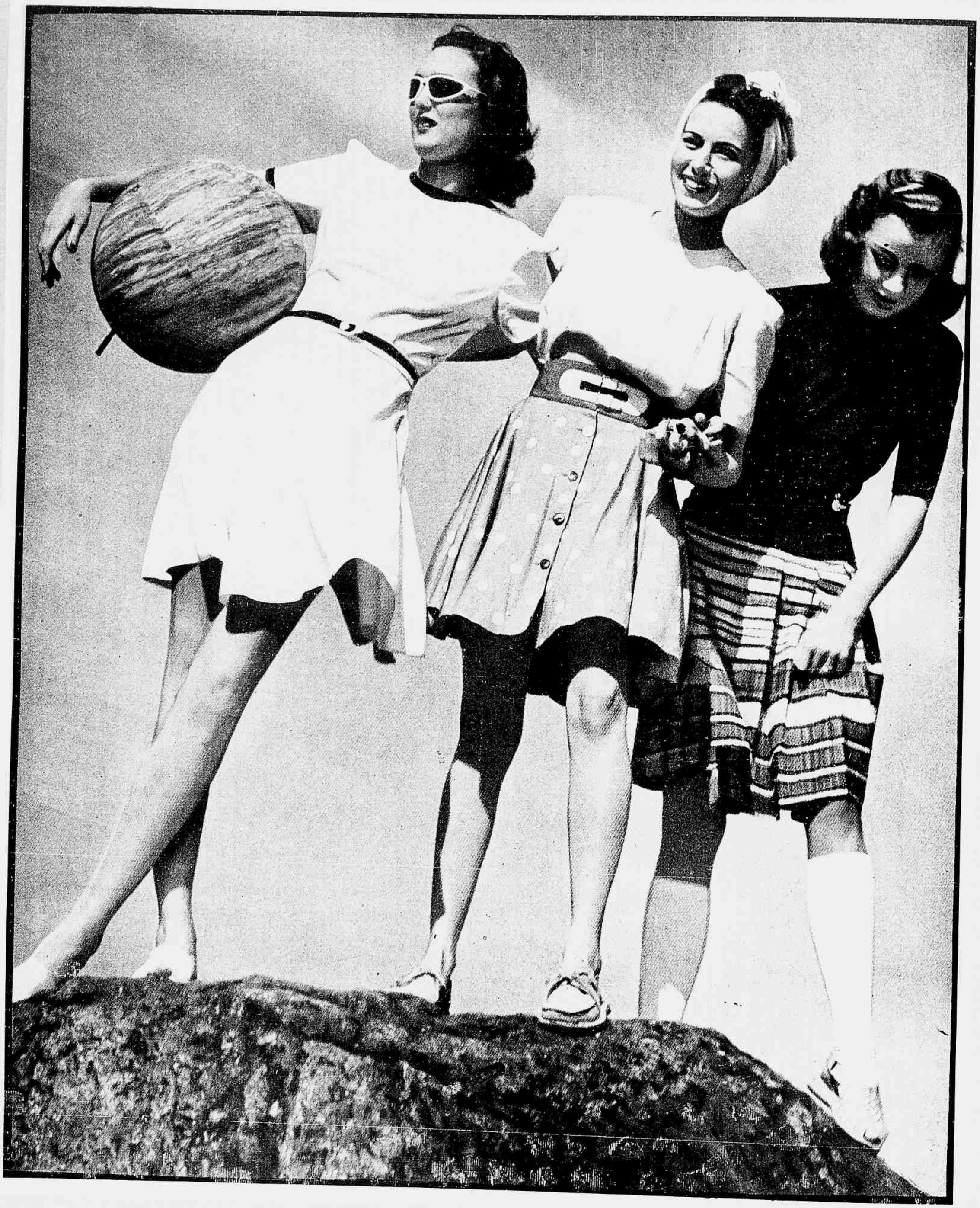
RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — TEL. 23-1100 — RIO DE JANEIRO

PEÇA FOLHETOS GRATIS — PEDIDOS DO INTERIOR ATTENDEM-SE NO MESMO DIA

Racé
o perfeito depilatorio do pello

LABORATORIOS VINDOBONA — R. S. R.
Rua Uruguayana, 104 — 5.º and. — Rio de Janeiro
Queira enviar-me o folheto explicativo do Depilatorio Racé
Nome
Rua
Cidade — Estado

discretos. Apresentar exclusões como enfeites é o mais indicado. Os lenços continuam em moda, tanto para a praia como para as ceremonias. Com os vestidos de linho, chapéos só de palha. Os nossos figurinos são originaes de Waleska, executados para o verão que ahi está, indifferente á rubrica dos almanachs.



Os nossos dezembros são cheios de sol e desafios para partidas de sport. Reclamam figurinos proprios que não conferem com os apresentados nas publicações especialisadas estrangeiras.

No maximo, e para as pessôas que deixam o Rio por esta época, o vestuario feminino admitte saias de lã fina e blusas de jersey.

Nesse caso, a saia é de padrão escossez e a blusa de uma côr só, de preferencia escura. Mas as preferencias nas *toilettes* para esta época recáem nos *shorts* de linho branco, ou nas saias de linho estampado e blusas brancas.

Os cintos, mesmo quando exijam fivellas, devem ser de fazenda. E os ornatos devem consistir nos botões, unicamente.

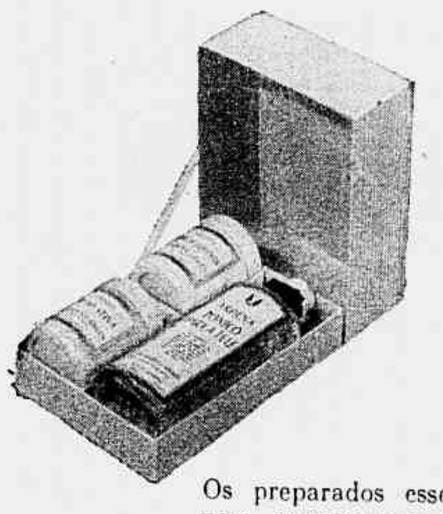
Estes tres modelos, um de praia exclusivamente, o primeiro, e o ultimo proprio para sports terrestres, foram ideados por miss Stella Forrest, para as suas clientes do Brasil.

DR. GALHARDO DE ARAUJO
Diplomado em Anatomia Pathologica, doenças do Coração e circulação pela
FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS.
DA ARZTE AKADEMIE DE BERLIN
NEVROSES CARDIACAS — GLANDULAS ENDOCRINAS
Consultorio Popular: RUA VISCONDE RIO BRANCO, 34
TEL. 22-4749 DAS 3 ÁS 6 HORAS
Consulta com hora marcada: PRAÇA FLORIANO, 55 42-8326
ONDAS CURTAS — RAIOS X

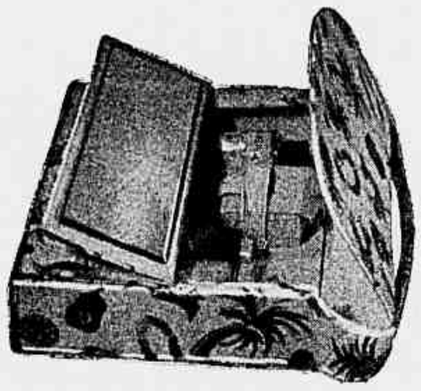
PRESENTES DE BELÊZA

Objétos de maquillage em harmonia de côres

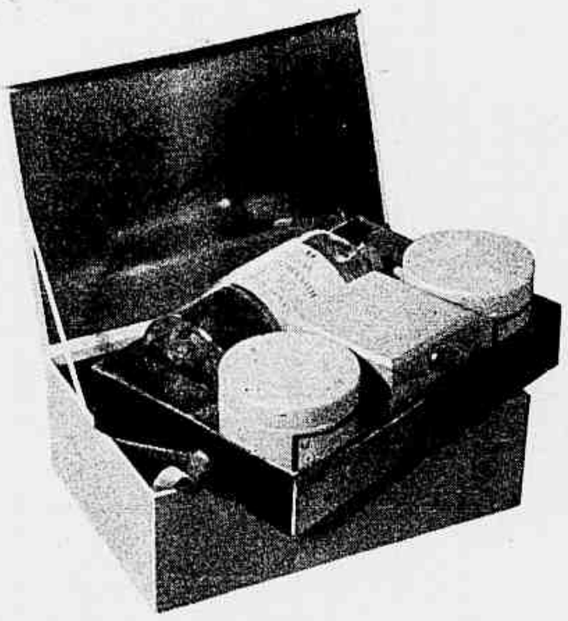
Um complemento ás mais variadas creações de Elizabeth Arden



Os preparados essenciais para conservar a belêza

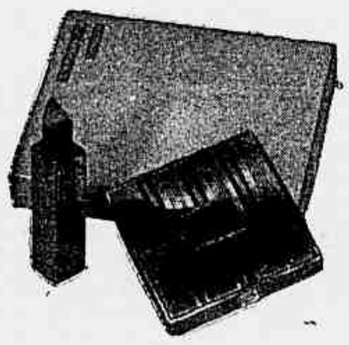


Bolsa com excelêntes artigos proprios para a praia



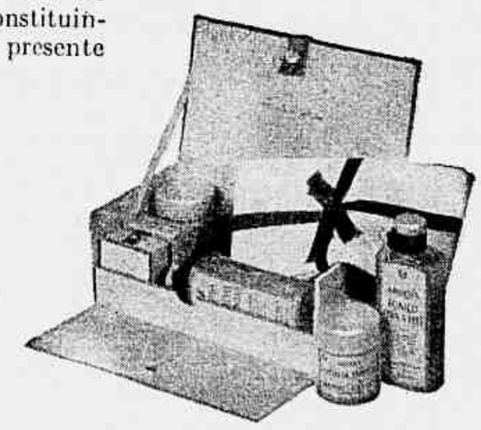
Prodútos primordiais de Elizabeth Arden, constituindo um magnifico presente

Estojo que reune escolhidos artigos de Elizabeth Arden



Combinação de estojo para pó de arroz e baton doirado

Os elementos indispensaveis á belêza, acompanhados por um espelho movel



Uma preciosa seleção de preparados para a cutis

Elizabeth Arden

Madame Jacqueline

A ESBELTEZ...

As **Applicações Locaes de Parafina Côr Verde** dão um resultado extraordinario quando são feitas com perseverança e animo!... As "papadas", os "cangotes", os "bourrelets", protuberancias da cintura, desapparecem em pouco tempo... E ainda as "pernas grossas", as "ancas muito desenvolvidas", os "tornozelos inchados" readquirirão tambem, assás depressa, as medidas normaes, e... a elegancia será sua, gentil leitora.

CORRESPONDENCIA

Amiguinha Sincera (Belem) — Pois não: a **Huile Romaine Antique**, applicada antes de ir para a praia nos braços, collo, rosto, emfim todas as partes do corpo descobertas, fará com que adquira a "côr de jambo" uniformemente e **sem queimar** a pelle, o que é de summa importancia, não só porque impede essa queimadura como ainda porque assim permitte que o banho de sol faça realmente effeito. Limpeza da pelle diaria com esse mesmo oleo é optima. Use-o.

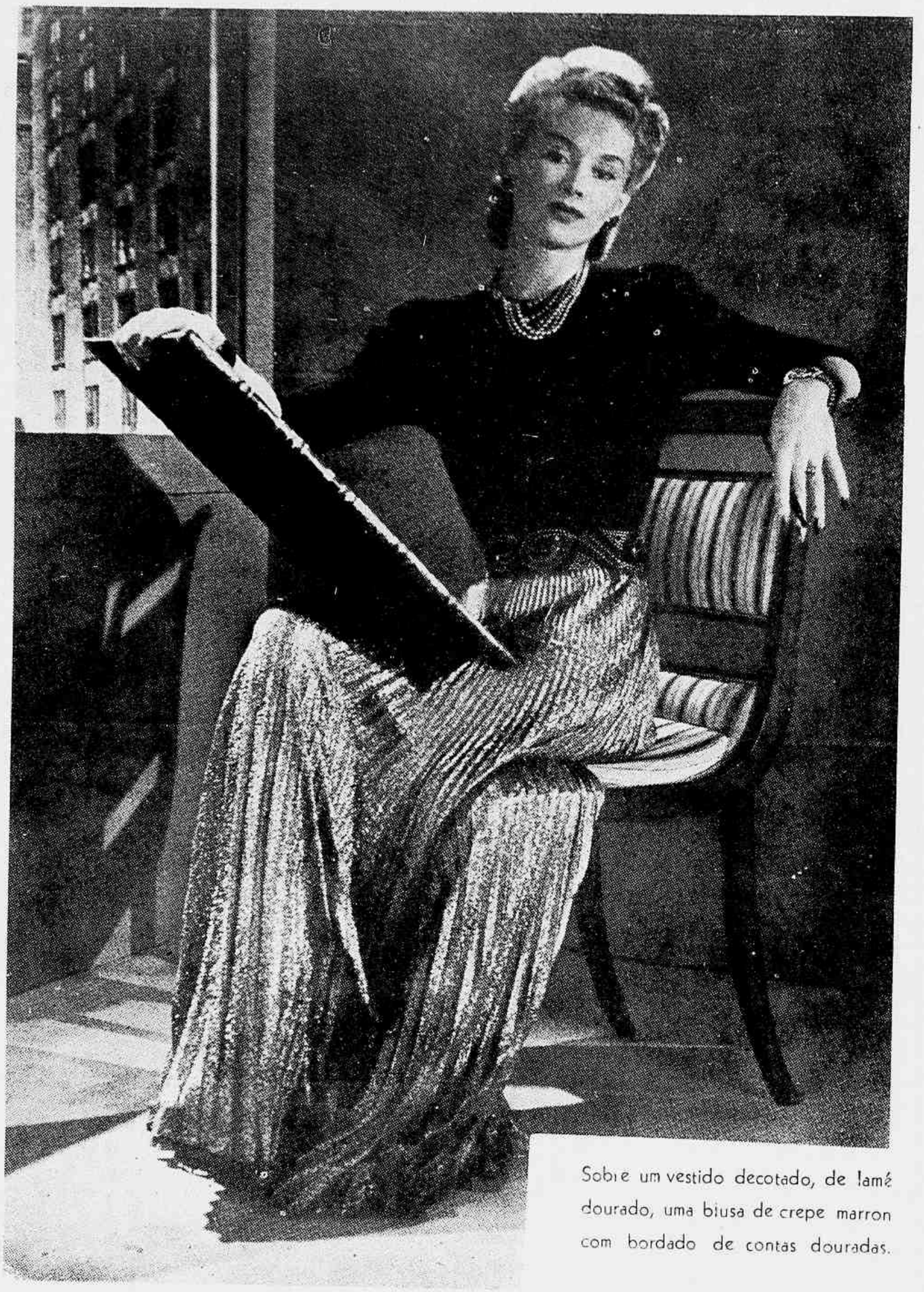
Sra. Flavia Franchetti — A senhora está muito enganada: as **Applicações de Parafina Côr Verde** são muito faceis de usar e a senhora mesma, sem auxilio de ninguem, poderá fazel-as em sua casa. Por isso pessôa alguma de seu "entourage" o saberá e somente notarão todos que está adelgaçando insensivelmente; applique e verá; tome as suas medidas de cintura e das ancas; feitas umas 10 applicações a differença já será bem sensivel. Coragem e... mãos á obra. A lata custa 60$ e dá para umas 50 a 60 applicações.

Violeta S. R. — Pelo que escreve acho que 2 potes serão o bastante do **Creme Adstringente Miraculoso**, para voltar o busto ao que era antigamente: rijo e firme. Applique bem, de accordo com a bulla que acompanha e que explica tudo. Acho que não precisa usar o outro creme, o **Emmagrecente Miraculoso**, porque esse é para fazer diminuir, e segundo explica parece que não precisa, não é?

Antinoe — O **Tratamento Radia** — para o rosto — deve ser usado diariamente e com o calor actual é muito refrescante para a cutis: a **Loção** é para de dia, segura pó de arroz; o **Creme** é para a noite, pois tira as rugas, manchas, branqueia a tez e fortifica os musculos. A cutis fica transparente, suavissima, feita porcellana — como escreve...

Madame JACQUELINE

A' VENDA NAS PERFUMARIAS CARNEIRO E NA CASA HERMANNY



Sobre um vestido decotado, de lamé dourado, uma blusa de crepe marron com bordado de contas douradas.

Vestido de crepe setim preto, o vestido executado do lado baço do tecido, guarnecido com o lado brilhante do tecido.

Fichu para verão

Barra talhada em crepe da China verde brilhante, presa ao centro do mesmo tecido em verde agua bordado com **bouquets** de côres diversas. Bainha pespontada em **feston** raso ou ponto turco.

Ensemble: vestido de crepe lilás, bordado com lentejoulas do mesmo tom, acompanhado por um casaco de crepe roxo, com bolsos bordados com lentejoulas.

INGRATIDÃO

A ingratidão provém, frequentemente, do orgulho. Dever alguma cousa a alguem a quem não podemos retribuir o favor irrita de tal maneira uma creatura orgulhosa que se converte em idéa fixa, acabando por se transformar em odio o que só devêra ser amor.

E' estado de animo que muito depende tambem da maneira pouco discreta de quem, sem recordar claramente o favor prestado, procura todavia que o beneficiado o recorde sempre.

Amado Nervo

Vitaminise a sua cutis

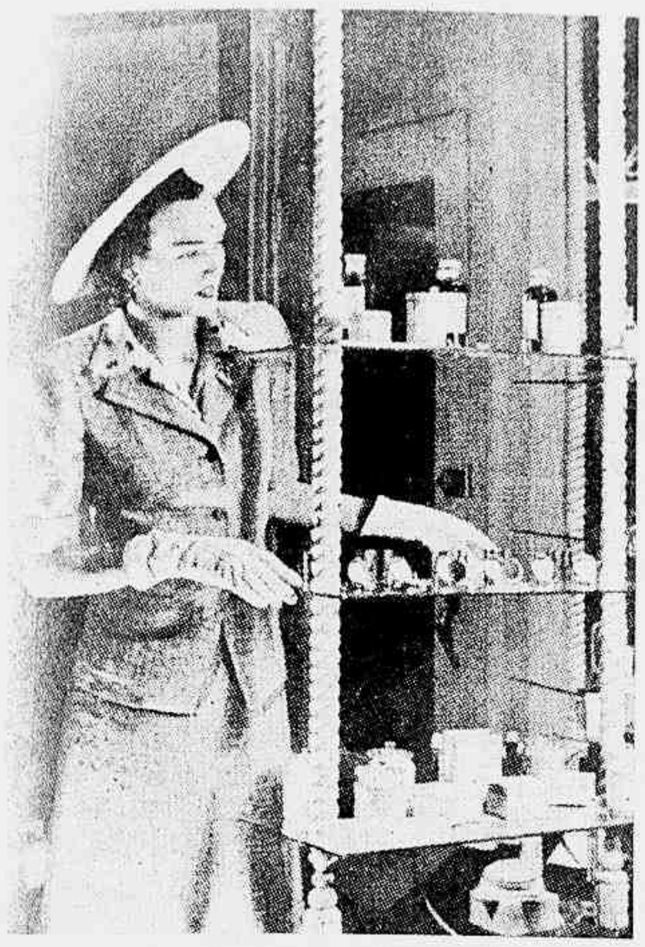
• O creme de alface "Brilhante" actua sobre a camada subcutanea, tonificando-a com a vitamina embellezadora.

• Com o uso do creme de alface "Brilhante" a pelle torna-se clara, perlina e livre de manchas e pannos, conservando-a normal.

• Depois de uma applicação nota-se logo como que um véo invisivel de belleza sobre a epiderme. O creme de alface é o melhor lenitivo que ha para a pelle.

CREME DE ALFACE "BRILHANTE"

Blusa de shantung; tiras applicadas e pespontadas guarnecem a pala.



...lume de linho verde, a blusa de cambraia verde claro com desenhos vermelhos.

...estido para a noite no estylo antigo, em tafe... preto ou no tom bronzeado, guarnecido com ...nzidos. O corpo muito ajustado é atacado nas costas.

...ette de baile, de ...elludo mousseline preto, em volta do decote delicada renda preta.

NOTRE DAME DE PARIS

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO

NATAL ANNO NOVO

Visitem a deslumbrante exposição de

SEDAS E TECIDOS FINOS DA NOTRE DAME

E' um sortimento admiravel que encanta e seduz pela qualidade e pela belleza das côres variadas e originaes e pelas padronagens modernissimas.

UM MUNDO DE SEDAS

PARA O MUNDO ELEGANTE

TECIDOS DE FANTASIA do mais fino gosto.

Ouvidor 182 - 188

O NATAL E AS FOLHINHAS

A *folhinha*, a *folhinha de bloco*, polychroma, decorativa, muita vez, quasi sempre dotada de porta-cartões, que era guardada até depois de acabado o anno, por ser o seu chromo bonito ou a sua estampa representar motivos patrioticos ou incluir nas suas imagens impressas a effigie de santos, a *folhinha* enviada ás donas de casa pelos seus fornecedores, a *folhinha* que era presente de festas, está desapparecendo.

Os calendarios de bolso, aquelles editados nos *almanachs* e os impressos nas *agendas*, a chamada folhinha de destacar, cujas paginas servem para um mez inteiro, tomaram o logar da *folhinha* de cartão, que era dependurada de prégos nas paredes. E' pena. A *folhinha* constituia, frequentemente, a unica expressão de arte nas casas pobres, e nos dizeres dos seus *blocos* as *ephemerides* proporcionavam conhecimentos de que os typos hoje em voga não cogitam.

E no *verso* das folhas havia a mais pittoresca anthologia, a anthologia das quadras anonymas que, em verdade, são as mais inspiradas.

Ah, a *folhinha* será em breve a mais doce recordação dos Natacs de outr'ora!

EMAGRECIMENTO

Por novo systema, sem dieta e sem exercicios fatigantes no "INSTITUTO DE BELLEZA MARILU'".

AV. RIO BRANCO, 128-2.º, SALA 209

TEL. 42-4872

Michel

O Baton que os labios pedem

O ETERNO FEMININO

— Coragem, **madame!** Lembre-se de que seu marido é feliz, numa vida melhor...

— Pois é isso que me contraria justamente!

1 — Toilette para a noite de renda branca. Rosinhas brancas na cabeça. 2 — Blusa de crepe azul sobre saia de tulle grosso do mesmo colorido. Cinto de crepe com estreitas fitas de lamé prateado. Na golla tulipas branco rosado.

O amor, para o homem, é maravilhosa distracção que, de um tyrano ou de um escravo, faz um poeta.

—◆—

O homem exige da mulher que o ama a justificação continua da escolha que fez.

—◆—

Quando menos amavel é que o homem sente maior necessidade de ser amado.

—◆—

ANECDOTAS CONSAGRADAS

Luiz XIV mostrou alguns versos seus a Boileau, pedindo-lhe a opinião.

— Senhor, respondeu Boileau, nada é impossivel a Vossa Majestade... Quiz fazer versos máos e o conseguiu admiravelmente.

◆ ◆ ◆

Bernard Shaw assistiu á estréa de uma das suas peças theatraes. Embora muitos fossem os applausos, um espectador esforçava-se por cobril-os com assovios. Quando Bernard Shaw teve de vir ao palco arrecearam-se os amigos e actores do espectador descontente. No emtanto, no meio de grande silencio, o escriptor perguntou ao homem do assobio:

— Senhor... não gosta da comedia?

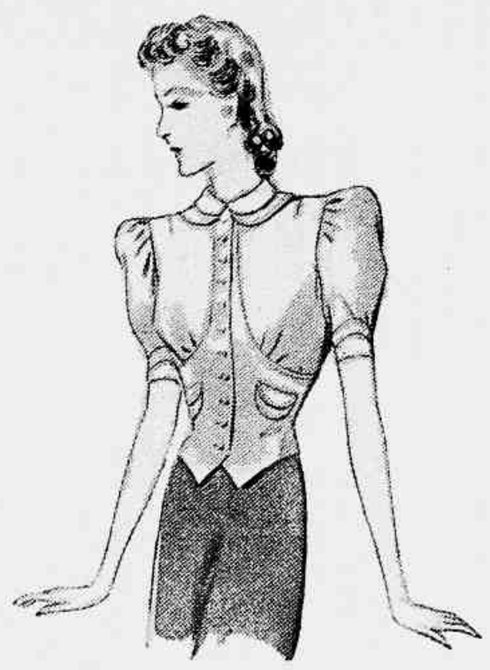
— Detestavel! — disse, immediatamente, o interpellado.

— Tenho a mesma opinião, accrescentou Bernard Shaw; — mas que quer o amigo que façamos os dois contra o numeroso publico?

O AMOR...

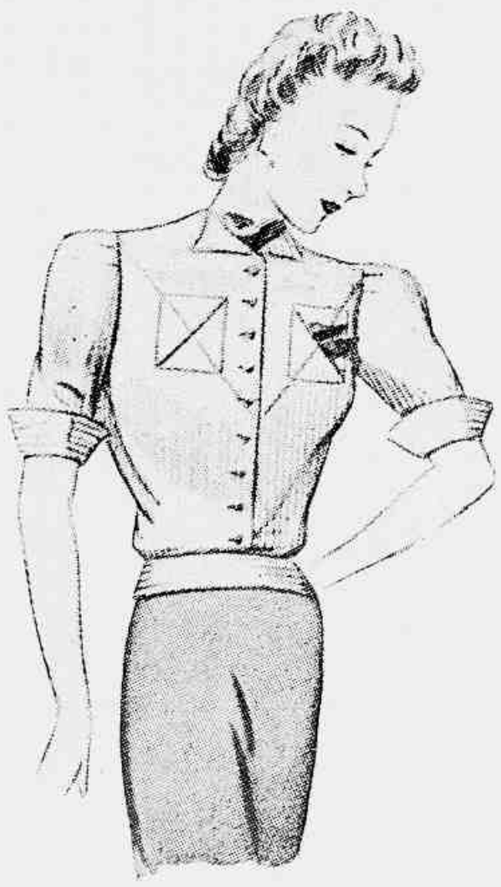
(Paul Geraldy)

O unico momento bello do amor é o preludio.

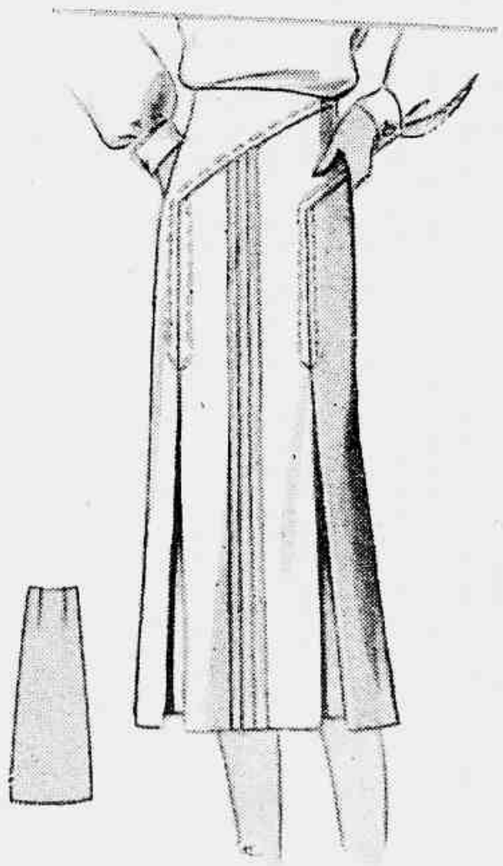


Blusa-collete de crepe branco, guarnecida com pespontos.

FLORES PARA CHAPE'OS e vestidos. Echarpes e Lenços e artigos para presentes
ORQUIDEA
R. Gonçalves Dias, 27



Blusa de seda listada, com pala em bico na frente e nas costas, bolsos originaes.



Saia para blusas de lã ou linho branco enfeitada com nervuras, pregas e pespontos.

Vestido elegante de crepe cinza claro, com pala e bolsos bordados com fio de prata e perolas.

Natal... Anno Bom

Inspire-se nos lindos mostruarios de

MAPPIN & WEBB

para escolha dos seus presentes

Que offerecer como presente de Natal? Dias e dias observando as vitrines, olhando preços, pensando sobre este ou aquelle objecto... Uma visita á casa Mappin & Webb, terminará a sua indecisão — suggerindo-lhe bellissimos presentes: uma joia, uma bolsa, um faqueiro, um relogio, uma cigarreira, uma carteira... Para facilitar a escolha de seus presentes de Natal, Mappin & Webb offerece-lhe uma vasta collecção de artigos finos e de notavel belleza, em pratas, porcellanas, chrystaes, marroquinaria, etc. Visite hoje Mappin & Webb e achará de prompto um presente que agradará offerecer... e alegrará receber!

UNICOS FABRICANTES DA "PRATA PRINCEZA"
(METAL PRATEADO)

40-1273

MAPPIN & WEBB

BY APPOINTMENT

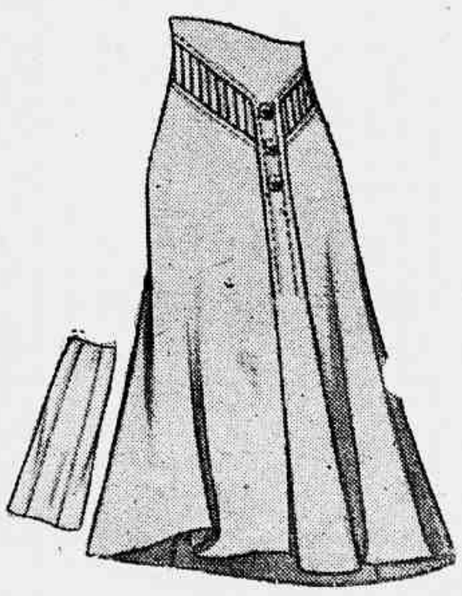
RUA DO OUVIDOR, 100 — RIO DE JANEIRO

Londres — Paris — Buenos Aires — Nice — Biarritz — Johannesburg — Bombay

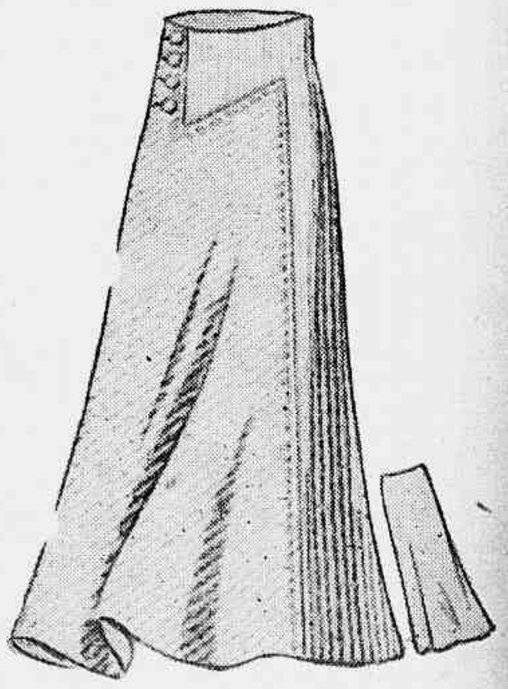
"Visitem o nosso Stand no Pavilhão Britanico, na Feira de Amostras"

Ensemble — Vestido casaco de foulard azul marinho com desenhos brancos, guarnecido com crepe branco.

Toilette elegante de jersey de seda listado de branco e vermelho. Lirios na cintura.



Saia para blusas de crepe ou linho; uma tira com nervuras e pespontada forma uma guarnição na frente.



Saia para blusas de tecido diagonal. Com pespontos e abotoamento na frente.

Labios que Inspiram Amôr

Suaves mas não gordurosos; attrahentes mas não pintados

LABIOS assim proporciona o baton Tangee. Não pinta porque não é pintura. Suavisa porque tem base de "cold cream". Tangee dá um aspecto encantador de naturalidade porque pode ser graduado a gosto, em harmonia com a sua propria côr. Passando ligeiramente é encarnado; repassando-o dá até um rubro intenso. E se ainda quizer um matiz mais intenso, ha o Tangee Theatral. Tangee tem todas as qualidades combinadas de varios batons e mais um encanto: naturalidade! Não ha attractivo maior nem que mais realce a sua belleza. Use Tangee! Para perfeita harmonia use tambem o Rouge Tangee e o Pó facial Tangee.

O Baton de fama mundial
TANGEE
EVITA A APPARENCIA DE PINTURA

GALERIA DO NATAL

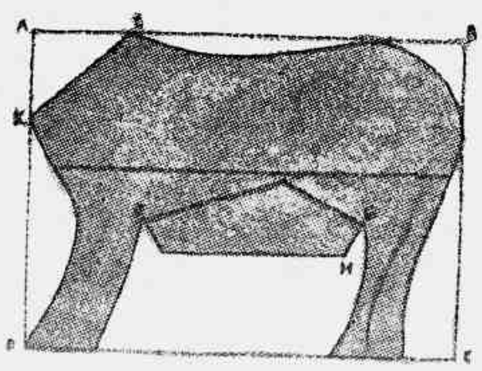
"A Virgem e o Menino", de *Giovanni Bellini*.

Brinquedos de tecido

Entre os brinquedos que mais agradam ás creanças, os animaes teem um lugar preponderante, são verdadeiros amigos das creanças. Os animaes domesticos sobretudo exercem sobre ellas uma attracção especial. Esses brinquedos podem ser facilmente executados em feltro, velludo ou lã. Passaro, cãosinho, elephante, coelho, gato, burro e porco são de uma grande singeleza como se pode verificar pelos desenhos que damos. Esses animaes farão o encanto dos muito pequeninos. Para uma creança maior damos o modelo de um cão mais perfeito. Os moldes compõem-se de cinco peças.

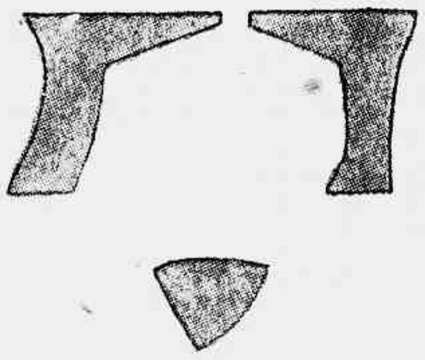
1.º — O corpo — Traçar num rectangulo ABCD de 25 centimetros de comprimento por 18 centimetros de largura o molde como mostra o desenho. 2.º — Parte debaixo do corpo, cortar as pernas do mesmo tamanho que as primeiras. 3.º — Cabeça: traçar num quadrado ABCD com 13 centimetros de lado o desenho da cabeça. 4.º — Cauda feita com uma simples tira recta. 5.º — Orelhas: desenhar dois triangulos pontudos de 3 centimetros pouco mais ou menos de altura.

Cortar todos os moldes duplos. Reunir primeiro as pernas e a parte de baixo correspondente, depois juntar as duas partes do corpo do cão, estas costuras feitas a machina, ficando aberta para virar uma parte da costura da barriga, encher com palha, farello ou algodão. As que teem habilidade podem fazer uma armação de arame para ser collocada dentro do animal, isso ajudando muito para sua firmeza. A cabeça depois de cozida é recheada e em seguida cosida no corpo muito solidamente. A coleira ajudará a esconder esta costura. Contas pretas para os olhos e uns pontos feitos com linha preta e rosa para a bocca e narinas. Fixar as orelhas e a cauda. Fixar as pernas sobre carreteis de linha do mesmo tamanho e pintados de preto.

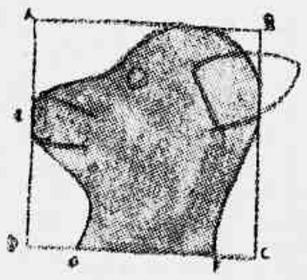


O corpo.

Parte de baixo.



Orelha.



Cabeça.

Cauda.

COMPRE OS SEUS LIVROS NA

THERMOMETROS PARA FEBRE
CASELLA-LONDON
Mun Casella London 84014
FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

ARVORE DO NATAL

Li algures que a "arvore do Natal", cujo uso parece ter se radicado nos divertimentos da nossa sociedade, é uma lamentavel macaqueação de costumes europeus contrarios á nossa indole e ao nosso clima.

Ha nisso, indubitavelmente, uma ferocidade nativista, que alcança as raias daquelle desespero jacobino dum universitario (!!) que, apesar de pretender a unificação dos povos pela possibilidade duma linguagem commum, taxara de maus brasileiros os que não tinham o paladar sensivel ao sabor das bananas.

Até hoje não me foi dada a ventura de encontrar a impropriedade da "arvore do Natal" nos nossos costumes, e por mais que esgaravate e pesquise razões, ainda não sei qual o erro ou o vexame que nos possam resultar de semelhante imitação.

Ouvindo censuras, colho das que menos se me afiguram futeis a que protesta contra esse uso por ser o pinheiro um vegetal europeu e por exigir a ornamentação da arvore excesso de luzes incompativel com a pesada temperatura da estação vernal em que cáe o nosso Dezembro.

Como se vê, falha em consistencia o protesto apontado.

Quanto a origem do vegetal escolhido, escolha aliás intelligentemente feita pela esthetica do pinheiro e pela disposição natural dos seus galhos que facilita o bom gosto ornamentativo, devemos attender a que possuimos tambem o nosso pinheiro americano, que não é o valente gaucho sr. general Pinheiro Machado, mas a conhecida e esbelta araucaria, arvore que ornamenta muitos dos nossos formosos jardins e cresce largamente em Therezopolis. A especie, porém, não influe no caso com a importancia que se lhe está ligando.

Tanto nos serviria o pinheiro americano como qualquer outra arvore, que nos não faltam magnificos exemplares, aproveitaveis ao particular em questão, nas nossas famosas florestas. Se até possuimos florestas... de Miranda!...

Assim posto, o caso do pinheiro está vencido, e isso sem a menor allusão politica.

Vejamos a razão do excesso de luzes.

Não ha duvida que está na maior quantidade de velinhas coloridas a belleza ornamental das "arvores do Natal"; mas, como as adaptações devem ser logicas, isto é conformadas com o meio, é comprehensivel que, se o excesso de luzes sobrecarrega a temperatura nos interiores (não direi lareiras porque isso é que seria imitação vexosa) fiquem as velas apagadas, o que sobre ser economico tem a vantagem de não desmoralisar a industria stearica quando faltarem pavios aos seus productos.

Não obstante esta argucia, com a qual não pretendo foros de pensador, sou do parecer que a razão do falado excesso pecca por improcedencia. Carregam-n'a de proposito, e com o carregar-lhe no defeito esperam ganho de causa. Mas, senhores meus, vosmecês não se lembram que é dos nossos modos e habitos o frenesi demoniaco das danças em qualquer festa do calendario, e que para as fazerem illumina-se profusamente toda a casa...

Ora, pois, que exaggero resulta dessa illuminação de velinhas coloridas numa pequenina arvore engalanada, posta no centro da mesa-elastica dos repastos familiares?...

Deixemo-nos de caturrismos ridiculos, que mais nos afeiam o já desconchavado feitio.

A imitação da "arvore do Natal" é um bemdito empurrão civilisador, que traz felicidade aos nossos lares pela viveza e alegria da nossa pequenada. E ella é que deve folgar, porque esse dia lhe pertence, constitue, de facto e symbolicamente, a sua festa.

Não é confortante vel-a brincar em torno da arvore lentejoulada, em ciranda ruidosa, em risadas incomparavelmente frescas e musicaes? Não é prazeroso, docemente penetrante e satisfatorio, vel-a no estouvamento da sua edade aquecer-se com a tombola das surprezas que a seduzem?...

Antes imitar esse folguedo, que se goza no interior honesto dos lares, em que cantam as risadas das creanças, e que é a confirmação do amor e da paz na familia, do que resuscitar usanças roceiras, anachronicas e caricaturaes, que apenas servem de pagodeira para os marmanjões capadocios e as chloroticas sinhazinhas em cassas brancas que miam, desafinada e impiamente, aos harpejos pacholas das seréstas.

Com franqueza: não concordam commigo?

1908 GONZAGA DUQUE

«BOAS FESTAS!» — «FELIZ NATAL!»

O **Natal** é o advento saudosista por excellencia, na successão dos doze mezes do anno.

Com a chegada do Natal, quanta recordação! Quanta reminiscencia!

O **cartão postal**, por exemplo, é uma das mais enternecedoras lembranças que se guarda dos Nataes.

O **cartão postal** dourado, com a figura de **Papae Noel** ou do **Menino Jesus**, ou com uma paisagem do Dezembro europeu, simplesmente, e trazendo em letras caprichosas a saudação da época: **Bôas Festas, Feliz Natal...**

Os srs. não têm saudade do cartão postal? Têm de certo. Os nossos paes collecionavam os **cartões** recebidos durante muitos annos, e nós mesmos ainda até os ultimos vinte annos passados guardavamos esses mensageiros dos bons desejos dos nossos amigos.

Já os **cartões** daquelles que pediam **festas**, cartãozinhos pintalgados, em relevo quasi sempre, e todos elles com os peores **versos** do mundo, os versos do **lixeiro**, do **padeiro**, do **estafeta** dos telegraphos e do carteiro do correio, esses, sim, eram horriveis, **interesseiros** e insignificantes como expressão das artes graphicas!

O NATAL BRASILEIRO

NÃO ha propriamente, no Brasil, uma tradição de Natal. A **missa do Gallo**; a ceia de familia á meia-noite de 24 para 25 de Dezembro; o habito da collocação dos sapatos infantis em determinados pontos das casas; o costume de offerecer presentes ás pessôas de amizade e parentes; e de dirigir cartas, cartões illustrados, telegrammas, todas essas commemorações são originadas dos diversos paizes. A propria variante das sobremesas nas ceias de Natal não caracterisa a festa gastronomica, pois na Africa o **ananás** consta tambem dos cardapios da vespera do Natal.

O certo, porem, é que entre nós o Natal é festejadissimo e na antiguidade brasileira attribuia-se ao Menino Jesus a distribuição dos presentes que mais tarde passaram a ser distribuidos por **Papae Noel**.

Houve, ha alguns annos, por parte de um publicista a tentativa de conferir a dôce tarefa a um personagem novo: **Vovô Indio**. A lembrança, desgraciosa, de mau gosto mesmo — se considerarmos o typo feroz de velho selvagem ideado pelo cidadão que julgou possivel banir do nosso paiz o sympathico velhinho que é o **S. Nicolau** dos Russos e o **Pae Natal** dos portuguezes; não chegou a interessar ao menos como ponto de controversia.

CEIA DE NATAL

PEIXE A' POLONEZA — LAGOSTA A' RAVIGOTE — TARTELETTES DE QUEIJO, DE PRESUNTO E CROQUETTES DE QUEIJO — LINGUA A' MILANEZA — SALADA DE LEGUMES — GANSO ASSADO A' MODA ALLEMÃ — REPOLHO VERMELHO — PUDIM DE TUTANO A' INGLEZA — QUADRADINHOS COM TAMARAS, NOZES E AMENDOAS (Weat flake bars)

PEIXE A' POLONEZA

A carpa preparada da maneira que vamos indicar é o prato tradicional da ceia de Natal na Polonia.

Tomar uma carpa viva e fazer sangrar para colher o sangue; escamar e esvasiar com cuidado, pôr as ovas na agua com vinagre e aferventa-las. Partir o peixe em postas, arrumar no fundo de uma panella sobre cebola picada e salsa, temperar com sal, um **bouquet** de cheiros, meia folha de louro, grãos de pimenta do Reino, dois cravos da India, molhar até cobrir o peixe com hydromel (hydromel é um vinho licoroso que é muito usado na Polonia); deixar ferver o liquido dez minutos, no fogo forte, depois collocar a panella no fogo brando ou no forno. Quando o peixe estiver cozido, separar o môlho, coar e juntar umas fatias de limão, um punhado de amendoas picadas e passadas no forno, igual quantidade de passas de Corintho, lavadas na agua morna. Dar ainda duas fervuras no môlho, juntar o sangue e um pouco de vinagre. Arrumar o peixe na travessa, rodear com as ovas e cobrir com o môlho.

LAGOSTA A' RAVIGOTE

Pôr a lagosta para cozinhar na agua salgada e acidulada uns 10 minutos; depois deixar um quarto de hora perto do fogo a panella tampada. Depois da lagosta fria, separar a carne sem partir a carapaça, cortar a carne em fatias em **viez**, temperar e passar na gelatina.

Pôr para cozinhar bem cedo um mocotó de vitella, com um pedaço de carne, um **bouquet** de cheiros, cenouras e uma cebola partidas, cravo da India e 2 litros de agua. Depois de ferver duas horas pelo menos, conserva-se na geladeira. Na hora de servir côa-se e junta-se 1 calice de vinho branco, o caldo da lagosta coado e deixa-se dar uma fervura; depois de frio, passar as fatias de lagosta e collocar na geladeira. Arrumar a lagosta no meio de uma travessa, rodear com as fatias e cobrir tudo com a gelatina; collocar a travessa na geladeira.

Servir com o seguinte môlho: — Fazer dois decilitros de **mayonnaise** com gemmas de ovos e azeite, temperar a **mayonnaise** com a seguinte mistura: 4 enchovas salgadas bem socadas, e desfeitas com uma colherinha de mostarda ingleza, um pouco de cebola ralada e uma colhér de alcaparras.

Guarnição para a mesa da ceia de Natal.

TARTELETTES DE QUEIJO

Fazer uma massa com meio kilo de farinha de trigo, 300 grs. de manteiga, 2 gemmas de ovos, e juntar a agua necessaria para a massa ficar de bôa consistencia. Amassar muito pouco, formar uma bola e cobrir com um panno humido. Depois de descansar a massa, forrar com ella as forminhas, collocar por cima papel branco e grãos de arroz ou milho (para a massa não estufar), despejar os grãos com cuidado e depois tirar o papel, quando estiverem assadas.

Estas empadinhas são recheadas com a seguinte mistura. Amassar com uma colhér 4 gemmas de ovos com 100 grs. de queijo parmesão ralado (pode ser a metade parmesão e metade **gruyére**); uma pitada de pimenta, de assucar, em seguida 75 grs. de manteiga, ligar a mistura sobre o fogo, mexendo sempre com a colhér; assim que começar a ligar juntar 1 colhér e meia de creme de leiteria e continuar a mexer, retirar do fogo e juntar duas claras batidas. Cobrir por cima com um pouco de queijo ralado, e pôr para tostar um instante no forno.

TARTALETTES DE PRESUNTO

Com a mesma massa forrar umas quinze forminhas e rechear com a seguinte mistura: Desfazer primeiro 4 ovos batidos com 3 decilitros de creme de leiteria, 75 grs. de manteiga; juntar 75 grs. de parmesão ralado, 100 grs. de presunto passado na machina. Depois de recheadas peneirar por cima um pouco de queijo e pôr para assar no forno regular.

CROQUETTES DE QUEIJO

Escolher um queijo não muito fresco, amassar com um pouco de môlho de carne bem temperado e juntar um pouco de crême de leiteria para amollecer o queijo. Formar com essa mistura pequenas croquettes, do tamanho de um ovo de pomba, passar na farinha de trigo, no ovo batido, na farinha de rosca fina e fritar na banha fervendo.

GANSO ASSADO A' MODA ALLEMÃ

Depois de bem limpo e temperado o ganso, rechear com maçãs descascadas e partidas em talhadas (tirar a parte dura e as sementes), juntar um bom punhado de passas e duas colhéres de farinha de rosca bem clara. Pôr para assar o ganso bem untado com manteiga.

Servir com repolho vermelho e algumas salchichas.

PUDIM DE TUTANO A' INGLEZA

Picar bem 600 grs. de tutano de vacca, que foi posto de môlho na agua fria, escorrida em seguida bem a agua, pôr numa vasilha com 250 grs. de laranja e cidra crystalisadas, cortadas em pedacinhos, 250 grs. de passas de Corintho, 250 a 300 grs. de farinha de rosca peneirada e 250 grs. de assucar, juntar 2 decilitros de rhum e 6 a 7 ovos (batidos em separado). Untar com manteiga, e peneirar com farinha uma fôrma, encher com a mistura e pôr para cozinhar em banho-maria no forno. Virar o pudim num prato, cobrir com uma camada de geleia de damasco morna desfeita com rhum. Encher o centro do pudim com um sabayon de vinho de Tokay.

QUADRADINHOS COM AMENDOAS, NOZES E TAMARAS (Weat flake bars)

Meia chicara de manteiga, 1 chicara de assucar mascavo, 2 ovos, 1 1/2 chicara de farinha de trigo, 2 colhéres (das de chá) de **baking powder** (fermento inglez), meia colherinha de sal, 2 colherinhas de extracto de baunilha. Uma chicara de nozes, 1 chicara de tamaras e duas chicaras de amendoas.

Despejar a mistura em taboleiros, guarnecer por cima com as amendoas picadas ou com **glacé** de chocolate ou branco.

«MENU» DE CEREMONIA

SOPA TRANSPARENTE

AZEITONAS — AIPO — AMENDOIM SALGADO

FILET DE PEIXE — PEPINOS COM MAYONNAISE

PÃES DIVERSOS

GALLINHA ASSADA

BATATAS A' MILANEZA

CENOURAS E PETITS-POIS EM MOLHO GELADO

SALADA DE GRAPEFRUIT — CREME DE ROQUEFORT

SORVETE — BOLINHOS

FRUTAS — BONBONS

CAFE'

O QUARTO SENTIDO...

OMELETTE DE PREZUNTO — Partem-se duas batatas pelo mesmo processo por que se pica uma cebola, e deitam-se em agua com sal. Toma-se uma fatia de prezunto, e com uma faca muito afiada parte-se em pedacinhos o mais miudos possivel. Pica-se um raminho de salsa, e sobre ella abrem-se dois ou trez ovos, conforme a omelette que se desejar, e batem-se bem. Depois põe-se uma frigideira ao lume, com banha e manteiga, e estando bem quente deitam-se-lhes as batatas que se limpam com um panno; em ellas estando cozidas deita-se-lhe o prezunto, e, quando tudo estiver prompto, deitam-se-lhe os ovos, e enrolam-se como as omelettes vulgares.

BIFES FANTASTICOS — N'uma caçarola deitam-se rodelas de cebola, uns ramos de salsa, um pimento partido ás tiras, rodellas de chouriço e lasquinhas de bom prezunto, a que se tenha tirado o sal, e entre tudo isto collocam-se os bifes que devem ser de bôa carne sem veios, e bem batidos; põe-se a caçarola ao lume, deixando-se cozer tudo a fogo brando. Quando estiver a meia cozedura, deitam-se-lhe ervilhas e um pouco de tomate, passado por um passador. Em estando prompto serve-se guarnecendo a travessa com purée de batata.

BOLO APRESSADO — 3 ovos, o mesmo peso em assucar, manteiga, fecula de batata. Bate-se em primeiro logar a manteiga com o assucar; pouco a pouco se misturam as gemmas, a clara batida em ponto de neve, e, por fim, a fecula. Fôrma untada com manteiga para assar em forno quente.

DOCE DE ABOBORA — 1 kilo de abobora descascada, cortada em pedacinhos e posta a cozinhar numa chicara d'agua. Depois de cozida é que se addicciona assucar, baunilha, canella etc., voltando ao fogo. Desde que principie a apparecer o fundo da panella o doce está prompto.

CODIGO DA ETIQUETA

Na cerimonia do casamento os "garçons" e "demoiselles d'honneur" teem papel importantissimo.

Os "garçons" são escolhidos dentre os irmãos, primos e amigos intimos do noivo.

As "demoiselles" dentre as irmãs, primas e amigas da noiva.

De costume a "demoiselle d'honneur" escolhe o "garçon" que lhe servirá de par. No emtanto, muita vez é isso tarefa dos paes dos noivos.

O irmão do noivo não pode formar par com a propria irmã. Deve, pois, haver trabalho de selecção de pares muito criterioso, levando-se em conta tambem a altura do "garçon" e da "demoiselle", para, quando formados todos os pares, haver homogeneidade.

"Garçons" e "demoiselles d'honneur" serão apresentados uns aos outros, antes da cerimonia do casamento, em festa especialmente preparada para elles.

Outrora cada "garçon" era obrigado a presentear a "demoiselle" com quem ia formar.

As "demoiselles" costumavam carregar apenas bolsa de rendas e seda na mão. Agora usam tambem pequenos "bouquets" rodeados de papel renda, bem no feitio que fez época em 1830.

Os "garçons d'honneur" presenteiam, cada um de per si, o noivo. A noiva é presenteada pelas "demoiselles" da sua côrte.

O primeiro "garçon d'honneur" tem papel saliente na cerimonia do casorio. E' elle quem se deve preoccupar com a organização do cortejo, com os convidados.

Na igreja os pares de "garçons" e "demoiselles" formam semi-circulo perto do altar, os noivos ao centro. Durante o "Credo", offerecendo os rapazes a mão direita ás moças, acompanham-nas para uma collecta, entre os convidados, em beneficio de asylo sob o patrocinio da igreja onde o casamento se realiza. Cada moça leva, por conseguinte, a pequena sacola acima descripta, pendurada ao pulso, antes de esmolar. Quando pede a esmola, a gentil "demoiselle" olha para a physionomia do convidado e nunca para a quantia que lhe é dada.

Os vestidos das "demoiselles d'honneur" são, hoje em dia, feitos de organdi, tafetá, mousseline de seda, todos numa só tonalidade pastel: azul, rosa e verde. Para um casamento á tarde a esvoaçante "toilette" é completada por grande "capeline" do mesmo tecido, enfeitada com as flôres do "bouquet" da mão. Ha noivas que preferem as suas "demoiselles" vestidas tambem de branco. Neste caso, as flôres de guarnição devem ser rosa ou azul.

Os "garçons d'honneur" vestem branco completo ou "smoking", quando o casamento é á noite. Num casamento de grande luxo, a casaca é indispensavel.

COMER BEM

O melhor presente para uma dona de casa. Vale por uma biblioteca de arte culinária, pela variedade e garantia das suas receitas.

A arte de fazer bons pratos é a melhor prenda para a mulher. Ás vezes mais seduz um prato bem preparado que a mais atraente toilete...

Em COMER BEM a senhora encontrará os pratos típicos de tôdas as regiões, as novidades e excelências das cozinhas brasileira, francesa, italiana, americana, alemã, inglesa, russa, etc., em receitas fáceis e ecônomicas. Qualquer pessoa, mesmo as mais inexperientes, poderá compulsar e executar essas receitas com sucesso garantido.

COMER BEM é o mais eficiente, racional e completo de todos os manuais de cozinha existentes. Maravilhas de gôsto para todos os paladares, mesmo os mais exigentes.

EM TÔDAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 639 — SÃO PAULO

C.E.N.-506

JA' PROVOU?...

TORTINHAS DE PRESUNTO E PETITS-POIS

Faça uma massa da seguinte forma: 250 grammas de farinha de trigo. Abra uma cova na farinha, deite ahi uma colhér de manteiga, uma colhér de banha, uma gemma, uma clara, sal e duas colhéres de sopa dagua morna.

Misture estes ingredientes e finalmente junte a farinha.

Misture apenas; descanse 15 minutos e forre as forminhas. Leve ao forno para assar.

Recheie com o seguinte:

Doure uma colhér de manteiga com duas colhéres de farinha. Addicione aos poucos duas chicaras de leite. Condimente com sal e pimenta. Misture duas gemmas, cozinhe bem, junte meia lata de petit-pois e 100 grammas de presunto liquido picado.

Recheie as forminhas e sirva.

PEIXE RECHEADO ASSADO

Tome um peixe de tamanho regular, limpe-o bem com limão, condimente-o com sal, pimenta, coentro e azeite. Abra o peixe e com cuidado retire as espinhas. Passe o condimento por dentro tambem. Prepare o seguinte recheio: refogue 250 grammas de camarões, junte um pão de 100 réis já de antemão posto de môlho em leite, addicione duas gemmas e cozinhe. Condimente com sal e pimenta, misture ovos cozidos, azeitonas e coentro.

Abra o peixe, colloque o recheio, cosa ou pregue palitos cruzando com linha na abertura. Regue com azeite e manteiga e leve ao forno na assadeira e coberto com papel impermeavel.

SOPA A' PORTUGUEZA

500 grs. de tomates, 80 grs. de arroz, 100 grs. de manteiga, 50 grs. de toucinho entremeado, 50 grs. de cenouras, 50 grs. de cebola, meio dente de alho, oito decilitros de **consommé** claro, sal, pimenta, assucar, tomilho e louro. Pôr a frigir em manteiga, numa caçarola, a cebola, a cenoura e o toucinho entremeado, cortados em dados pequenos; quando estiverem quasi fritos accrescentar o tomilho e o louro fragmentados.

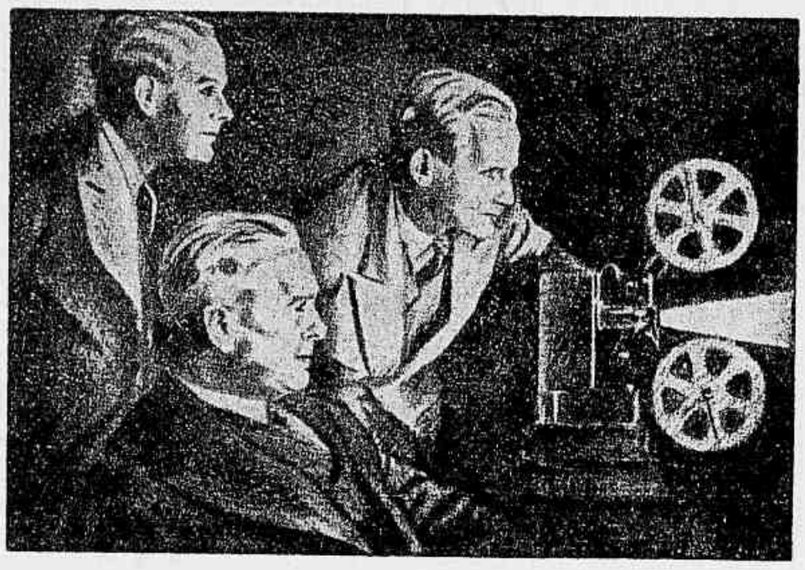
Terminada esta primeira operação, deitar na caçarola os tomates, divididos cada um em duas metades, privados das sementes e grosseiramente picados. Temperar, juntar o alho triturado, uma pitada de assucar e deixar a ferver. Accrescentar o arroz (menos o valor de uma colhér de sopa, reservado para depois). Molhar com duas terças partes de **consommé**. Deixar cozer; cozinhar depois a um canto do fogão, com a caçarola coberta. Passar a **purée** pela peneira, tornar a deital-a na caçarola, depois de esta haver sido lavada, e molhal-a com o resto do **consommé**. Deixar levantar a fervura, rectificar o tempero e addicionar, fóra do lume, o resto da manteiga. Juntar a colhér de arroz que ficou de reserva e que se cozinhou em agua salgada.

SANDWICHES AMERICANOS

2 cebolas pequenas, picadas; 1 chicara de aipo cortado; 1 pimentão verde cortado; 1 chicara de cogumelos cortados; 6 colhéres de sopa de manteiga; 4 colhéres de sopa de farinha; 2 chicaras de leite; 2 colhéres de chá de sal; 3 chicaras de petits-pois; pimenta a gosto. Fatias de pão torrado com manteiga.

Refogue a cebola, o aipo, o pimentão e os cogumelos na manteiga, por 10 minutos, ou até que os legumes fiquem tenros. Salpique com a farinha e mexa até mistural-a bem. Despeje então leite, aos poucos, e ferva até engrossar. Junte o sal, a pimenta e o petit-pois, mexendo ainda o sufficiente para esquentar tudo. Sirva sobre as fatias do pão torrado. Dá para oito pessoas.

FILMAR



E' MAIS FACIL DO QUE PHOTOGRAPHAR

Peçam demonstrações dos nossos apparelhos cinematographicos na

Casa Lohner S. A.

AV. RIO BRANCO, 133 -- Rio de Janeiro

FILIAES E AGENCIAS NAS PRINCIPAES CIDADES

A estrela que guiou os pastores, os reis magos e os crentes até o berço do Menino Jesus, oje indica ás pessoas de bom gosto o presente que mais agrada.

chimène

• CARINHOSO MIMO •

Peça nas melhores perfumarias os elegantes estojos de perfumes

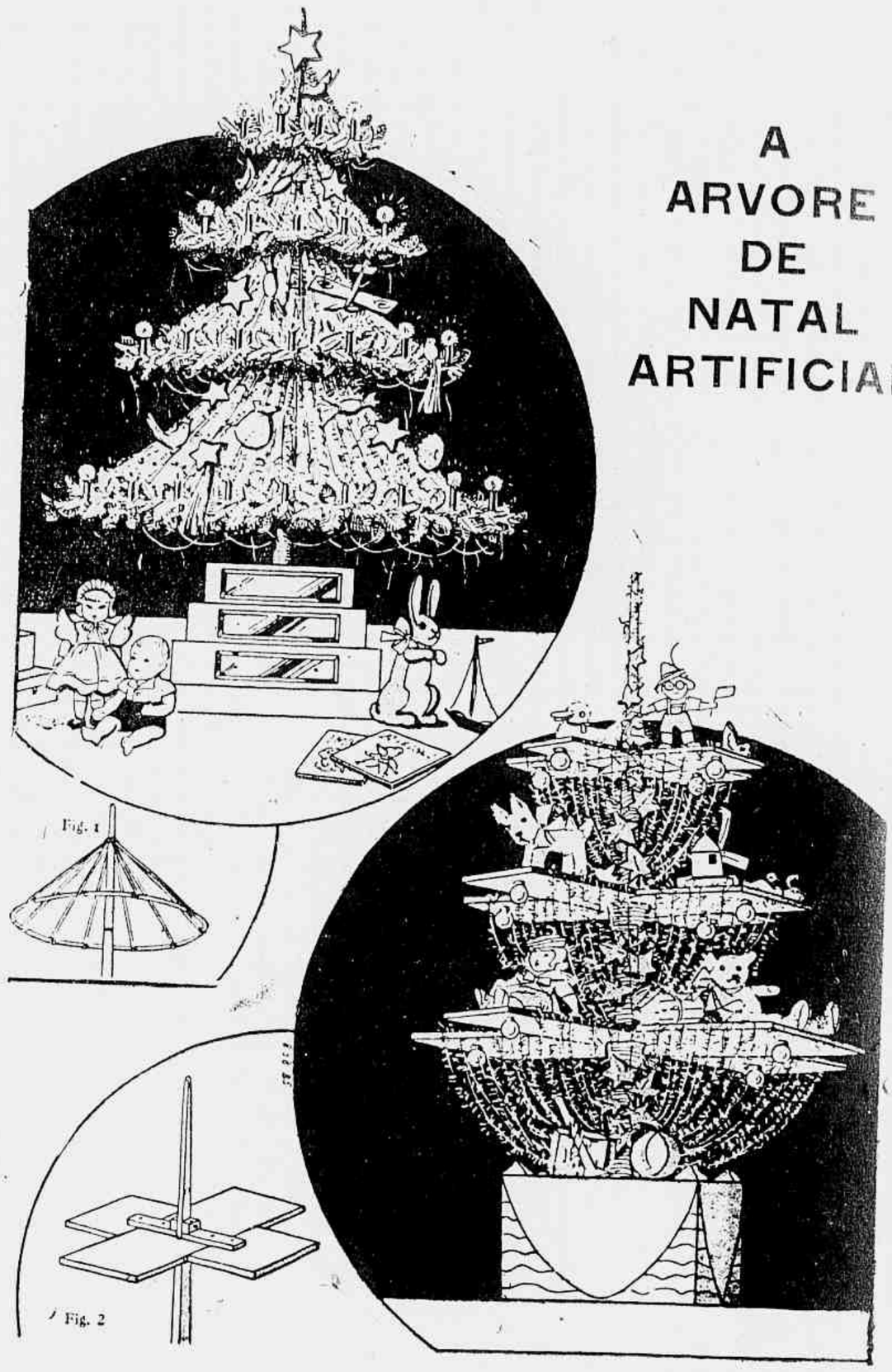
Narciso Verde e 7 de Chimène

da

S/A LES PARFUMS DE CHIMÈNE

SEC. PROP. MATARAZZO - 12/40 - 2k

A ARVORE DE NATAL ARTIFICIAL



A tradicional arvore de Natal de pinheiro é muitas vezes substituida por arvores artificiaes cuja luminosidade é maior.

Na sua construcção foi prevista a passagem de numerosos fios electricos cujas lampadas illuminam muito mais que as velinhas.

Damos aqui dois modelos, ambos de muito facil execução e de effeito feérico, e que podem ser conservados com facilidade para os outros annos.

O primeiro composto de um páo roliço, afinando-se para cima, comporta quatro andares de differentes tamanhos. Cada andar é representado por um cone tendo o aspecto de uma carcassa de **abat-jour** (fig. 1).

Essas armações feitas com arame grosso são fixadas em volta do páo. Para a arvore ficar bem firme, mandar fazer um pedestal de madeira pesado e formando degraus, que se pinta com tinta **laquée** em tons vivos ou em verde. Bem fixado o páo, começa-se a guarnecer o andar de baixo, prendendo fios, cordões prateados do tronco à volta do arco; cobrir o arco com folhagem prateada, depois collocar os castiçaes e prender, ao longo dos arames, estrellas e outros enfeites brilhantes, assim como alguns brinquedos pequenos; vae-se assim arrumando andar por andar até o topo, no qual se colloca uma estrella. A armação de arame assim como o páo devem ser pintados com tinta prateada.

O segundo modelo, mais original, é composto de um páo central; cada andar formado por taboas pregadas como mostra a fig. 2—e cada uma dessas taboas é illuminada por baixo por uma lampada electrica; os tres andares são de tamanhos diversos, serão pintados de verde-claro ou prateado; no tronco coberto com papel prateado ou verde, uma guirlanda de folhas de hera verdes ou prateadas enfeita-o até em cima. Galões de fios prateados partem das prateleiras para se fixarem no tronco. No caixote onde é enterrado o tronco, coberto com papel verde claro, passa-se um pouco de colla sobre elle e espalha-se por cima acido borico. Os brinquedos collocados sobre as taboas dão um aspecto interessante a esta arvore original.

ENCYCLOPEDIA DOMESTICA

CONSELHOS UTEIS

Manchas em mesas polidas: — Por mais cuidadosas que sejam as donas de casa, sempre acontece que um ou outro prato, contendo iguaria quente, consiga transpor para a mesa uma rodela que ahi fica assignalando-se pelo embaciado em contraste com o polimento do resto. Taes manchas desapparecem com a applicação de cinza de charuto ou oleo fino. Depois de certo tempo, enxugar com panno de linho e approximar da rodela uma rolha quente. Em seguida uma flanella secca abrirá o lustro.

Fôrro de baeta e descansos de pratos evitam manchas no polimento ou encerado das mesas.

◆

As manchas de leite, nas mesas, sáem quando friccionadas com um pouco de borax de mistura com cêra da côr respectiva e pano macio.

O mesmo preparado corrige os riscos dos moveis.

MOFO NOS MOVEIS

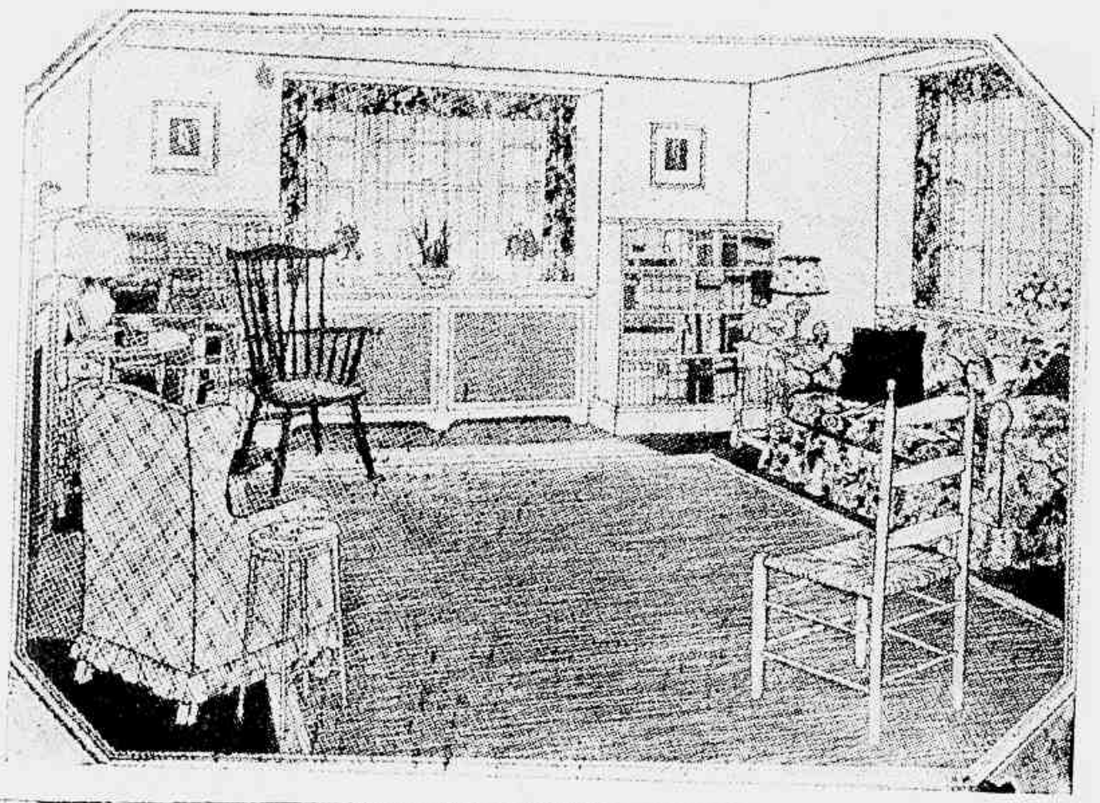
Calor do sol — calor indispensavel tambem á saúde dos corpos humanos e calor de fogo acabam com o môfo nos moveis, quer externa quer internamente.

ORNAMENTAÇÃO DO LAR

"Carnet" illustrado da "ménagère"

Uma toalha de renda verdadeira — Milão e motivos de Veneza — uma pequena jarra em crystal trabalhado no mesmo gosto, eis a nota de mais distincção, nas mesas do chá servido em salas de visitas, nos dias de recepção cerimoniosa.

ESTA' AHI O VERÃO...



Um interior de casa de campo, mobilado com mobiliario rustico, tecidos de chita, esteiras, etc., e que resulta um conjunto de harmonia e bom gosto.

CRAVOS e espinhas que se accumulam em certas partes do rosto são um perigo constante, que cumpre evitar, em beneficio da belleza das feições. A pelle flacida, sem viço, que começa a encarquilhar-se prematuramente, é campo propicio ao apparecimento de espinhas, cravos e outras imperfeições. Para fortalecer a pelle, revigorando os tecidos, use Rugól em massagens nas faces, na testa e no pescoço. Rugól penetra profundamente nas camadas subcutaneas e fortifica os tecidos, dando viço e belleza á cutis. Use Rugól como seu creme de belleza, retirando o excesso com uma toalha secca ou humida e depois de enxuto poderá fazer sua "maquillage" ou applicar o pó de arroz para sahir. Á noite, antes de se deitar, retire com uma toalha humidecida o creme usado durante o dia. Depois, lave bem o rosto e applique nova camada de Rugól. Em pouco tempo sua cutis terá de novo o aspecto sadio da juventude.

DOÇURAS DO LAR

GELEIA DE MAÇÃ

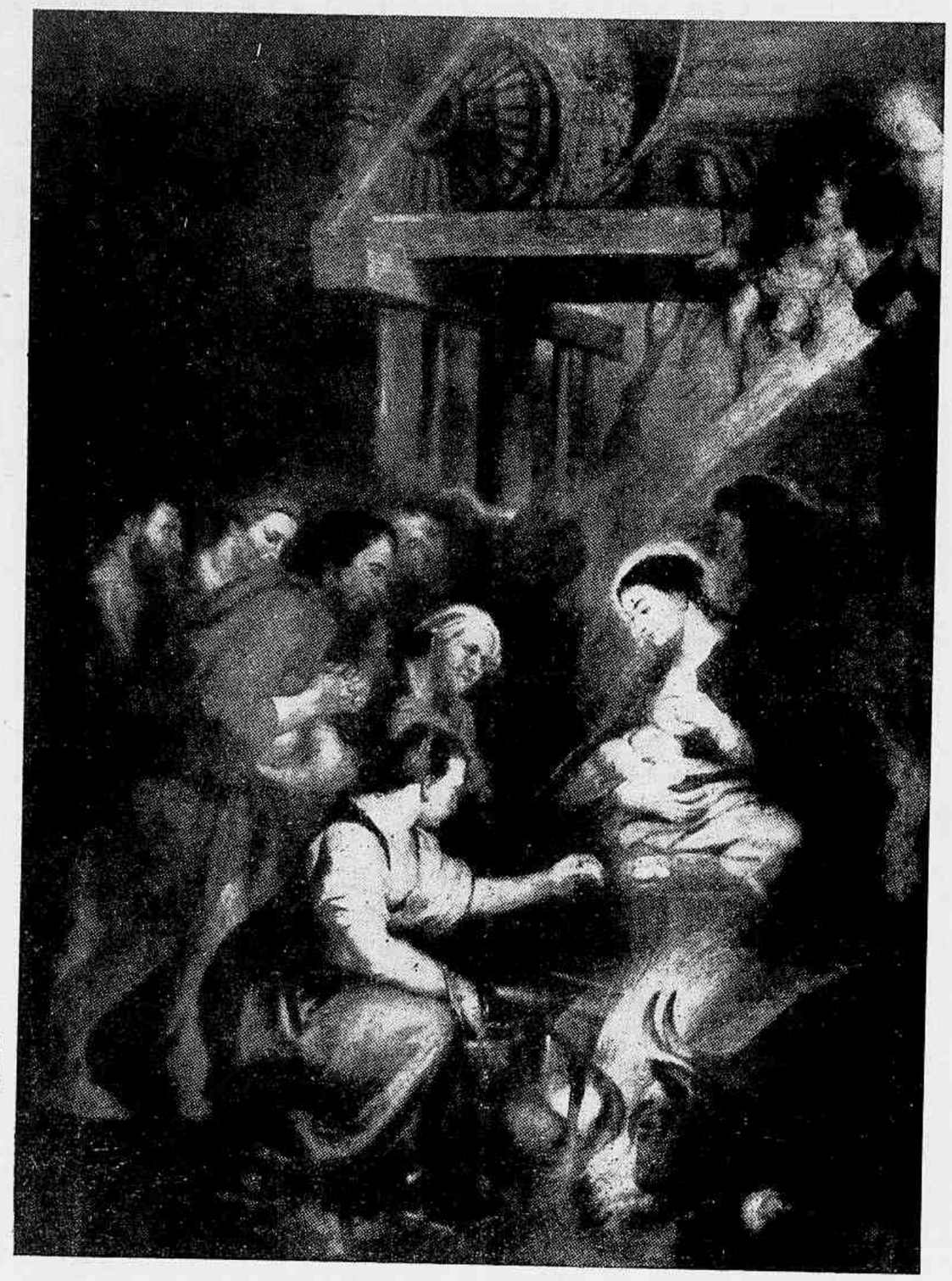
Descascam-se maçãs reinetas, não muito maduras. Cortam-se ao meio e deitam-se em bastante agua com summo de limão. Passado algum tempo tiram-se desta agua e põem-se noutra em quantidade bastante para cozerem Vão para um lume forte e deixam-se cozer sem se lhes mexer. Quando estão bem cozidas põem-se numa peneira a escorrer.

Pesa-se a agua e pesa-se egual porção de assucar. Perfuma-se querendo com casca de limão ou baunilha. Leva-se a agua ao lume com o assucar e tem-se de vigiar bem por causa do ponto. Está no ponto quando mettendo-se dentro uma escumadeira e levantando-a parece querer gelar o xarope que cae. Pode levar 25 minutos ou mais a ir ao ponto.

SOPA DOURADA

Miolo de pão, 100 grammas; assucar refinado, 500 grammas; gemmas de ovos, 10; amendoas doces pisadas, 100 grammas e canella em pó. Corta-se o miolo de pão em pequenos quadrados e leva-se ao lume a fritar em manteiga; depois de frito deita-se no assucar que deve estar em ponto de fio, deixa-se ferver um pouco e tira-se do lume; juntam-se-lhe, depois de ter arrefecido, as gemmas de ovos batidos e as amendoas pisadas; mistura-se tudo e vae ao lume até engrossar. Serve-se polvilhado com canela.

OS PRESEPIOS



RUBENS (1577 - 1640) "ADORAÇÃO DOS PASTORES". Quadro do Museu de Bellas-Artes de Rouen.

O presepio sob a forma rustica e realista foi imaginado por São Francisco de Assis, segundo a tradição, mas generalisou-se sómente no seculo XVI. Mas os elementos que o constituem já estavam fixados ha muito tempo como as esculpturas e as pinturas provam.

As obras de arte immobilisadas nos retabulos, porticos e paineis não eram objectos de um culto especial como as evocações da Natividade, em volta das quaes o povo fiel das outras éras reunia-se para rezar na época do Natal. Umas formavam conjunctos estabelecidos uma vez por todas, executados por verdadeiros esculptores numa capella reservada. Outros presepios eram encantadoras invenções da fé popular, com suas peças soltas, cuja ordem variava segundo o gosto daquelles que se encarregam de armar o presepio.

Um dos presepios mais antigos dos que foram conservados é o de Chaource (França) do seculo XVI; comporta uma duzia de figuras moveis, com uma vida, uma verdade dum encanto imprevisto. Os pastores de calças compridas com cartolas, o rei Mago, um verdadeiro turco, o jumento e o boi fariam honra ao melhor esculptor moderno de animaes. O pequeno tocador de gaita de folle tem a delicadeza dum Donatello; Maria e José, na sua gravidade, lembram o grande estylo das figuras de Reims e de Chartres. Poder-se-ia grupar estas figuras de diversas maneiras, sem romper a harmonia das suas relações, nem a intima effusão da sua união. Compõem uma familia unida por um amor commum.

O presepio de Santa-Maria de Oloron, do seculo XVII, é mais exterior; Nossa Senhora e São José, o Menino Deus e o boi são executados num mesmo bloco, curiosamente decorativo, mas as mulheres, os pastores estão em figuras separadas e podem mudar de lugar, tendo muita vida.

No fim do seculo de Luiz XIV, o natural dá lugar ao pinturesco, e no seculo seguinte o pinturesco á affectação. Sacrifica-se a emoção á ostentação e a figura ao enfeite. E' a época dos presepios de luxo. A acção perde-se no scenario cuja importancia vae crescendo. Quanto mais commovente o presepio de terra-cota que se póde ainda admirar no Museu de Cluny, com suas minuciosas mas artisticas figuras! sessenta estão alli reunidas. Mas de uma arte mais pura é o pequeno presepio de bronze que é exposto todos os annos na Igreja de São Sulpicio, na capella da Virgem (Paris). Obra de um grande cinzelador do anno de 1778.

A voga das **marionnettes** fez com que os presepios fossem tambem animados com **marionnettes**. Havendo presepios mecanisados, bastava metter uma moeda numa fenda ou apertar botão para que o Menino Jesus estendesse os braços para os reis Magos. Na Austria e na Baviera foram realisados presepios neste typo dos mais perfeitos. Os que viram em Salzbourg, nos jardins de Hellbrun, maravilhoso theatro de automatos movidos pela agua podem fazer uma ideia da celebre **Marionnettenkrippe** do Alto Tyrol.

O menor grupo inerte de figuras de madeira ou de massa será sempre mais expressivo no seu secreto recolhimento. Tal o presepio de Jaufenthaler que se encontra no museu de Vienna, o mais celebre dos presepios tyrolianos, o mais povoado tambem: 256 personagens, 154 animaes. Taes tambem os presepios de Absam e de Bozen que fazem parte da collecção doada ao Museu de Munich por um erudito colleccionador. Paisagens, monumentos, perspectivas, effeitos de luzes, nenhum artificio falta, toda a vida local duma aldeia tyroliana desenrola-se, evocada em traços precisos e encantadores. De facto é o paiz dos presepios. No Tyrol bavaro e austriaco, todos os montanhezes de outróra esculpiam a madeira. Nenhum deixava de esculpir uma figura para o presepio. Esta arte primitiva não morreu ainda.

Os velhos junto á lareira, o rapaz guardando as cabras continuam a esculpir os personagens dos presepios. Essas figuras são depois pintadas, vestidas, e arrumado o presepio com sua mangedoura, suas subidas na montanha, tudo coberto com musgo e todas as figuras que sua imaginação colloca junto á Mãe e o Divino Menino.

Na Italia, especialmente Napoles rivalisa com o Tyrol nesta arte primitiva. Vêem-se presepios gigantescos, com personagens de tamanho natural, scenarios de theatro com casas, lojas, e toda uma população de gente e animaes.

Temos tambem as nossas tradições, não sómente vae-se adorar o Menino Jesus nos presepios das igrejas, como muitas são as familias que conservam seus presepios com mais ou menos figuras, mas que são armados com a mesma fé e carinho como que o fizeram seus antepassados, na vespera de Natal, ficando em exposição até ao dia de Reis.

PSYCHOLOGIA DE "REVEILLON"

Os homens preferem as louras... **champagne** ás **castanhas.**

Na hora que **passa,** uma **cabeça de avelã** regula mais do que **nós.**

Não pense em **figos,** trate de conseguir **figas** para entrar o Anno Novo com o pé direito.

Com a crise, a **Arvore do Natal** é a macieira... do Paraiso. Só dá fruto prohibido.

As mulheres de olhos de **amendoa** são as que fazem mais vista por esta época.

Pinheiro é o nome do dia na vespera do Natal.

R.

CURIOSIDADES DA NOITE DE NATAL

No theatro Drury Lane, de Londres, ha cerca de cem annos se observa um uso interessantissimo: o córte do bolo de Baddeley.

Roberto Baddeley, que viveu ha um seculo, iniciou sua vida como cozinheiro; depois ingressou na scena, onde attingiu a celebridade interpretando o papel de **Moysés** na **Escola do Escandalo.**

Esse artista deixou dois mil e quinhentos francos, cujos **juros,** annualmente, são empregados na compra de um bolo e algumas garrafas de vinho, que os actores comem e bebem no salão verde do theatro, a 25 de Dezembro em homenagem á memoria de Baddeley.

RECORTE E GUARDE

COLA TUDO, FEITA EM CASA

Uma cola-tudo bem facil de arranjar e propria para concertar louça partida, faiança e até mesmo objectos de metal, poderá ser obtida da seguinte maneira:

Misture-se em partes eguaes uma porção de gesso com uma porção de gomma arabica bem pulverisada e, sempre que seja necessario utilizar esta mistura, basta tirar uma pequena porção, addicionar-lhe algumas gottas de agua quente, formando assim uma pasta que, collocada nas arestas do objecto partido, fixal-o-á de uma maneira definitiva a ponto de poder mesmo ser lavado em agua quente sem se descolar de novo.

HOMEOPATIA que se recomenda pela procedencia, nome e efeitos terapeuticos. Medicamentos infaliveis, com indicação e modo de usar:

Duartina — Tonico. Para anemia e dispepsia.
Essencia bened. - Para dôres de dentes e ouvidos.
Gypsum bras. — Para crianças na dentição.
Oleo Bacalhau — Fortificante. Para anemia.
Rosalina — Para tosses e coqueluche.
Talcocalendula — Para erupções da pele.
Hemofluidina — Para arterioesclerose.

HOMEOPATIA Almeida Cardoso & Cia.
Av. Marechal Floriano, 11 — Rio
Procure nas farmacias e drogarias. Peça GUIA gratis.

KOLKIN

FORTIFICANTE MODERNO, O AMIGO DE TODOS NÓS

KOLKIN

trouxe saúde, vida e alegria para o meu lar.

ficará sempre em primeiro lugar

um BOM Presente!
DELIO SA'
Cigarros
Hollywood
CIA SOUZA CRUZ
CIA SOUZA CRUZ